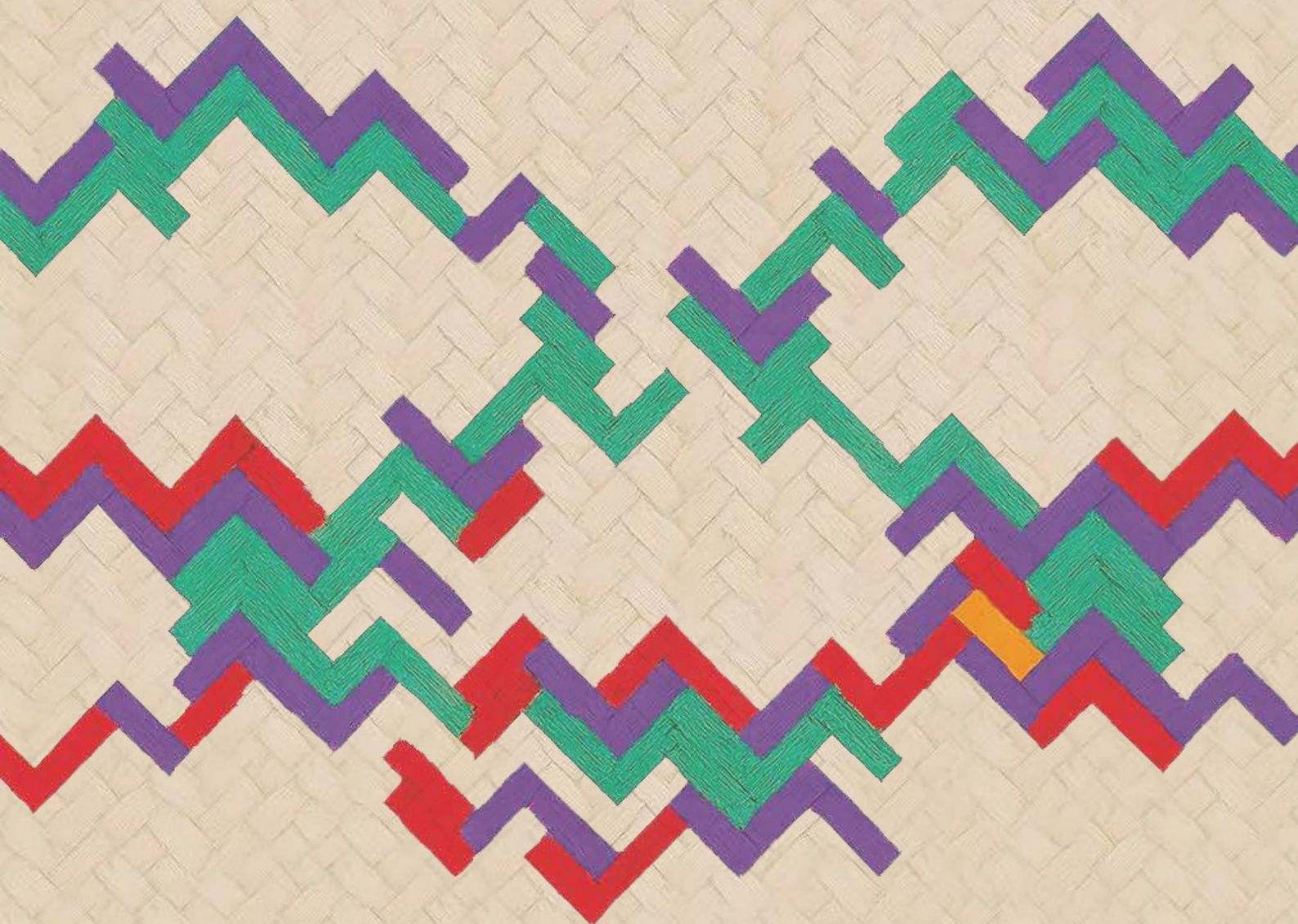


**“TRAJETÓRIAS, CRIAÇÕES E OS PROCESSOS DE
ATUAÇÃO FEMININA NA CENA CULTURAL DE BELÉM
- A CRIAÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO FEMININO”**

URSULA CELESTE TAVARES BAHIA DE JESUS



**BELÉM - PARÁ - BRASIL - AMAZÔNIA
2025**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES – PPGARTES

URSULA CELESTE TAVARES BAHIA DE JESUS

**“TRAJETÓRIAS, CRIAÇÕES E OS PROCESSOS DE ATUAÇÃO FEMININA NA CENA
CULTURAL DE BELÉM - A CRIAÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO FEMININO”**

BELÉM - PARÁ - BRASIL - AMAZÔNIA
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES – PPGARTES

URSULA CELESTE TAVARES BAHIA DE JESUS

“TRAJETÓRIAS, CRIAÇÕES E OS PROCESSOS DE ATUAÇÃO FEMININA NA CENA CULTURAL DE BELÉM - A CRIAÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO FEMININO”

Projeto artístico equivalente à dissertação de mestrado, apresentado ao programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará como requisito para obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Romariz Sequeira

Linha de pesquisa 1: Poéticas e Processos de Atuação em Artes

BELÉM - PARÁ - BRASIL - AMAZÔNIA
2025



INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

**ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ.**

Aos três (03) dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e cinco (2025), às dez (10) horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade Federal do Pará, reuniu-se sob a presidência do orientador professor doutor Alexandre Romariz Sequeira, conforme o disposto nos artigos 73 ao 77 do Regimento do Programa de Pós-Graduação em Artes, para presenciar a defesa oral de Dissertação de Ursula Celeste Tavares Bahia de Jesus, intitulada: “TRAJETÓRIAS, CRIAÇÕES E OS PROCESSOS DE ATUAÇÃO FEMININA NA CENA CULTURAL DE BELÉM - A CRIAÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO FEMININO”. Perante a Banca Examinadora, composta por: Alexandre Romariz Sequeira (Presidente), Sávio Luís Stoco (Examinador Interno), Marisa de Oliveira Mokarzel (Examinador Externo à Instituição). Dando início aos trabalhos, o professor doutor Alexandre Romariz Sequeira, passou a palavra à mestranda, que apresentou a dissertação, com duração de trinta minutos, seguido pelas arguições dos membros da Banca Examinadora e as respectivas defesas pela mestranda, após o que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reiniciada a sessão, foi lido o parecer, resultando em **reprovação () aprovação ()**. A aprovação do trabalho final pelos membros será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pela mestranda, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, o professor Alexandre Romariz Sequeira agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão. A presente ata que foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da banca e pela mestranda. Belém-Pa, 03 de agosto de 2025.

Documento assinado digitalmente



ALEXANDRE ROMARIZ SEQUEIRA
Data: 22/09/2025 14:04:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Alexandre Romariz Sequeira (Presidente)

Documento assinado digitalmente



SAVIO LUIS STOCO
Data: 22/09/2025 21:32:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Sávio Luís Stoco (Examinador Interno)

Marisa de Oliveira Mokarzel (Examinador Externo)

Documento assinado digitalmente



URSULA CELESTE TAVARES BAHIA DE JESUS
Data: 29/09/2025 13:01:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ursula Celeste Tavares Bahia de Jesus (Discente)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B151t Bahia De Jesus, Ursula Celeste Tavares.
TRAJETÓRIAS, CRIAÇÕES E OS PROCESSOS DE
ATUAÇÃO FEMININA NA CENA CULTURAL DE BELÉM : A
CRIAÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO FEMININO / Ursula
Celeste Tavares Bahia De Jesus. — 2025.
228 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Alexandre Romariz Sequeira
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-Graduação em
Artes, Belém, 2025.

1. Documentário. 2. Produtoras Culturais - Belém (PA). 3.
Processo artístico. 4. Cena cultural - Belém (PA). I. Título.

CDD 778.5

**Às mulheres Negras e Indígenas que sempre
buscam seu sol dentro das artes.**

Ursula Bahia

AGRADECIMENTOS

A Deus;

A minha mamãezinha Raimunda Tavares Bahia e meu pai Raymundo das Mercês de Jesus (in memorian);

A meus irmãos Carlos Frederico e Numa Pompilho;

As mulheres que fizeram parte desse projeto acadêmico: Joyce Cursino, Heldilene Reale e Makiko Akao;

Aos membros da minha equipe de filmagem: Alexandre Sequeira, Alexandre Matos, André Butter, Daniel Clemente, Fred Bahia, Ingrid Gomes, Raimunda Bahia, Victor Peixe, Vitor Oliveira e Maycon Nunes;

Aos parceiros que apoiaram este projeto: Jack Carvalho, Ná Figueredo e Panificadora Vilpan.

A meu amigo, irmão, incentivador e padrinho artístico Guy Veloso por me aturar e ajudar muitas vezes nesta trajetória artística e principalmente estar me ensinando;

A meu Orientador Dr. Prof. Alexandre Sequeira por acreditar em mim e me guiar por essa trajetória muito desejada;

Aos professores da minha banca Dra. Prof.ª Marisa Mokarzel e Dr. Prof. Sávio Stoco;

Aos meus professores do PPGARTES e principalmente ao prof. Francisco Smith por me apoiar emocionalmente e sempre me incentivar;

A meus familiares que sempre torceram pelo meu percurso; Aos colegas de classe;

A meus amigos que desde minha infância, adolescência e vida adulta que apoiam minha trajetória artística;

A meu amigo Afonso Gallindo (in memorian) por ser meu primeiro incentivador a criar a logomarca e definição do que é o Ateliê Jupati Galeria de Arte Multicultural;

A todas as pessoas e artistas que passaram pela trajetória do Ateliê Jupati Galeria de Arte Multicultural;

Ao público e seguidores do Ateliê Jupati que a cada edição prestigiam as minhas programações.

Ao Projeto Circular Campina Cidade Velha pela parceria e acreditar na minha ideia da galeria e espaço de multicultural;

A todos os profissionais do Programa de Pós-Graduação em Artes – UFPA, em especial à bibliotecária Larissa Lima pela disponibilidade em atender minhas demandas estudantis, acadêmicas e literárias;

Ao Governo Federal do Brasil representado pela CAPES por apoiar a Educação Brasileira com a bolsa;

E ao Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva por incentivar a educação criando bolsas como a minha para estudantes que precisam se dedicar a seus estudos.

Viva o Brasil!!!! O Brasil é dos Brasileiros!!!

RESUMO

Este memorial reúne o percurso de elaboração de um documentário que trata das trajetórias e criações de quatro mulheres produtoras culturais, articuladoras, artistas, empreendedoras e seus espaços multiculturais independentes na cena cultural de Belém do Pará, Amazônia Brasil. Partindo de entrevistas, o documentário reflete e expõe a colaboração de suas ações, bem como as produções artísticas. As entrevistadas são Makiko Akao, curadora e produtora cultural; Heldilene Reale, artista, educadora, curadora e produtora cultural; Joyce Cursino, jornalista, produtora cinematográfica e atriz e eu Ursula Bahia — enquanto artista, produtora cultural e pesquisadora. A questão geradora desse processo criador parte da consciência de meu trajeto formador enquanto galerista, curadora, empreendedora cultural, arte-educadora, fotógrafa e produtora cultural, associada ao movimento de atuação do Ateliê Jupati Galeria de Arte Multicultural, como meu processo artístico, a partir dele e de minha condição de mulher negra, somar com a experiência de outras mulheres.

Palavras-chave: documentário; produtoras culturais; Belém; processo artístico, cena cultural de Belém.

RESUMEN

Este memorial narra el desarrollo de un documental que explora las trayectorias y creaciones de cuatro productoras, organizadoras, artistas y emprendedoras culturales, así como sus espacios multiculturales independientes en la escena cultural de Belém do Pará, en la Amazonía brasileña. A partir de entrevistas, el documental refleja y expone el trabajo colaborativo de sus acciones, así como sus producciones artísticas. Las entrevistadas son Makiko Akao, curadora y productora cultural; Heldilene Reale, artista, educadora, curadora y productora cultural; Joyce Cursino, periodista, productora de cine y actriz; y yo, Ursula Bahia, como artista, productora cultural e investigadora. El principio rector de este proceso creativo proviene de mi propia trayectoria formativa como galerista, curadora, emprendedora cultural, educadora artística, fotógrafa y productora cultural, asociada al movimiento de la Galería de Arte Multicultural Ateliê Jupati, y de cómo mi proceso artístico, basado en esto y en mi condición de mujer negra, combina las experiencias de otras mujeres.

Palabras clave: documental; productores culturales; Belém; proceso artístico.



Agradeço a CAPES, por fomentar a pesquisa de uma artista pesquisadora negra. Sem a bolsa e sem a política de ações afirmativas, teria encontrado ainda mais obstáculos neste processo de formação.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel - Brazil (CAPES) – Finance Code 001.

LISTA DE IMAGENS

Foto 1 - Fotografia: Wagner Santana	14
Foto 2 - Fotografia: Fernando Segtowick	29
Foto 3 - Fotografia: Ingrid Gomes	32
Foto 4 - Fotografia: Alexandre Matos	33
Foto 5 - Fotografia: Alexandre Matos	33
Foto 6 - Fotografia: Ingrid Gomes	37
Foto 7 - Fotografia: Alexandre Matos	44
Foto 8 - Fotografia: Alexandre Matos	44
Foto 9 - Fotografia: Alexandre Matos	45
Foto 10 - Fotografia: Alexandre Matos	45
Foto 11 - Fotografia: Ingrid Gomes	46
Foto 12 - Fotografia: Ingrid Gomes	46
Foto 13 - Fotografia: Alexandre Matos	47
Foto 14 - Fotografia: Alexandre Matos	47
Foto 15 - Fotografia: Natan Garcia	51
Foto 16 - Fotografia: Ingrid Gomes	52
Foto 17 - Fotografia: Natan Garcia	52
Foto 18 - Fotografia: Natan Garcia	53
Foto 19 - Foto: Heldilene Reale	53
Foto 20 - Fotografia: Miguel Chikaoka	55
Foto 21 - Fotografia: Miguel Chikaoka	56
Foto 22 - Fotografia: Miguel Chikaoka	56
Foto 23 - Fotografia: Miguel Chikaoka	56
Foto 24 - Fotografia: Alexandre Matos	58
Foto 25 - Fotografia: Alexandre Matos	58
Foto 26 - Fotografia: Alexandre Matos	59
Foto 27 - Fotografia: Alexandre Matos	59
Foto 28 - Fotografia: Alexandre Matos	60
Foto 29 - Fotografia: Ursula Bahia	62
Foto 30 - Fotografia: Ursula Bahia	63

Foto 31 - Fotografia: Ursula Bahia	63
Foto 32 - Fotografia: Ursula Bahia	64
Foto 33 - Fotografia: Rao Godinho	64
Foto 34 - Fotografia: Alexandre Matos	68
Foto 35 - Fotografia: Alexandre Matos	70
Foto 36 - Fotografia: Alexandre Matos	72

LISTA DE FIGURAS

Tabela 1	47
Figura 1 - Logomarca do Espaço Cultural Candeeiro	50
Figura 2 - Logomarca da Kamara Kó Galeria	53
Figura 3 - Logomarca do Espaço EcoAmazonias/Negritar	56
Figura 4 - Logomarca do Logomarca do Ateliê Jupati	56

SUMÁRIO

1. A TRAJETÓRIA NAS ARTES: O LUGAR DE FALA DE UMA ARTISTA E NOVOS PROCESSOS E DESCOBERTAS	19
2. ESPAÇOS DE FALA FEMININA NA CENA CULTURAL DE BELÉM	28
2.1 PROCESSO ARTÍSTICO	30
2.2 A EQUIPE	36
2.3 PROPOSTA DE DOCUMENTÁRIO	40
2.4 BREVE CRONOLOGIA DO SURGIMENTO DE ESPAÇOS MULTICULTURAIS GERIDOS POR MULHERES	51
2.5 ESPAÇO CULTURAL CANDEEIRO- HELDILENE REALE	52
2.6 KAMARA-KÓ GALERIA - MAKIKO AKAO	57
2.7 ESPAÇO ECOAMAZONIAS/NEGRITAR - JOYCE CURSINO	60
2.8 ATELIÊ JUPATI GALERIA DE ARTE MULTICULTURAL - URSULA BAHIA	64
3. A ATIVAÇÃO CULTURAL A PARTIR DE REDES DE PERTENCIMENTO E AFETO	68
3.1 REFLEXÕES SOBRE SIMILITUDES E SINGULARIDADES NA ATUAÇÃO DE MULHERES NA CENA CULTURAL EM BELÉM: O DIÁLOGO COMO EIXO PARA A EDIÇÃO DO VÍDEO POÉTICO-DOCUMENTAL	71
3.1.1 HELDILENE E EU	72
3.1.2 MAKIKO E EU	75
3.1.3 JOYCE CURSINO E EU	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	86
LINKS E SITES	87
ANEXOS	89



INTRODUÇÃO

“TRAJETÓRIAS, CRIAÇÕES E OS PROCESSOS DE ATUAÇÃO FEMININA NA CENA CULTURAL DE BELÉM - A CRIAÇÃO DE UM DOCUMENTÁRIO FEMININO” é um memorial que reúne o percurso de elaboração de um filme documentário.

O documentário avança na compreensão de como é o processo dessas mulheres dentro da cena da arte paraense e a criação de seus espaços culturais. Procura conhecer a paixão que as move, e as tribulações nesse percurso. E, num campo mais concreto, como se deu a interação artística dentro desses espaços. Aborda ainda as dificuldades do mercado de arte, e como esse mesmo mercado e a cena cultural de Belém receberam essas novas casas de arte. Por fim, questiona o futuro que cada uma delas almeja para si e para seus espaços.

Conhecendo a luta dessas mulheres, decidi escolhê-las. Elas são meus referenciais na arte, na produção cultural e na cena cultura local, não à toa que compartilho de muitas ações que elas produzem. No processo documental, pude vislumbrar semelhanças e diferenças do que passamos no caminho de gerir um espaço independente, e o que cada uma pensa sobre o cenário para as mulheres na cena cultural de Belém.

O primeiro capítulo, intitulado *A TRAJETÓRIA NAS ARTES: UM LUGAR DE FALA DE UMA ARTISTA EM NOVOS PROCESSOS E DESCOBERTAS*, é o relato de minha trajetória como fotógrafa, arte-educadora, galerista, curadora, produtora cultural desde o começo da minha carreira, saída de Belém, em 2003 e meu retorno a Belém em 2015 (12 anos) quando volto a morar na capital Paraense, após uma temporada passada nas cidades de Belo Horizonte/MG e São Paulo/SP e, com as “mudanças e descobertas” na cena, percebo que teria que mudar a minha trajetória e buscar novos rumos para continuar atuando em Belém, e quem sabe ser mais reconhecida pelo meu trabalho por meus pares tendo como referencial Grada Kilomba¹.

¹ GRADA KILOMBA

No segundo capítulo, ESPAÇOS DE FALA FEMININA NA CENA CULTURAL DE BELÉM, tecerei o meu processo artístico deste documentário passando por um breve cronologia do surgimento de espaços multiculturais geridos pelas entrevistadas. São eles: Espaço Cultural Candeeiro, Heldilene Reale²; Kamara-Kó Galeria, Makiko Akao³; Espaço EcoAmazoniaS/Negritar/Ex-Casa; Sumaúma, Joyce Cursino⁴; e o Ateliê Jupati Galeria de Arte Multicultural, eu, Ursula Bahia⁵. Por fim, comento sobre a importância do movimento femininos na cena cultural a partir de Adriana Barbosa⁶, e como referências Bill Nichols⁷, Sérgio Puccini⁸ e Fernão Pessoa Ramos⁹.

A ATIVAÇÃO CULTURAL A PARTIR DE REDES DE PERTENCIMENTO E AFETO, será o terceiro capítulo que trará reflexões sobre as similitudes e singularidades na atuação de mulheres na cena cultural de Belém, tendo o diálogo como eixo para a edição do vídeo poético-documental. Encerro fazendo observações sobre arte como experiência e arte

Portuguesa é uma escritora, psicóloga, teórica e artista interdisciplinar portuguesa reconhecida pelo seu trabalho que tem como foco o exame da memória, trauma, gênero, racismo e pós-colonialismo e está traduzido em várias línguas, publicado e encenado internacionalmente. Fonte: Google;

² HELDILENE REALE

Prof. De artes Visuais da FAV/UFPA é também artista multimídia, galerista, curadora e produtora cultural. Fonte: Ursula Bahia;

³ MAKIKO AKAO

Galerista, produtora cultural e curadora em Belém do Pará, proprietária da Galeria Kamara Kó em sociedade com Miguel Chikaoka seu ex-marido, idealizadora do Projeto Circular Campina Cidade Velha, Japonesa de nascimento reside em Belém a mais de 40 anos. Fonte: Ursula Bahia;

⁴ JOYCE CURSINO

Jornalista, atriz, produtora cultural e produtora cinematográfica empreendedora cultural. Fonte: Ursula Bahia;

⁵ URSULA BAHIA

Fotojornalista, Arte-Educadora, Empreendedora Cultural, Galerista, Curadora. Fonte: Ursula Bahia;

⁶ ADRIANA BARBOSA

Gestora de eventos, escritora e criadora da Feira Preta o maior evento de empreendedorismo feminino negro no Brasil. Fonte: (<https://online.pucrs.br/blog/public/quem-e-adriana-barbosa-biografia>);

⁷ BILL NICHOLS

Americano de nascimento é crítico de cinema e teórico americano mais conhecido por seu trabalho pioneiro como fundador do estudo contemporâneo do documentário. Seu livro de 1991, *Representing Como pensar em uma Reality: Issues and Concepts in Documentary*, aplicou a teoria do cinema moderno ao estudo do documentário pela primeira vez. Fonte: ([https://en-m-wikipedia-org.translate.google.com/wiki/Bill_Nichols_\(film_critic\)?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc](https://en-m-wikipedia-org.translate.google.com/wiki/Bill_Nichols_(film_critic)?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc));

⁸ SÉRGIO PUCCINI

Professor adjunto do Bacharelado em Cinema e Audiovisual, do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens do Instituto de Artes e Design da UFJF e do International Master in Audiovisual and Cinema Studies - IMACS/PPG-ACL. Possui graduação em Artes Plásticas pela Universidade Estadual de Campinas, mestrado e doutorado em Mídias pela Universidade Estadual de Campinas. Pós-doutor pela Université Sorbonne Nouvelle? Paris 3, com bolsa da FAPEMIG. Fonte:

(http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do;jsessionid=338B1D5361BDE58DD4FAE247F9BF8FA5.busc atextual_0);

⁹ FERNÃO PESSOA RAMOS

Professor titular do departamento de cinema do Instituto de Artes da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) e pesquisador CNPQ. Foi presidente fundador da SOCINE (Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema), dirigindo a entidade entre 1997 e 2001. Fonte: https://portal.dados.unicamp.br/perfil?origem=&docente=248720&sigla_unidade=IA&nome_unidade=INSTITUTO%20DE%20ARTES&nome_programa=

relacional, um breve histórico a partir de John Dewey¹⁰ e da importância do papel da mulher nesta cena, tendo como referências Bell Hooks¹¹.

E, nas considerações finais, discorro sobre a importância da mulher dentro da cena cultural, mostrando como sua atuação feminina e o crescimento. É onde evidencio os desafios enfrentados para fazer o documentário e sua contribuição às reflexões em torno do papel da mulher na cena cultural e na gestão de projetos e espaços multiculturais em Belém do Pará.

Foto 1 - Fotografia: Wagner Santana



Ursula Bahia Fonte: Arquivo Ursula Bahia

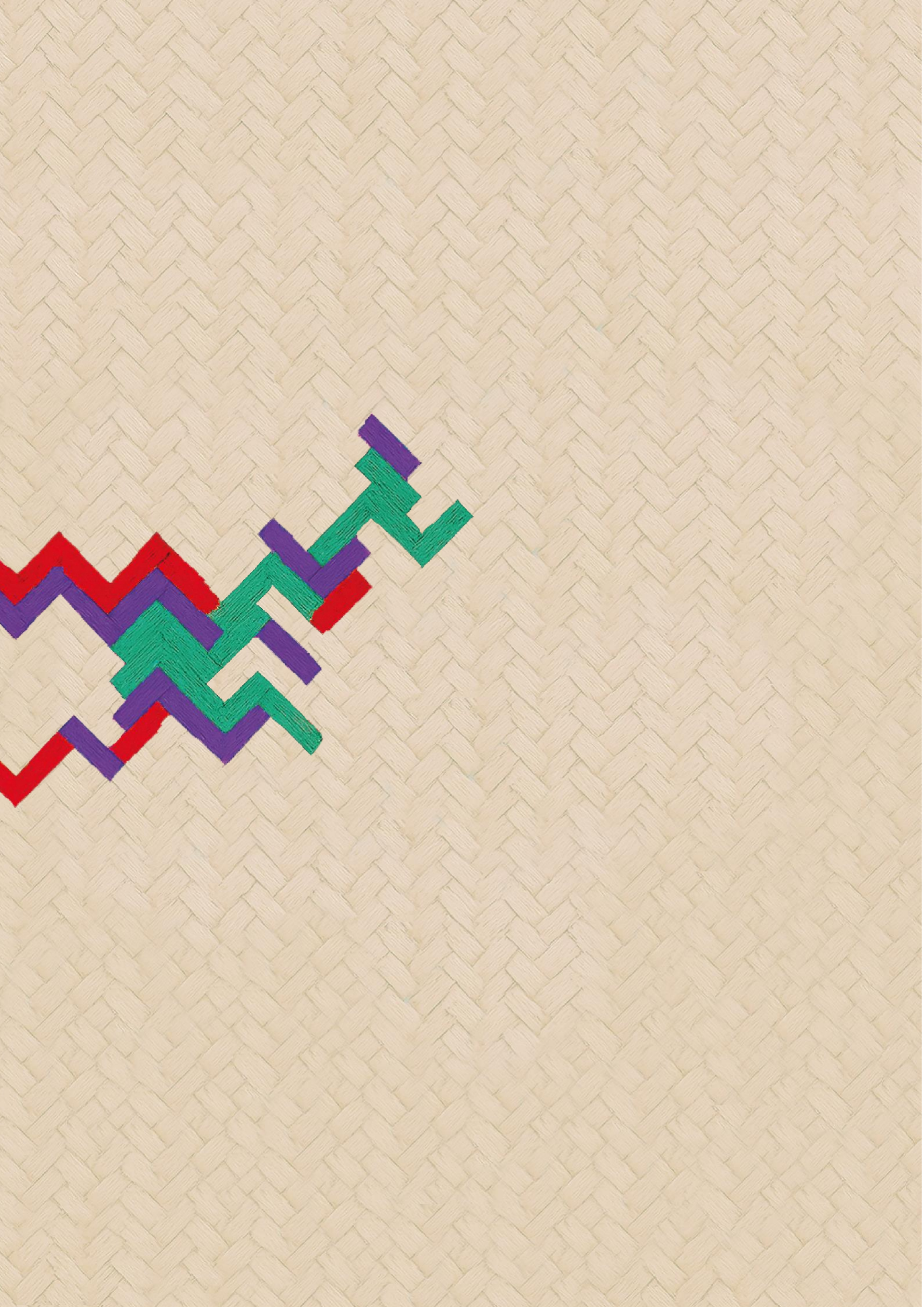
¹⁰ JOHN DEWEY

Filósofo e pedagogo norte-americano, um dos principais representantes da corrente pragmatista, inicialmente desenvol

vida por Charles Sanders Peirce, Josiah Royce e William James. Dewey também escreveu extensivamente sobre pedagogia e é uma referência no campo da educação. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Dewey;

¹¹ BELL HOOKS

Escritora feminista estadunidense fez graduação em Inglês, mestrado em Letras, doutorado em Literatura e se tornou professora universitária, tem vários livros publicados. Fonte: (<https://brasilecola.uol.com.br/biografia/bell-hooks.htm>);



1. A TRAJETÓRIA NAS ARTES: O LUGAR DE FALA DE UMA ARTISTA E NOVOS PROCESSOS E DESCOBERTAS

Em 1991, ano em que completaria 15 anos de idade, pedi ao meu pai uma câmera fotográfica de presente e uma viagem pra Inglaterra. A câmera eu ganhei, a viagem não, pois meu pai optou em comemorar meu aniversário. Meus pais sempre tiveram a preocupação de dar a mim e a meu irmão uma vida cultural, lembro que desde que éramos pequenos íamos a museus, bosques, parques, exposições, circo, balé, cinema, teatro, ópera e leilões de arte.

Estar em meio à arte sempre me agradou muito, sempre lia revistas de arte, turismo, animais, ecologia, livros que contava a história da Europa, civilizações antigas, meu pai tinha uma coleção de discos de vinil de música clássica que todos os finais de semana escutávamos em casa, também consumia revistas sobre pintores e posteriormente fotografia, talvez por isso que sempre quis ir a Inglaterra, Itália, França para conhecer os grandes museus. Após ganhar minha 1ª câmera, passei um mês estudando fotografia com o fotógrafo Celso Oliveira¹² que registrou meu aniversário de 15 anos, cujo estúdio situava-se na Travessa Campos Sales, no bairro da Campina. Depois passei a estudar com Miguel Chikaoka¹³, na FotoAtiva¹⁴, ainda na praça Coaracy Nunes, conhecida popularmente como praça do “Ferro de

¹² CELSO OLIVEIRA

Fotógrafo Paraense que trabalhava com fotografia social, tinha um estúdio fotográfico na Tv. Campos Sales bairro da Campina. Fonte (Ursula Bahia);

¹³ MIGUEL CHIKAOKA

Fotógrafo e educador, Paulistano de nascimento vive e trabalha em Belém desde 1980, fundou a Associação Fotoativa e a Agência Kamara Kó Fotografias. Tem seu processo artístico com obras que transitam entre imagens, instalações e objetos de caráter conceitual, pautados na experiência de religação dos sentidos. Fonte: (<https://www.kamarakogaleria.com.br/miguel-chikaoka>);

¹⁴ FOTOATIVA

A Associação FotoAtiva é fundada em Belém em 1984, no contexto de abertura política do Brasil, na confluência de ações e experiências coletivas como o Fotovaral, Grupo FotoOficina (1982-1984), o Fotopará – Mostra Paraense de Fotografia (1982-1984) e Grupo Fotopará (1984- 1986), a Fotoativa se consolidou como um núcleo de referência, aprendizado e reflexão sobre a imagem para o desenvolvimento de uma cultura fotográfica na região amazônica é o referencial em toda região norte como uma das mais atuantes e criativas organizações culturais do Brasil. Fonte: (<https://fotoativa.org.br/A-Fotoativa>);

Engomar”, em Batista Campos. No ano seguinte, fui para a Fundação Curro Velho¹⁵, onde comecei a aprender mais sobre o fotojornalismo com os fotógrafos Wagner Santana¹⁶, Paulo Amorim¹⁷ e Paula Sampaio¹⁸.

Passei a praticar nas festas, jogos olímpicos e eventos do Colégio Salesiano Nossa Senhora do Carmo, onde cumpria o ensino formal. Minha mesada agora servia para comprar e revelar os filmes que eu usava.

Após um ano de aprendizado, estava na portaria do meu colégio esperando meu pai e comecei a folhear um jornal, quando vi um anúncio de uma vaga de fotojornalista para em meio período. Levei o jornal para casa e mostrei para minha mãe, perguntei o que achava de eu tentar aquele trabalho. Em vão, ela não deixou, disse que deveria permanecer estudando, e que quando eu passasse na faculdade poderia me preocupar em fazer um estágio, mas que, naquele momento, minha prioridade era passar de ano e terminar o Ensino Médio, que ainda estava se iniciando. Fiquei frustrada, mas obedeci.

Dois meses se passou, já havia esquecido do anúncio, quando, novamente aguardando meu pai na portaria do colégio, avistei no mesmo jornal a vaga de fotógrafo ainda à disposição corri para telefônico público no hall de entrada do

¹⁵ NÚCLEO DE OFICINAS CURRO VELHO,

Foi idealizado pela arquiteta urbanista e artista plástica Dina Oliveira (1987/90) na gestão Hélio Gueiros, voltado prioritariamente para um público de estudantes de escola pública, populações de baixa renda e comunidades tradicionais – quilombolas, indígenas, e ribeirinhas, dispondo de vários espaços, de oficinas de arte tais como: a Biblioteca “Carmen Souza”, a Praça da Beira, um teatro de arena e uma lojinha de produtos oriundos das oficinas. Fonte: (<https://www.fcp.pa.gov.br/currovelho/institucional>);

¹⁶ WAGNER SANTANA

Fotojornalista, foi instrutor no Curro Velho tem sua carreira voltada ao fotojornalismo trabalho na Província do Pará, Diário do Pará e atualmente está no Jornal O Liberal. Fonte: (Ursula Bahia);

¹⁷ PAULO AMORIM

É um fotógrafo Paraense, começou a sua carreira profissional em 1985, como freelancer. Trabalhou no jornal "O Liberal" durante dez anos, colaborou na sucursal da revista Veja e Agência France Press em Belém, desenvolvendo paralelamente projetos pessoais de documentação do povo e região Amazônica atualmente mora na Holanda e trabalha na Getty Images – Sipa USA. Fonte: (<http://www.culturapara.art.br/fotografia/pauloamorim/index.htm>);

¹⁸ PAULA SAMPAIO

Mineira de nascimento. Ainda menina, veio com sua família para a Amazônia, a primeira morada foi no município de Estreito/MA (Rodovia -Belém Brasília). Em 1982 escolheu Belém para viver e trabalhar. Começou a fotografar profissionalmente em 1987 e optou pelo fotojornalismo. Frequentou as oficinas da Fotoativa e atuou na Comissão dos Repórteres Fotográficos do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Pará (Sinjor-PA). É graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e especialista em Comunicação e Semiótica pela PUC-MG. Fonte: (<http://paulasampaio.com.br/bio/>);

colégio e liguei para a redação. Agendei uma entrevista para o dia seguinte pela hora do almoço. No dia seguinte, 4 de abril de 1992, saí do colégio e fui à entrevista de uniforme e mochila nas costas.

O periódico “Nosso Jornal” era de viés “ecumênico, criado e editado pelo jornalista paraense Salomão Larêdo¹⁹. Fui entrevistada pelo redator do periódico, Sr. José Ildone Favacho Soeiro²⁰. Foi engraçado, todos da redação voltaram-se para mim, surpresos pela menina vestida de uniforme do colegial, candidata à vaga de fotógrafa. O redator, percebendo a minha pouca idade, foi me perguntando se eu sabia fazer fotos nos termos técnicos, eu, esperta, peguei meus álbuns 10x15cm dos eventos registrados no colégio e fui mostrando o que sabia fazer, boneco, plano americano e perspectiva. Percebi a dinâmica do redator e, a cada pergunta, mostrava minhas fotos. Saí de lá empregada.

Passei a trabalhar meio período no jornal, sempre na parte da tarde. Foram dois anos trabalhando no jornal escondida dos meus pais. Quando completei 18 anos, meu redator disse que chegava a hora de viajar a trabalho, só então revelei aos meus pais. Como eu e meu irmão sempre tínhamos atividades extraclasse, não foi difícil inventar algumas atividades a mais para o período da tarde. O incrível é que nunca desconfiaram.

Nesse tempo, voltei a frequentar as aulas no Curro Velho e comecei um estágio na Agência Amazônia, do fotógrafo João Ramid²¹, onde passei um ano trabalhando.

¹⁹ SALOMÃO LARÊDO

É advogado, jornalista. Mestre em Teoria Literária pela UFPA - Universidade Federal do Pará. Professor, é paraense da Vila do Carmo/Cametá -. Escritor influente, um dos nomes mais importantes da cultura amazônica contemporânea com intensa atividade literária e de trabalho pela democratização de acesso aos bens culturais. Fonte: (https://pt.wikipedia.org/wiki/Salomão_Laredo);

²⁰ JOSÉ ILDONE FAVACHO SOEIRO

Jornalista, escritor, professor de português, poeta, nascido na cidade de Vigia de Nazaré interior do Pará. É membro da Academia Paraense de Letras, cadeira 31. Também é historiador e um dos maiores pesquisadores da história vigiense. Fonte: (https://pt.wikipedia.org/wiki/José_Ildone_Favacho_Soeiro);

²¹ JOÃO RAMID

Fotógrafo Paraense é diretor da Agência Amazônia de Comunicação Ltda. e Amazon Image Bank, tem como seu processo artístico o registro da Amazônia, sua cultura, povos, fauna, flora e tudo que a envolve;

Já com certa experiência, decidi fazer Comunicação Social com o intuito de me tornar jornalista profissional e prosseguir no fotojornalismo, ofício onde, posso dizer, me encontrei. Daí, passei a atuar de forma autônoma para diversos jornais locais, logo me juntei a três amigos Carlos Borges²², Fábio Pina²³ e Jaime Sousa²⁴ e abrimos uma agência de fotografia, a Croma Quatro. Foram dois anos fazendo jornalismo, eventos, formatura, publicidade institucional, estúdio. Fazíamos todos um pouco de tudo.

Em 2002, fui morar em Belo Horizonte para fazer pós-graduação em jornalismo. Lá, fui fotógrafa assistente da Fundação Clóvis Salgado²⁵, registrando as atividades da Fundação. Como projeto pessoal passei a fotografar a cidade.

Em maio de 2004 fui para São Paulo para fazer a pós-graduação em fotografia e em agosto do mesmo ano passei na seleção da pós-graduação de Fotografia no Senac/Scipião. Em São Paulo, participei de vários cursos de fotografia pelo Sesc-SP e na Oficina Cultural Oswald de Andrade²⁶, onde reencontrei o fotógrafo Sinval Garcia²⁷, e passei a integrar o coletivo chamado

²² CARLOS BORGES

Fotógrafo Paraense que já trabalhou em diversos gêneros da fotografia seja ela fotojornalismo, publicidade, eventos, estúdio fotográfico, atualmente presta serviço no SEBRAE/PA; Fonte: (Ursula Bahia);

²³ FÁBIO PINA

É Fotógrafo profissional desde 1998. Acumula experiências nas áreas de fotojornalismo, moda, publicidade, eventos, além de dispor de banco de imagens. Fonte: (Ursula Bahia);

²⁴ JAIME SOUSA

Iniciou na fotografia como laboratorista do laboratório fotográfico Interfoto, depois passou a atuar como fotógrafo em eventos e fotojornalismo atualmente está morando em Altamira/PA e presta serviço para várias empresas e fazendo ensaios sociais. Fonte: (Ursula Bahia);

²⁵ FUNDAÇÃO CLÓVIS SALGADO

A Fundação Clóvis Salgado teve início com a inauguração da Grande Galeria no Palácio das Artes, em 30 de janeiro de 1970. Foi criada a Fundação Palácio das Artes para administrar e conduzir as obras em andamento. Em 1978, alterou-se a denominação da FPA, que passou a se chamar Fundação Clóvis Salgado. A escolha do nome foi uma homenagem ao médico, professor e político responsável maior pelo levantamento dos recursos financeiros que viabilizaram a retomada e conclusão das obras do Palácio das Artes;

²⁶ OFICINA OSWALD DE ANDRADE

É um programa da Secretária de Cultura do Estado de São Paulo que traz desde 1996 a formação e vivência artística a população no campo cultural além da Oficina Cultural Oswald de Andrade existe outras três oficinas no prédio: OC Alfredo Volpi, OC Casa Mário de Andrade e OC Juan Serrano todas localizadas no Bairro do Bom Retiro em São Paulo capital.. Fonte: (https://pt.wikipedia.org/wiki/Oficina_Cultural_Oswald_de_Andrade);

²⁷ SINVAL GARCIA

(1966-2011) foi um artista visual, natural de São Paulo, que viveu durante os anos de 1992 a 1999 no norte do Brasil, na cidade de Belém do Pará. Ele desenvolveu produção autoral dentro do campo das Artes Visuais e a presente pesquisa objetiva discutir parte de sua obra desenvolvida e exibida na região amazônica durante a década de 1990 e meados dos anos 2000. Fonte: Google

Nosso Olhar, coordenado por ele. Sempre realizávamos encontros, bate-papos e saídas fotográficas, foi o que me despertou o interesse na fotografia artística, em curadoria e montagem de exposições. Para mim, é o marco inicial de minha carreira artística.

Mesmo frequentando oficinas e palestras sobre fotografia, audiovisual e arte em geral, passei por um período incerto na fotografia, até pensando em parar, mas consegui um estágio na Folha de São Paulo, e isso fez ressurgir meu ânimo. Em 2006, trabalhei na Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, registrando as visitas às comunidades quilombolas de São Paulo. Essas fotos me levaram à monografia da pós-graduação em fotografia, e a preparar um projeto fotográfico sobre quilombos. Depois que voltei ao Pará, em 2018, pude executá-lo no município de Oriximiná.

Passei a participar de exposições coletivas, tanto como resultados de oficinas ou sendo convidadas, em 2015 retorno a morar no Pará, conheço o projeto Circular Campina Cidade Velha por intermédio de algumas amigas, que tinham um espaço participante e comecei a colaborar com elas, mas em novembro de 2015 tenho um ponto de partida bem grande na minha carreira artística, a convite de uma amiga fui passar o feriado de dia de finados em COLARES/PA, descobri que nos municípios dos interiores do Pará existe a cultura da “Iluminação dos Mortos” celebração na qual os familiares e amigos vão velar seus mortos a noite no cemitério, onde eles colocam velas para iluminar os túmulos e com isso resolvo fazer um registro documental sobre este assunto, posteriormente em uma palestra do fotógrafo Guy Veloso²⁸ percebi que quando trabalhei no Nosso Jornal que se intitulava como ecumênico ele não era tão ecumênico assim pois só fazíamos matérias das ditas igrejas cristãs a católica e evangélicas, não tinha a participação de outras manifestações religiosas como as de matriz africana ou de outras denominações nas nossas pautas. Daí com as

²⁸ GUY VELOSO Paraense de Belém do Pará nasceu (1969), de formação acadêmica em Direito (1991), é fotógrafo desde 1989 com diversas publicações e mostras nacionais e internacionais. Fonte: <https://guyveloso.wordpress.com/2016/07/05/brazilian-doc-photographer/>;

fotos do Guy percebi que nunca tinha fotografado religiões de matriz africana e perguntei a ele se poderia acompanhá-lo a ir nos festejos, ao sair da palestra contei do acontecido a uma amiga e me disse que fazia parte de um terreiro e que iria falar com a Mãe de Santo para eu poder registrar as celebrações, recebi a autorização das entidades do terreiro e no mês seguinte fui convidada pela Galeria Fidanza²⁹ de fazer a minha primeira exposição individual, a partir daí até hoje (2025) tenho sido convidada anualmente a participar de alguma exposição coletiva.

Em 2018, depois de dois anos de muita procura, achei um casarão no bairro da Cidade Velha e abri o Ateliê Jupati Galeria de Arte Multicultural. A princípio, era para ser uma galeria exclusivamente de fotografia, mas a demanda de artistas iniciantes buscando espaço para suas exposições individuais foi intensa. Decidi abraçar outras vertentes das artes.

E é com a participação do Ateliê Jupati no projeto Circular Campina Cidade Velha³⁰ que começo, de fato, um novo processo na minha carreira, pois, como muitos de nós, artistas, não têm condições financeiras de ter uma agente, uma produtora, um design gráfico e uma assessoria de comunicação, passei a aprender esses ofícios via internet, fazendo cursos e oficinas. Com o apoio de alguns amigos, em abril de 2018, inaugurei o Espaço Cultural Ateliê Jupati.

O Projeto Circular Campina Cidade Velha promove a divulgação de espaços de cultura nos 3 bairros históricos Belém: Campina, Cidade Velha e

²⁹ GALERIA FIDANZA é a primeira galeria de arte do Estado do Pará voltada para fotografia religiosa ela faz parte do Museu de Arte Sacra (MAS), localizado no antigo Palácio Episcopal, originalmente Colégio Jesuítico de Santo Alexandre, foi inaugurado em 28 de setembro de 1998. Integrada ao Museu está a Igreja de Santo Alexandre (originalmente Igreja de São Francisco Xavier), construída pelos padres da Companhia entre o fim do século XVII e início do século XVIII. Fonte: <https://secult.pa.gov.br/espacosecultpag/19/museus-e-memorais/>;

³⁰ PROJETO CIRCULAR CAMPINA CIDADE VELHA

Idealizado pela curadora e galerista Makiko Akao em 2014 é um projeto independente de fomento a cultura dos três bairros históricos de Belém do Pará são eles Campina, Cidade Velha e Reduto, a ideia é fomentar os espaços de artistas residentes nestes três bairros e espaços cultura independentes, em 5 edições ao ano acontecendo sempre no primeiro domingo dos meses de abril, junho, agosto, outubro e dezembro, onde cada espaço é encarregado de fazer sua programação livremente das 8h até as 20h, sempre divulgando o patrimônio histórico, economia criativa. Fonte: Ursula Bahia

Reduto. O Circular foi criado pela galerista Makiko Akao que tem sua galeria de arte a Kamara Kó que será uma das galerias colocadas aqui nesta dissertação, como foi dito anteriormente em 2015 conheci o projeto por ter amigas que tinham um espaço participante do projeto e fiquei muito interessada em ter o meu próprio espaço para participar.

O fotógrafo Guy Veloso foi de extrema importância nesta nova fase. Saíamos toda semana para fotografar as celebrações dos terreiros, eu aproveitava para aprender com ele, como ser uma “fotógrafa artista”. O que fazer? quem deveria conhecer? como deveria apresentar meu trabalho? Essas dúvidas — somadas aos medos — eram comuns aos artistas iniciantes. Isso despertou em mim o desejo de me aprofundar na gestão e produção cultural, curadoria e como se dá a gestão de uma galeria de artes.

A produção cultural, basicamente, nestes 7 anos de Ateliê Jupati, vem se construindo na minha participação em cada uma das 5 edições anuais dentro do Projeto Circular, estipulei que minha programação teria os seguintes elementos: exposição de arte com a duração de um mês e meio, bate-papo sobre diversos assuntos: *arte, gastronomia, economia criativa, patrimônio histórico* ou qualquer outro conveniente à temática que optava por conduzir durante a edição. Paralelamente, a feirinha criativa com artesãos locais, atrações musicais, performances, contação de história e, fechando, a culinária com produtos 100% amazônicos, vindos de pequenos produtores familiares, tendo pratos típicos, releituras e novas receitas, sempre mostrando a diversidade de nossa região.

Como diz GRADA, Kilomba – “Uma trajetória que me parecia impensável, tanto em Lisboa como em São Paulo, Luanda ou Salvador da Bahia, para uma jovem mulher negra, que sempre viveu no anonimato”. A dificuldade é maior. KILOMBA Grada- Memórias da Plantação – Episódio de Racismo Cotidiano – Ano 2019.

E é com essa redescoberta de caminhos que venho por meio deste trabalho como processo de atuação artística deixar este legado as novas

gerações de futuros artistas, pesquisadores, curadores, galeristas, coletivos, produtores culturais, arte educadores ou ao público em geral que tenha interesse em fomentar a arte e cultura, aonde eles estiverem, incentivando cada vez mais principalmente que as mulheres possam ser sempre um referencial múltiplo dentro da cena cultural de Belém do Pará, para o Brasil e para o mundo.





2. ESPAÇOS DE FALA FEMININA NA CENA CULTURAL DE BELÉM

Com a participação no Projeto Circular Campina Cidade Velha em 2018, os espaços culturais na cena de Belém sob a administração feminina fortaleceram-se. A cada edição surgia um novo empreendimento de cultura gerido por uma mulher, fazendo que grande parte dos espaços parceiros participantes tivesse essa liderança feminina e isso foi surgindo pelo sucesso do projeto e também devido à falta de mais espaços culturais independentes como referências, o Ateliê Jupati passou a realizar as atividades culturais de acordo com a preferência do público-alvo, formado por artistas locais de diversos setores artísticos como a pintura, a literatura, o cinema e a fotografia.

Esse projeto é um resumo desses meus sete anos de trajetória e espero que cada vez possa inspirar e encorajar outros artistas e principalmente mulheres a acreditarem em seus sonhos como artista, produtora, educadora e empreendedora cultural.

Falar de mim e dessas três mulheres tem um simbolismo de luta, afirmação e continuidade, propagação que estamos aqui, que fazemos acontecer mesmo com toda as dificuldades que temos em pensar, produzir, administrar e empreender dentro da cena cultural de Belém e nos mostrar ao mundo que podemos fazer mais, que nossa contribuição ainda é bem presente para cena cultura.

Percebi neste documentário que nós quatro somos mulheres que amamos a cultura e queremos cada vez mais poder abranger não somente ao público mais incentivar os nossos artistas e estimular os mais velhos que a cultura precisa cada vez mais de união entre nós e o fortalecimento de todas as categorias envolvidas, e que o papel da mulher ainda mais precisa ser valorizado em todo seu processo.

Na minha busca de uma identificação como artista, mulher negra me deparei com a minha autorrepresentação e o lugar de fala como mulher. A insipiência de referência teórico sobre trabalhos artísticos de mulheres negras paraenses expressas na isenção dos órgãos encarregados pela pesquisa e divulgação de conhecimento das áreas convergentes, seja esse silêncio intencional e discriminatório ou apenas indiferente.

Com a autora Adriana Barbosa passei a buscar a me interessar mais sobre o empreendedorismo cultural negro, por ter participado de um encontro de empreendedoras Negras que foi feito pelo Festival Feira Preta idealizado por Adriana, buscando a união entre essas mulheres e ter essa representação de um coletivo na região amazônica. Devido a isso, busco demonstrar como a ação de me aquilombar que é a insistência de ocupar espaços que insistir se torna verbo para resistir na qual consiste em uma ação ancestral de instituição sociocultural intrínseca das comunidades negras que vem assegurando a renovação dos seus dispositivos de resistência. BARBOSA. Adriana (2002, p. 11) define a expressão:

AQUILOMBAR – Começar é o primeiro de um conjunto de verbos que nomeia os tópicos deste livro. Além de tratar das primeiras passadas, explicita um dos aspectos que, como veremos faz-se fundamental: insistir. Mas insistir com alegria e com planejamento, o que nunca se faz isoladamente. É a insistência de ocupar espaços que insistir se torna verbo para resistir.

É ocupar lugares que normalmente tem sua maioria de pessoas brancas como protagonistas. Com isso resolvi tomar como processo artístico meu próprio espaço e de outras mulheres, relatando como elas se veem dentro do contexto cultural de Belém com seus espaços independentes, sua produção artística, cultural.

2.1 PROCESSO ARTÍSTICO

A proposta desse processo artístico se dá com a construção de um documentário que pudesse dar voz as mulheres que fazem parte da cena cultural de Belém, mostrando a trajetória de cada uma, de como pensaram nestes espaços, qual a proposta delas, como está sendo este percurso, quais as dificuldades que elas vêm passando, como empreendedoras, produtoras culturais e artistas em todo este processo dentro da cena cultural de Belém.

Como artista e produtora tenho meu papel na cena cultural, desempenhando meu processo artístico dentro do Ateliê Jupati Galeria de Arte Multicultural, relatando este fazer dessas mulheres em uma obra audiovisual, para incentivar uma nova geração de artistas e produtores culturais em Belém provocando reflexões sobre esses espaços que são geridas mulheres, do porquê esses espaços são dirigidos por mulheres? Qual a importância dessa gestão feminina dentro da cena cultural de Belém? Como essas personagens se vêm dentro como contribuintes dentro da cultura, da arte, da gestão cultural, do empreendedorismo cultural e da produção cultural em Belém?

Essa construção de um documentário vem sendo construída baseada nas obras “Roteiro de Documentário Da Pré-Produção à Pós-Produção”, de Sérgio Puccini, “Introdução ao Documentário” de Bill Nichols e “Mas Afinal... O Que é Mesmo Documentário? De Fernão Pessoa Ramos, obra segundo a qual ele cita:

O documentário tem uma visão de horizonte que é difícil de definir pois a qualificação de uma narrativa como documentária vem sendo negada no percurso do audiovisual, principalmente com a falta de um conceito específico (Ramos, 2008, p. 21).

Este documentário passa pela produção cultural, como processos de atuação em artes do Ateliê Jupati Galeria de Arte Multicultural, Espaço Cultural

Candeeiros Galeria de Arte, Espaço EcoAmazôniaS e Kamara Kó Galeria sendo relatado pelas idealizadoras desses quatro espaços dentro do documentário com as entrevistas tendo sua construção nas seguintes etapas:

- 1- Pré-Produção: Roteiro, Escrita da Proposta do documentário, Pesquisa, o Tratamento e a Filmagem;
- 2- Pós-produção: Elementos e Processo de Montagem do Documentário; Agenda das personagens, formação da equipe fílmica e produção do documentário;
- 3- Gravação de imagens: programação dos espaços, figurino, catering (alimento para equipe), transporte, equipamento, cenário, estudo da luz dentro de cada espaço no qual seria gravado.

O roteiro foi formulado por mim Ursula Bahia e pelo prof. Alexandre Sequeira, com um total de oito perguntas, deixando em aberto para a formulação de uma nova pergunta, caso houvesse um gancho no processo das respostas das entrevistadas, também foi decidido que eu seria a entrevistadora das convidadas do documentário e seria entrevistada em off.

Bill Nichols, é o autor do livro *Introdução ao Documentário*, ele é um teórico do cinema que fundou o estudo sobre o documentário onde identificou seis tipos de documentários: *poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático*.

Mesmo tendo já trabalhado em algumas produções do audiovisual, nunca tinha entrado tão profundamente no processo de construção de um documentário, principalmente ocupando tantas funções, isso me fez ver o quanto precisava entender mais o modo de como fazer o audiovisual. De acordo com Ramos (prefácio, p.11): “Introdução ao documentário fornece uma súmula do pensamento sobre documentário, traçada por um dos intelectuais mais influentes da academia.”

Para melhor compor o meu processo artístico do documentário, fui em

busca de aulas complementares de audiovisual, passei a frequentar as aulas de documentário dentro da FAV - Faculdade de Artes Visuais da UFPA, para entender melhor como escrever, dirigir, produzir um documentário. Percebi que meu caminho não estava tão desajustado, como produtora cinematográfica, mais precisava aprender novas coisas e “podar galhos”.

O formato que decidi seguir para este documentário dentro do audiovisual é classificado como “Documentário Participativo” onde há interação do documentarista com o personagem, decido por este modelo pois como sou uma das personagens e entrevistadora não queria ser como é chamado dentro do audiovisual de um “narrador off” e sim aquele que aparece interagindo no diálogo com essas mulheres para que elas pudessem contar o que aprenderam com este processo delas dentro dos seus espaços.

Bill Nichols coloca em seu livro alguns pontos que se deve definir para a construção de um documentário, entre eles pontua as colocações que foram relevantes na construção deste trabalho são eles e os meus processos dentro deste documentário:

- I. ***Buscar pontos em comum: Definição de documentário:*** Em se tratando deste documentário quero considerar a importância de dar voz a estas mulheres, mostrando sua realidade como artistas e empreendedoras culturais.

Argumentando que este documentário passa pela versão da definição de um “Tratamento criativo da realidade dessas personagens para a cena cultural.

- II. ***Documentários tratam da realidade, de algo que realmente aconteceu:***

Neste documentário venho colocar a realidade das personagens dentro da cena de Belém, trabalhando em um tratamento criativo da realidade delas e de seus espaços, mostrando ao público este descortinar de uma realidade de muita luta e criatividade que cada uma delas passa para produzir seus espaços.

III. **Documentários tratam de pessoas reais:** Esta apresentação do self não só meu como das outras três personagens é a forma de transmitir as informações a nova geração de artistas que sempre fantasiam a cena artística, mais que não percebem como se diz o “Corre” que fazemos para ter o resultado final de uma exposição, de um projeto cultural para ser apresentado em um edital de cultura, nestes sete anos de Jupati percebi que a nova geração e muitos artistas que não tem esse viés de um trabalho de produção dentro de um espaço de cultura, galeria ou projeto idealizam um trabalho que necessita de milhões de reais para acontecer e que no que percebi as palavras chave entre nós quatro é criatividade, proatividade e iniciativa para fazer acontecer.

É obvio que os nossos trabalhos aconteçam precisamos da participação de outras pessoas, mais uma boa articulação, organização mostra a capacidade dessas mulheres.

É claro que existem fatores como saúde, família, dinheiro que muitas vezes pesam para que possamos fazer uma movimentação maior e de qualidade mais avançada, dentro dos nossos espaços.

IV. **Um corpus de texto:** *Convenções, períodos, movimentos e modos:* Inúmeros documentários são marcos na produção de um documentário, sempre existe aqueles filme que nos marca na nossa infância, adolescência, vida adulta e em outros momentos da nossa vida, nos levando a traçar muitos outros caminhos que nos leve a refletir a construção de um documentário.

No meu caso tive como referências cinematográficas milhares de filmes, séries e documentários. Tenho uma rotina de cinéfila, a maior parte o meu fim de semana é assistindo filmes e séries, no meu percurso como espectadora os filmes e séries que marcaram minha vida foram: ET O Extraterrestre (1982), O Vento Levou (1939), Macunaíma (1969), a série GOT- Game of Thrones

(2011), a série paraense Olhares do Norte (2024), este último eu até numa oficina da Marahu Lab. eu tinha proposto fazer esse tema quando o Fernando Segtowitz³¹ me disse que já estavam filmando e dentre outros audiovisuais que assisti e continuo assistindo.

A série Olhares do Norte estreou em 2024 na TV Brasil com reprise na TV Cultura do Pará, com total de treze episódios. A série documental “Olhares do Norte: Pará”, desenvolvida pela produtora Marahu³², criada pelo jornalista Ismael Machado³³ e direção geral de Fernando Segtowitz, traz relatos, trajetória e um registro que reverencia e valoriza a fotografia como muito mais que um meio de comunicação, mas como a arte revolucionária que ela é.

Foto 2 - Fotografia: Fernando Segtowitz



Miguel Chikaoka, Thiago Pelaes e Victor Kato. Fonte: Arquivo Fernando Segtowitz

Foram treze fotógrafos e fotógrafas no total que vivem e produzem no Pará

³¹ FERNANDO SEGTOWICK

É diretor e roteirista de curtas-metragens, longas-metragens e séries televisivas, além de vídeos institucionais. Fernando Segtowitz é conhecido pelos filmes Matinta (2010), No Movimento da Fé (2013) e O Reflexo do Lago (2020), OLHARES DO NORTE (2024). Fonte: (Google);

³² PRODUTORA MARAHU

Produtora de conteúdo audiovisual localizada em Belém, Pará, Amazônia, Brasil. Nosso foco é contar histórias das pessoas da Amazônia para o mundo. Fonte: <https://www.marahu.com> ;

³³ ISMAEL MACHADO

Escritor, Roteirista e Jornalista. Possui seis livros publicados. Jornalista com 12 prêmios conquistados. Como roteirista já escreveu longas-metragens, séries de ficção, séries documentais e participou de núcleos criativos para desenvolvimento de roteiro. É mestre em literatura. Fonte: (<https://mapacultural.pa.gov.br/agente/22082/#info>);

e vêm transformando e contribuindo com o cenário cultural e visual não apenas do Estado, mas do Brasil e do mundo.

A predominância de uma convenção lógica que informe e organize o filme nos dá respeito as representações e é neste tópico que venho enfatizar este documentário sobre a trajetória das personagens e de seus espaços dentro da cena cultural de Belém.

Já a produção da execução do documentário, foram previstas alterações no horário das gravações, assim como o corte de personagens ou alterações, ao longo do processo de produção artística, logística e fílmica.

A montagem das cenas foi projetada de acordo com cada locação, considerando as variações de luz, características naturais do próprio ambiente e o movimento das pessoas que transitavam no local durante as gravações. Em particular, no interior do Ateliê Jupati, três programações paralelas contidas nas edições do Circular, no segundo semestre de 2024, serviram como registro documental de imagens de apoio.

O desafio naquela ocasião foi a escolha do local onde o evento da programação seriam realizados, sendo que, em 2024 o Ateliê Jupati passou a ser itinerante. Ocupando espaços parceiros do projeto Circular ou até mesmo introduzindo novos ambientes como foi o Bar do Bené localizado no Beco da Ladeira do Carmo e o ICA/UFGPA-Instituto de Ciências da Arte.

Isso também ocorreu com os outros espaços do documentário. Para isso, foi realizado um levantamento das programações no período de gravação no segundo semestre de 2024.

Além das entrevistas com as quatro personagens, foi decidido que gravaríamos como cenas para introdução de vídeos de apoio os eventos de alguns dos espaços ou colocaríamos imagens de arquivos daqueles espaços caso no qual não tivessem eventos durante o período de gravação.

2.2 A EQUIPE

Este projeto tem como produto final a produção de um documentário de aproximadamente 20 minutos, a princípio pensei em fazer algo mais intimista, simples com a equipe, na verdade pensei em somatizar em mim muitas tarefas dentro do processo, mas ao longo do projeto, percebi que não daria conta de fazer tudo sozinha ou grande parte, no início convoquei dois amigos mais ambos até aceitaram, mas, no primeiro semestre de 2024 infelizmente a agenda deles não combinava com a agenda das minhas propostas de gravações, passei o primeiro semestre todo aperrada com várias tentativas frustradas em achar quem poderia ser o videomaker do documentário e que tivesse uma agenda disponível.

No fim do primeiro semestre soube pela secretária do PPGARTES que seria contemplada com a Bolsa CAPES de Estudo de Pesquisa, passei a procurar e negociar com algumas manas para formar uma equipe de mulheres, mas também a agenda das colegas não era compatível com o cronograma de gravações que tinha organizado.

Assim no meu estágio docência que fiz no curso de audiovisual da FAV-Faculdade de Artes Visuais resolvi fazer o convite aos alunos a participarem como equipe e tive o interesse somente dos rapazes, posteriormente convoquei minha mãe para me ajudar, uma amiga para ser a figurinista e a minha colega de sala Ingrid Gomes³⁴ veio até mim perguntando se queria ajuda nas gravações, imediatamente disse que sim!

³⁴ INGRID GOMES

É atriz, performe, cenógrafa e mestranda do PPGARTES/UFPA. Fonte: Ursula Bahia;

Foto 3 - Fotografia: Ingrid Gomes



Ingrid Gomes auto-retrato. Fonte: Arquivo Ursula Bahia

Minha equipe é formada por seis rapazes e quatro mulheres. A predominância é masculina dentro do audiovisual mundial. Em Belém não é diferente. Um dos fatores de eu ter feito esse documentário também foi provar a minha capacidade dentro deste mercado que há tempos venho tentando adentrar, tive algumas oportunidade pequenas mas foi o estopim para a paixão de querer fazer cinema também, depois dessa experiência quero cada vez mais fazer a parte da equipe técnica como direção de fotografia, assistente de fotografia, fotografia still esta que me fez entrar neste mundo, também já fiz produção, catering, direção de elenco, figuração que e legal de fazer que são as que vejo que tenho mais capacidade em fazer sem muito estresse.

As barreiras para as mulheres têm que ser vencidas dentro do audiovisual, as mulheres têm um longo caminho a fazer parte deste processo a demanda de mulheres é muito pequena. Mas a luta continua.

Foto 4 - Fotografia: Alexandre Matos



Daniel, Ingrid Gomes e Vitor Peixe. Fonte: Arquivo Ursula Bahia

Foto 5 - Fotografia: Alexandre Matos



Daniel e Vitor Peixe Foto 5 – Fonte: Arquivo Ursula Bahia;

Outra situação que tive na produção desse texto foi em relação às limitações técnicas com a estrutura de um roteiro final, percebi na decupagem dos textos das gravações que o material é muito extenso e que precisamos recortar muitas falas para caber no limite proposto ao projeto e isso está sendo uma das maiores dificuldades para quem não tem uma prática técnica em cinema como eu, é aquela situação a gente acha que sabe fazer mais na hora do vamos ver percebemos que a problemática é maior, mas tiro tudo isso como forma de aprendizado, é o processo que mais cedo ou mais tarde teria que ser superado e entregue.

FICHA TÉCNICA DO VÍDEO

<p style="text-align: center;">DIREÇÃO URSULA BAHIA</p> <p style="text-align: center;">ROTEIRO URSULA BAHIA</p> <p style="text-align: center;">ASSISTENTE DE ROTEIRO MAYCON NUNES VICTOR OLIVEIRA</p> <p style="text-align: center;">PRODUÇÃO EXECUTIVA URSULA BAHIA</p> <p style="text-align: center;">DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA VICTOR PEIXE</p> <p style="text-align: center;">VIDEOMAKER ANDRÉ BUTTER DANIEL CLEMENTE INGRID GOMES MAYCON NUNES VICTOR PEIXE URSULA BAHIA</p> <p style="text-align: center;">FOTOGRAFIA STILL ALEXANDRE MATOS INGRID GOMES VICTOR OLIVEIRA VITOR PEIXE URSULA BAHIA</p> <p style="text-align: center;">PRODUÇÃO URSULA BAHIA</p> <p style="text-align: center;">ASSISTENTE DE PRODUÇÃO ALEXANDRE MATOS INGRID GOMES RAIMUNDA BAHIA</p>	<p style="text-align: center;">FIGURINO JACK CARVALHO NÁ FIGUEREDO URSULA BAHIA</p> <p style="text-align: center;">TRANSCRIÇÕES ALEXANDRE MATOS VICTOR OLIVEIRA</p> <p style="text-align: center;">STYLIST JACK CARVALHO</p> <p style="text-align: center;">MOTORISTA FRED BAHIA</p> <p style="text-align: center;">MAQUINISTA ALEXANDRE MATOS URSULA BAHIA</p> <p style="text-align: center;">EDIÇÃO DE VÍDEO VITOR PEIXE</p> <p style="text-align: center;">EDIÇÃO DE VÍDEO E FINALIZAÇÃO MAYCON NUNES</p> <p style="text-align: center;">PERSONAGENS JOYCE CURSINO HELDINELE REALE MAKIKO AKAO URSULA BAHIA</p> <p style="text-align: center;">ARTES GRÁFICAS MELISSA BARBERY</p>
---	---

2.3 PROPOSTA DE DOCUMENTÁRIO

Foto 6 - Fotografia: Ingrid Gomes



Ursula e Raimunda Bahia. Fonte: Arquivo Ursula Bahia

Duração: “20min”

Tema: “MULHERES ATIVADORAS - E OS PROCESSOS DE ATUAÇÃO FEMININA NA CENA CULTURAL DE BELÉM”

Proposta de Documentário:

É um processo documental que retrata a trajetória de quatro mulheres e seus espaços culturais, onde eu Ursula Bahia entrevisto três das personagens, e elas são: Makiko Akao – Kamara-kó Galeria, Heldilene Reale- Espaço Cultural Candeeiro, Joyce Cursino – Espaço EcoAmazoniaS/Negritar e em off eu Ursula Bahia – Ateliê Jupati Galeria de Arte Multicultural. Este documentário retrata parte da minha vivência artística no Ateliê Jupati Galeria de Arte Multicultural dentro do Projeto Circular Campina desde 2018 até hoje. E de como eu e essas mulheres que estão inseridas na cena cultural de Belém vêm construindo suas carreiras como artistas, produtoras culturais, arte-educadoras e empreendedoras culturais, dentro da cena cultural de Belém. A sinopse do documentário é o diálogo com essas quatro personagens, de como elas se vêm em suas carreiras,

quais as dificuldades, as superações, como esses espaços funcionam e o que cada espaço de cultura vem contribuindo dentro da cena cultural de Belém.

Exemplo:

O documentário abordará a vivência artística cultural das quatro personagens e seus espaços culturais dentro da cena cultural de Belém do Pará.

Principais Personagens do Documentário:

Makiko Akao – Kamara-kó Galeria, Heldilene Reale - Espaço Cultural Candeeiro, Ursula Bahia – Ateliê Jupati Galeria de Arte Multicultural, Joyce Cursino – Espaço EcoAmazoniaS / Negritar.

Fontes de Pesquisa:

As próprias entrevistadas que responderam um pequeno roteiro previamente pensado, sites da Internet, vídeos de entrevistas, registros de fotos de arquivos e vídeos das programações dos espaços de cultura.

Estratégia(s) de Abordagem:

- A abordagem será um documentário participativo onde eu (Ursula Bahia) farei perguntas previamente roteirizadas, as quatro personagens e as perguntas a mim serão em off .
 - O registro das programações culturais de cada espaço citado mostrando como essas personagens produzem seus espaços culturais e a importância desses espaços na cena cultural de Belém do Pará.

Exemplo 1 da estratégia de abordagem:

Procedimento Geral: A proposta é o agendamento prévio com as personagens dentro de seus espaços onde elas respondem entre sete perguntas previamente roteirizadas e conforme o fluxo da entrevista pode haver outras perguntas, além da gravação de uma programação que acontece dentro dos espaços culturais delas.

Filmagem das Programações. Das programações e ações dos espaços de cultura para ser usada como imagens de apoio ou fotos e vídeos de arquivos dos espaços.

Exemplo 2 da estratégia de abordagem:

Colagem de Imagens: Clipes com colagem de imagens: A partir de imagens veiculadas dos arquivos fotográficos e de vídeo produzido pela equipe de filmagem ou de arquivos das personagens.

Outros estratégias de abordagem:

- Imagens de arquivo, fotos e vídeo dos espaços;
- Produzir um contraste ou diálogo entre as personagens e os espaços;
- Demonstrar fatos ou ideais presentes no off ou na fala das personagens e da diretora;
- Produzir uma visualidade poética dos personagens, utilizando, por exemplo, imagens com características de 16mm.

Tratamento:

Exposição de como o documentarista pretende organizar as Estratégias de Abordagem no corpo do filme. A apresentação pode ser feita livremente a partir de texto corrido ou blocado).

Exemplo de Tratamento de filme:

**Roteiro Doc. "MULHERES ATIVADORAS - E OS PROCESSOS DE ATUAÇÃO
FEMININA NA CENA CULTURAL DE BELÉM"**

Trailer - duração 4min.

Abertura / Cena 1

Em casa, Ursula organiza equipamentos e conversa com Dona Raimunda, se despedem. Ursula embarca no uber.

Voz off: texto da entrevista

Cena 2

Lettering temático - Colaboradores e parceiros que somam

Entrevista com Joyce, cenas em primeiro plano, intercalam com imagens do espaço EcoAmazoniaS.

Cena 3

Lettering temático

Entrevista com Makiko, cenas em primeiro plano. Intercalam com de atividades da Kamara Kó.

Cena 4

Lettering temático

Entrevista com Heldilene, cenas em primeiro plano, intercalam com imagens de atividades da Kamara Kó.

Cena 5

Detalhes Ursula: planos médios, primeiríssimo plano, em sala de aula, conversando, rindo.

Texto em off

Fim.

ROTEIRO DO VÍDEO**ROTEIRO UTILIZADO COMO BASE PARA FILMAGENS DO DOCUMENTÁRIO****“MULHERES ATIVADORAS - E OS PROCESSOS DE ATUAÇÃO FEMININA NA
CENA CULTURAL DE BELÉM”**

Por

Ursula Celeste Tavares Bahia De

Jesus e

Alexandre Romariz Sequeira

Direitos Autorais de Ursula Celeste Tavares Bahia De Jesus, 2024 Todos os direitos reservados	Ursula Celeste Tavares Bahia De Jesus photoub@gmail.com +55 91 98916-0763 Belém - PA - Amazônia - Brasil
--	--

Belém-Pará-Amazônia-Brasil

2025

EXT. ATELIÊ JUPATI - DIA

ENTREVISTADOR(A)

Gostaria que você se apresente-se
e fala como se deu a sua
aproximação com a arte e a
cultura?

ENTREVISTADA

[Resposta à primeira pergunta]

ENTREVISTADOR(A)

Fale um pouco sobre o espaço
que você concebeu e como surgiu
a ideia?

ENTREVISTADA

[Resposta à segunda pergunta]

ENTREVISTADOR(A)

Que contribuição você poderia
pontuar de um espaço gerido por
uma mulher?

ENTREVISTADA

[Resposta à terceira pergunta]

ENTREVISTADOR(A)

Como você vê o papel da mulher
no atual circuito das artes?

ENTREVISTADA

[Resposta à quarta pergunta]

ENTREVISTADOR(A)

Que princípios éticos e políticos
norteiam o seu projeto de espaço
de ativação cultural?

ENTREVISTADA

[Resposta à quinta pergunta]

ENTREVISTADOR(A)

Qual a contribuição do
pensamento feminino nos

espaços de ativação cultural no
nosso país?

ENTREVISTADA

[Resposta à sexta pergunta]

ENTREVISTADOR(A)

Qual o papel de espaços de ativação
cultural geridos por mulheres na
formulação de políticas públicas na
área da cultura?

ENTREVISTADA

[Resposta à sétima pergunta]

ENTREVISTADOR(A)

Qual a sua utopia de sistema de
arte e cultura em Belém e no
país?

ENTREVISTADA

[Resposta à oitava pergunta]

Foto 7 - Fotografia: Alexandre Matos



Makiko Akao. Fonte: Arquivo Ursula Bahia

Foto 8 - Fotografia: Alexandre Matos



Makiko Akao e Ursula Bahia. Fonte: Arquivo Ursula Bahia

Foto 9 - Fotografia: Alexandre Matos



Ursula Bahia e Joyce Cursino. Fonte: Arquivo Ursula Bahia.

Foto 10 - Fotografia: Alexandre Matos



Joyce Cursino. Fonte: Arquivo Ursula Bahia

Foto 11- Fotografia: Ingrid Gomes



Ursula Bahia e Alexandre Sequeira. Fonte: Arquivo Ursula Bahia.

Foto 12 - Fotografia: Ingrid Gomes



Equipamento. Fonte: Arquivo Ursula Bahia.

Foto 13 - Fotografia: Alexandre Matos



Ursula Bahia e Heldilene Reale. Fonte: (Arquivo Ursula Bahia)

Foto 14 - Fotografia: Alexandre Matos



Heldilene Reale. Fonte: (Arquivo Ursula Bahia)

2.4 BREVE CRONOLOGIA DO SURGIMENTO DE ESPAÇOS MULTICULTURAIS GERIDOS POR MULHERES

Tabela 1 – Cronologia do surgimento de espaços culturais em Belém, Pará (2011 – 2020)

KAMARA KÓ GALERIA	ATELIÊ JUPATI GALERIA DE ARTE MULTICULTURAL	ESPAÇO CULTURAL CANDEEIRO	ESPAÇO ECOAMAZONIAS NEGRITAR
2011 Em atividade	2018 Em atividade	2020 Temporariamente Fechado	2020 Em atividade
Kamara-kó Galeria	Ateliê Jupati Galeria de Arte Multicultural	Espaço Cultural Candeeiro	Espaço Cultural EcoAmazonias e Negritar
Criada pela Empreendedora Cultural Makiko Akao. Localizada no Bairro Campina em Belém, Pará.	Criado pela Fotógrafa Ursula Bahia, teve seu primeiro espaço físico no Bairro Cidade Velha, depois Campina e atualmente está itinerante.	Criado pela Artista Heldilene Reale e seu companheiro, o fotógrafo Natan Garcia. Localizado no Bairro Cidade Velha.	Criado pela Jornalista, produtora cultural Joyce Cursino, a Negritar Filmes e Produções fica localizada atualmente no Bairro Jurunas.

Fonte: Elaborada pela autora

2.5 ESPAÇO CULTURAL CANDEEIRO- HELDILENE REALE

Candeeiro, espaço cultural independente que tem uma galeria com proposta de exposições e experimentações artísticas em movimentos individuais e coletivos das artes visuais, reflexões que a cercam a arte e cultura. Seu público é voltado para todos os interessados em artes visuais e cultura, o espaço teve seu início em 2020 em plena pandemia do COVID19 no formato virtual devido ao lockdown que estávamos passando, com isso suas atividades começaram online dentro do Projeto Circular Campina Cidade Velha, após o retorno das atividades presenciais dentro do setor cultural o espaço mesclava entre o online e presencial, sempre fazendo parceria com novos artistas em formação com a atuação de artistas já com suas carreiras consolidadas, em 2022 o Candeeiro passa a ser sediado em Natal/RN por conta que Heldilene passou como professora substituta na Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN.

Heldilene Reale é graduada em Artes Visuais e Tecnologia da Imagem (UNAMA) e em Turismo (UFPA), Mestra em Comunicação, Linguagem e Cultura (UNAMA Doutora em Artes (UFMG), Heldilene Reale, foi professora no Curso de Artes Visuais e Tecnologia da Imagem da UNAMA e nos Cursos de Artes Visuais, Museologia, Design, Letras e Biblioteconomia da UFPA atualmente é docente do curso de artes visuais na (FAV/UFPA). Natan Garcia³⁵ que é seu companheiro e também o produtor do espaço Candeeiro é natural de Fortaleza, vive e trabalha em Belém/PA. Formado em Redes de Computadores e graduando em História. Inicia sua experiência profissional na fotografia em 2012, com os estudos em fotografia na Escola Focus em São Paulo e Fotografia Contemporânea na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio 2013. Em 2014 muda-se para Belém e participa de várias oficinas pela Fotoativa.

³⁵ NATAN GARCIA

Natural de Fortaleza/CE é fotógrafo e produtor do espaço cultural Candeeiro. Fonte: Ursula Bahia

Heldilene tem como sua trajetória artística, desenvolvida desde 2005, vincula um processo que envolve aspectos da memória, patrimônio, narrativas orais, percursos de viagens e conflitos na Amazônia, sempre utilizando multilinguagens, com trabalhos de ações educativas em Espaços Culturais de Belém. A partir de 2012, começa a ser convidada para compor júris de Seleção e/ou Premiação de Salões e Projetos de Arte em Belém. Em 2015, inicia a experiência curatorial em exposições individuais e coletivas na cidade. No mesmo ano — até o início de 2019 — esteve na Gestão do Espaço Cultural Casa das Onze Janelas (SIM/SECULT). Além disso, desenvolve pesquisa no Campo das Artes Visuais em Belém desde 2014, acompanhando artistas locais, suas produções e processos de criação artística. Estes elementos estão presentes no corpo teórico que forma sua pesquisa da Graduação, Mestrado e Doutorado.

O Candeeiro retorna a Belém no fim de 2023 a Belém, mas mantém suas atividades online pela falta de um espaço físico além do que Heldilene assume a o cargo de docente dentro da FAV-faculdade de Artes Visuais da UFPa, no ano de 2024 Heldi e Natan passam a procurar um novo local pra sediar o Candeeiro, mas as dificuldades achar uma casa que comporte as atividades do espaço cultural e da família Reale Garcia, foi um impasse, já em maio de 2025 eles conseguem mudar para um casarão antigo, compatível as suas necessidades como espaço de cultura e familiar, pois um grande ponto do Candeeiro é ser um espaço em que há o envolvimento da família (Heldilene mãe, Natan Pai, Helena filha e Heitor filho) os 4 são o Candeeiro, o envolvimento das crianças sempre foi presente no processo artístico, curatorial e de montagem das atividades, podemos dizer que o Candeeiro é uma “galeria residência” e para nossa alegria está previsto que as atividades retorne em uma das edições do Circular no segundo semestre de 2025 com a nova casa alugada no bairro da Cidade Velha com suas atividades de exposições, bate-papo sobre artes visuais e cultura.

Figura 1 – Logomarca do Espaço Cultural Candeeiro



Fonte: Criada pela Artista Heldilene Reale e Natan Garcia

A logomarca do Candeeiro tem como simbolismo a união das regiões Norte e Nordeste dando uma relação com as duas regiões, o objeto candeeiro que é usado em ambas regiões e representam muito a cultura locais, ribeirinha no Norte de onde Heldilene teve sua infância e do interior do Ceará de onde Natan foi criado, ambos usando esse objeto para iluminar suas casas, assim pensaram da importância que a arte tem para iluminar as pessoas, assim nasceu a ideia do nome Candeeiro que na letra O tem a cor amarela remetendo a luz acesa.

Imagens

Foto 15 - Fotografia: Natan Garcia



Doris. Fonte: Arquivo Candeei
Foto 16 - Fotografia: Ingrid Gomes



Natan Garcia e Ursula Bahia. Fonte: Arquivo Ursula Bahia.

Foto 17 - Fotografia: Natan Garcia



Helena Reale. Fonte: Arquivo Candeeiro

Foto 18 - Fotografia: Natan Garcia



Fonte: Arquivo Candeeiro

Foto 19 - Foto: Heldilene Reale



Natan Garcia, Heldilene Reale. Fonte: <https://www.instagram.com/candeeiro.gc/>

2.6 KAMARA-KÓ GALERIA - MAKIKO AKAO

Makiko Akao é convidada a ser sócia da Agência Kamara-Kó de Fotografias no ano de 1991, e como produtora cultural independente, trabalha com seleção e edição de imagens, projetos de exposição, edição de livros de fotografias e outros projetos culturais. Também fez parte da Diretoria da Associação Fotoativa pelo período de 2002 a 2007 e reeleita pelo período de 2011 a 2013. É também responsável desde 2011 do espaço expositivo Kamara-Kó Galeria que é a teve seu início voltada exclusivamente para a de Fotografia onde vem realizando projetos de fomento a novos colecionadores como “Minha Primeira Obra” e “Coletivo de Dezembro”. Em 2019 iniciou um novo projeto “Experiência Curatorial” espaço de experimentação de novos curadores. Também pela galeria tem produzidos várias exposições em Belém, Brasília e São Paulo e participado das SPArte - Fotografia em São Paulo/Brasil e ArtLima em Lima/Peru assim como produção, exposição e lançamento do livro “i.ma.ge.ti.ca”, Produção, exposição e lançamento do livro “Navegante da Luz – Miguel Chikaoka e o navegar de uma produção experimental” com a pesquisadora Marisa Mokarzel; Produção, exposição e lançamento do livro “Japanamazônia: Confluências Culturais” em quatro municípios do interior do Pará e também idealizadora do Projeto Circular Campina/ Cidade Velha onde foi coordenadora até o período de 2013 a 2017.

Figura 2 – Logomarca da Kamara Kó Galeria

A logomarca da Kamara Kó Galeria é apresentada em uma fonte serifada, com o texto "KAMARA | KÓ | GALERIA" disposto horizontalmente. O "KÓ" é o elemento central e mais proeminente, com um acento circunflexo sobre o "O".

Fonte: Página da Kamara Kó Galeria

A logomarca da Kamara-Kó Galeria vem do livro Povos indígenas do Brasil que é de um projeto de pesquisa do Museu Goeldi³² da etnia Äjpi é um nome

designado aos indígenas falantes da etnia Galibi Palikur que foi sugerido pelo fotógrafo Patrick Pardini³³, sócio de Miguel, Chikaoka, Octávio Cardoso³⁴ e de Ana Catarina³⁵ que faziam parte da agência fotográfica de mesmo nome eles pensaram em um nome que lembrasse fotografia e como a grafia remetia a fotografia e mesmo o termo Kamara-kó ter outro significado “Amigos Verdadeiros, Irmãos” combinava com o coletivo.

Imagens:

Foto 20 - Fotografia: Miguel Chikaoka



Fonte: Arquivo Kamara-Kó.

Foto 21 - Foto: Miguel Chikaoka



Fonte: Arquivo Kamara-Kó.

Foto 22 - Fotografia: Miguel Chikaoka.



Fonte: Arquivo Kamara-Kó.

Foto 23 - Fotografia: Miguel Chikaoka.



Fonte: (<https://www.instagram.com/kamarakogaleria/>)

2.7 ESPAÇO ECOAMAZONIAS/NEGRITAR - JOYCE CURSINO

O Espaço EcoAmazoniaS é um empreendimento cultural ecológico amazônico idealizado pela jornalista, produtora cultural e cinematográfica Joyce Cursino que passa a ocupar uma casa no bairro do Jurunas em Belém do Pará, para o desenvolvimento de projetos ecológicos para o bairro do Jurunas envolvendo a educação, cultura e meio ambiente para a conscientização da sociedade civil com o foco na participação de jovens negros e que também abriga a sede da Negritar.

A Negritar é uma produtora audiovisual de impacto social composta por pessoas negras e que tem como objetivo potencializar narrativas pretas, periféricas e da Amazônia.

Joyce Cursino é atriz, jornalista de formação pela UFPA, começou sua carreira como repórter mirim aos 15 anos no Fórum Cultural e Social que aconteceu em Belém em 2009 pela TV SBT/PA e com essa experiência resolveu ingressar na academia e que no seu primeiro ano de universidade entrou na TV Cultura do Pará como estagiária onde teve um maior contato com pautas e produção cultural onde direciono; totalmente sua carreira.

Figura 3 – Logomarca do Espaço EcoAmazonias/Negritar



Fonte: Página da Negritar Filmes e Produções

A ideia da logomarca da Negritar é baseada por ser uma organização criada por uma mulher negra e liderada por mulheres negras daí a escolha de uma figura feminina para representar e o megafone por ser um instrumento como ferramenta dentro do cinema e também como forma de fazer o grito do Negritar, no sentido de passar uma mensagem muito importante que tem que ser alcançada por muitas pessoas e a claquete representa que esta mensagem é dentro do cinema negro que tem como também sua representação o turbante que traz essa identidade das mulheres negras como questão central da organização.

Imagens:

Foto 24 - Fotografia: Alexandre Matos



Fonte: Arquivo Ursula Bahia

Foto 25 - Fotografia: Alexandre Matos



Fonte: Arquivo Ursula Bahia

Foto 26 - Fotografia: Alexandre Matos



Fonte: Arquivo Ursula Bahia

Foto 27 - Fotografia: Alexandre Matos



Fonte: Arquivo Ursula Bahia

Foto 28 - Fotografia: Alexandre Matos



Fonte: Arquivo Ursula Bahia

2.8 ATELIÊ JUPATI GALERIA DE ARTE MULTICULTURAL - URSULA BAHIA

O Ateliê Jupati Galeria de Arte Multicultural é um empreendimento independente idealizado e empreendido por mim Ursula Bahia fotógrafa e arte-educadora no qual contempla o meu “início como artista” em seu modo de ver, mesmo já tendo uma carreira de mais de 28 anos dentro da fotografia.

O Ateliê Jupati foi fundado em 8 de janeiro de 2018 como intuito de ser um parceiro do Projeto Circular Campina, Cidade Velha, tendo como base de sua programação dentro das 5 edições que ocorrem nos meses de Abril, Junho, Agosto, Outubro e Dezembro sempre no primeiro domingo destes meses, traz como objetivo do projeto um espaço cultural independente voltado as múltiplas manifestações que a arte para a cena cultural de Belém tendo como programações: exposições, bate-papos de assuntos diversificados (cultura, dança, cinema, cultura alimentar, fotografia, pesquisas acadêmicas, assuntos sobre comunidades negras, LGBTQIAPN+, tradicionais, patrimônio histórico, empreendedorismo cultural dentro outros assuntos), shows, feirinha criativa dando espaço a microempreendedores artesãos. Nosso maior objetivo é fomentar a cultura Amazônica em sua totalidade cultural.

Figura 4 – Logomarca do Ateliê Jupati Galeria de Arte Multicultural



Fonte: Perfil da rede social Instagram @atelieljupati

A logomarca do Ateliê Jupati foi uma construção conjunta entre mim Ursula Bahia e o jornalista, diretor de cinema e designer gráfico Afonso Gallindo (*in memoriam*), onde eu estava buscando um nome com origem amazônica e paraense, para meu espaço de cultura, em minhas buscas cheguei ao coletivo de mulheres artesãs “Mulheres de Fibra” da cidade de São Sebastião do Marajó onde me encantei com a história dessa fibra que essas mulheres usam para fazer cestarias e muitos itens de moda.

Passei a ideia de ser usando as fibras e as cores do arco-íris por gostar do conjunto de cores e pelo simbolismo de aliança que tem na Bíblia, porém quando Afonso me apresentou o desenho final ele veio com outra leitura sobre o nome e a minha história: “Que ele via em mim e no ateliê uma trama de fibras que iria reunir as múltiplas culturas artísticas e gêneros dentro da arte, além de ser uma mulher de fibra que luta por si e pelos outros”.

Assim, deu-se a criação da logomarca do Ateliê Jupati Galeria de Arte Multicultural.

Imagens:

Foto 29 - Fotografia: Ursula Bahia



Fonte: Arquivo Ursula Bahia

Foto 30 - Fotografia: Ursula Bahia



Fonte: Arquivo Ursula Bahia

Foto 31 - Fotografia: Ursula Bahia



Fonte: Arquivo Ursula Bahia

Foto 32 - Fotografia: Ursula Bahia

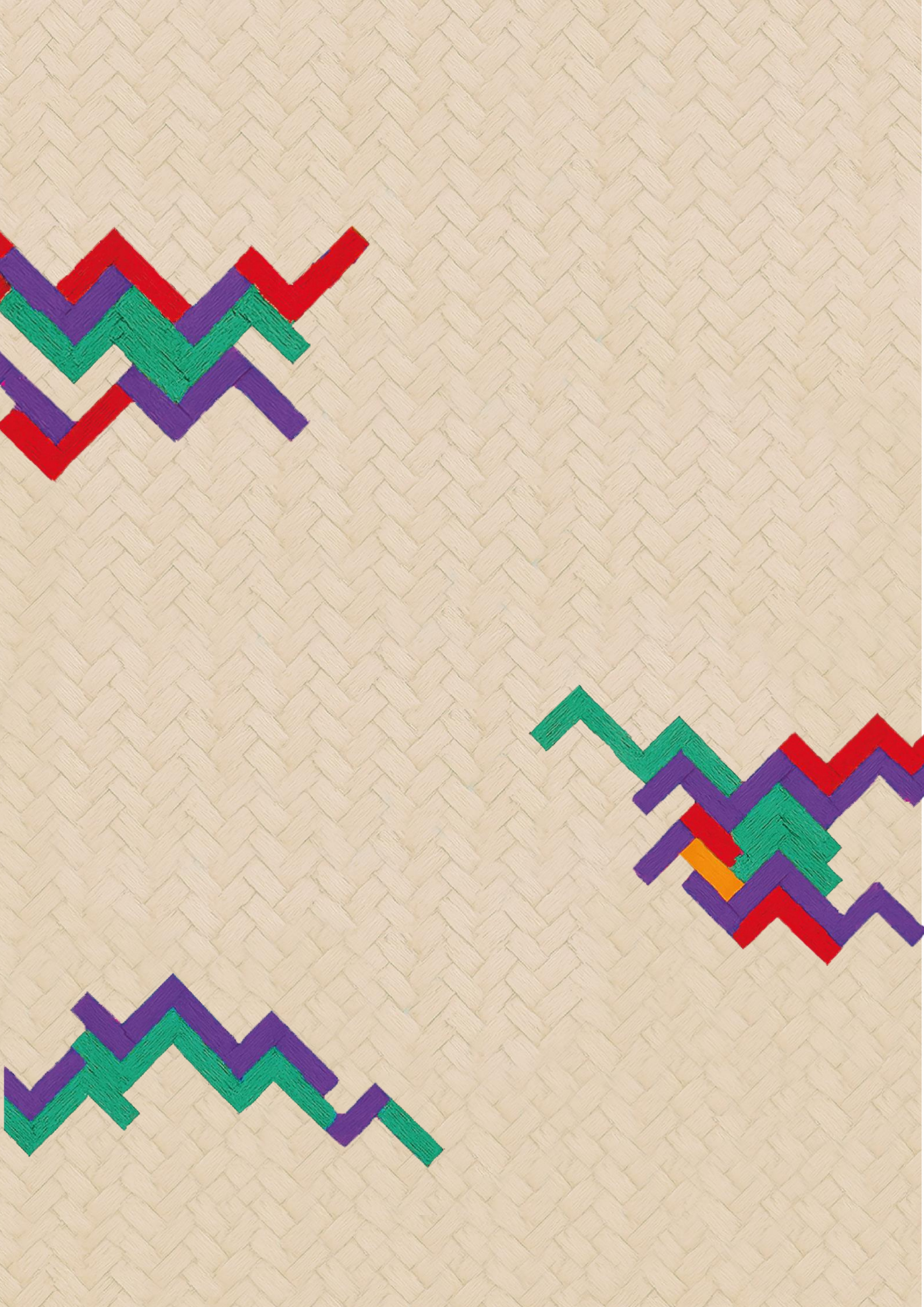


Fonte: Arquivo Ursula Bahia

Foto 33 - Fotografia: Rao Godinho



Alexandre Sequeira, Ursula Bahia. Fonte: <https://www.instagram.com/ateliejupati>



3. A ATIVAÇÃO CULTURAL A PARTIR DE REDES DE PERTENCIMENTO E AFETO

Na construção deste projeto percebi que meu processo artístico é um conjunto de saberes que venho acumulando nestes 28 anos como fotógrafa, sete como galerista, curadora, produtora cultural e dez como arte-educadora.

Desde que comecei na fotografia passei pelo conhecimento e relacionamento com muitos artistas locais e posteriormente daqueles artistas que convivi em Belo Horizonte e São Paulo, mais são os meus pares de minha terra que percebi que tem uma influência bem grande no que sou como artista.

Pois foram eles que me fizeram decidir quem eu sou, quais caminhos deveria tomar, amar arte, aprender como ser artista, conquistar meu espaço dentro da cena cultural regional e nacional e quem sabe internacional, pois foi com essas pessoas que me apoiaram me ensinaram o valor do meu trabalho, me guiaram, apresentaram a caminhos que eu não pensava me seguir.

Foi por essa rede que eu sou quem sou e quero ser mais além do que eu mesmo possa ainda pensar para mim, quero que essas pessoas sim tenham orgulham de mim pois “EU SOU A CRIA” dessa rede de artistas, curadores, galeristas, fotógrafas (os), cineastas, professores que eu tive a sorte de conhecê-los.

Dentro do Curro Velho sempre nos identificamos como “crias do curro velho”, pois bem eu sou “CRIA DO CURRO VELHO, DA FOTOATIVA, DA KAMARAKÓ, DA CULTURA PARAENSE, DA CULTURA DO BRASIL”, sou CRIA DE MIGUEL CHIKAOKA, PAULA SAMPAIO, ALEXANDRE SEQUEIRA, WALDA MARQUES³⁶, PAULO AMORIM, JORANE CASTRO³⁷, OCTÁVIO CARDOSO, MARIA CHRISTINA³⁸,

³⁶ WALDA MARQUES

É maquiadora, cenógrafa, figurinista e fotógrafa paraense que tem seu trabalho muito voltado fotografia de stúdio e um trabalho primoroso de fotonovelas. Fonte: Ursula Bahia;

³⁷JORANE CASTRO

Fotógrafa, cineasta paraense e professora da Faculdade de Artes Visuais-FAV/UFGA. Fonte Ursula Bahia;

³⁸ MARIA CHRISTINA

É fotógrafa paraense, foi editora de fotografia do jornal O Liberal, é produtora cultural e acesso de comunicação do fotoativa. Fonte: Ursula Bahia;

FATINHA SILVA³⁹, ORLANDO MANESCHY⁴⁰, CLÁUDIA LEÃO⁴¹, LUIZ BRAGA⁴², ELZA LIMA⁴³, GUY VELOSO” dentre tantos outros é com essa trajetória de reconhecimento e afeto que venho com este projeto, trazer em palavras essa “ATIVACÃO CULTURAL”, incentivando aos nossos artistas e futuros artistas que podemos fazer arte sem tantas dores, que podemos levar a arte aqueles que precisam conhecê-la, reconhecê-la, aprender com ela, respirar arte.

É com esse processo de afeto que minha trajetória se deu, com perseverança, humildade em pedir que essas pessoas me ensinassem como ser artista, como devo me expressar como meus trabalhos, como meu olhar com a minha fala.

Ser artista não é somente pintar, fotografar, fazer uma escultura, uma música é tocar no mais profundo dos sentimentos e psicológico das pessoas que consomem nosso trabalho é trazer reflexões de uma vida, de uma sociedade que busca melhorar ser feliz, trazendo expressões que transcendam os mais profundos sentimentos em arte.

O ponto chave deste trabalho é incentivar a criação de uma cadeia cultural fortalecida, unida, onde todas as categoria das arte possam se unir em um único grito de esperança, onde a nossa cultura seja preservada, lembrada, propagada a todo mundo.

Com muita beleza, criatividade, fomento, afeto, amor, cultura, pertencimento e ativação.

³⁹FATINHA SILVA

É paraense fotógrafa e produtora cultural da produtora Namazônia. Fonte: Ursula Bahia;

⁴⁰ORLANDO MANESCHY

É paraense fotógrafo, pesquisador, curador e crítico de arte. Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP é professor e orientador do PPGARTES e da FAV/UFPA no curso de artes visuais. Fonte: Ursula Bahia;

⁴¹CLÁUDIA LEÃO

É paraense fotógrafa, atriz, curadora, pesquisadora também professora do curso de artes visuais da FAV e PPGARTES/UFPA. Fonte: Ursula Bahia;

⁴²LUIZ BRAGA

É belenense e nascimento arquiteto de formação pela UFPA é um fotógrafo reconhecido nacionalmente e internacionalmente pelo seu olhar amazônico multicolorido. Fonte Ursula Bahia;

⁴³ELZA LIMA

É historiadora de formação pela UFPA, conhecida nacionalmente e internacionalmente como fotógrafa paraense onde atuou dentro da Secretária de cultura do Pará SECULT/PA. Fonte: Ursula Bahia

3.1 REFLEXÕES SOBRE SIMILITUDES E SINGULARIDADES NA ATUAÇÃO DE MULHERES NA CENA CULTURAL EM BELÉM: O DIÁLOGO COMO EIXO PARA A EDIÇÃO DO VÍDEO POÉTICO-DOCUMENTAL

Este projeto me trouxe muitas reflexões sobre a minha relação com as minhas personagens o que temos de semelhantes e diferentes em nossas trajetórias, como cada uma de nós chegamos a onde estamos, qual a importância das nossas atividades na nossas vidas, nos nossos relacionamentos, família, amizades, de trabalho e principalmente da nossa vivência.

Teremos legado? Teremos pessoas que continuaram essa trajetória que criamos, fomentamos, demos verdadeiramente contribuição a cena cultural de Belém, para o nosso Estado, para o nosso país?

Quem somos? Somos mulheres, esposas, companheiras, amigas, mães, mães solo, feministas, lutadoras, brigonas, persistentes, amantes das artes e cultura esses são os nossos adjetivos? Quem somos nós?

No meu ver somos isso sim! Percebi que a nossa inquietude pela arte e propagá-la é o nosso alimento, combustível e respirar, somos quem somos por isso, sinceramente acho que eu, Makiko, Heldilene e Joyce não seríamos quem somos se não fosse pela cultura, seríamos mais um grupo de mulheres existentes.

E é nisso que se concebeu o eixo da criação deste documentário, falar exatamente dessas mulheres, de suas trajetórias.

3.1.1 HELDILENE E EU

Foto 34 - Fotografia: Alexandre Matos



Fonte: Arquivo Ursula Bahia

Em 2019, em uma das minhas programações dentro do Circular recebi a visita de Heldilene e família, ela me disse que ia mudar para Cidade Velha e queria marcar para conversarmos sobre como era a minha gestão dentro do espaço, tempos depois ela me chamou para um almoço na sua nova casa que era uns 600 metros da minha na Trav. Cameté, ela e seu companheiro Natan Garcia perguntaram como foi que surgiu a ideia do Ateliê Jupati e como estava sendo gerir um espaço sozinha? e como foi o caminho que tracei para participar do Circular?, como trazia os artistas para participar da programação do espaço?

Eu disse a ela que foi a experiência vivida dentro do Espaço Sinhá Pureza que me levou a conhecer o projeto Circular em 2015 depois que voltei a morar em Belém e peguei as ideias que davam dentro do espaços delas e trouxe para mim e complementei com a parte da galeria de arte que no meu intuito a galeria deveria ser 100% voltada para fotografia mais com a demanda dos artistas que vinham conhecer o espaço e pediam para expor seus trabalhos, resolvi abraçar todas as linguagens e formas da arte na galeria.

E foi assim que o Ateliê Jupati surgiu com uma vontade de fazer arte, divulgar meu trabalho e dos meus pares nas artes visuais, música e de outros setores, e com a graça de Deus foi um sucesso a cada edição, o público foi se formando, artista chegando pedindo para fazer suas exposições no espaço, artesãos também entrando em contato pelas redes sociais que queriam participar da Feirinha Criativa mas também eu ia em muitas feiras e dava meu cartão de visita às pessoas que achavam seus trabalhos interessantes e que achavam que valia a pena trazer para dentro do espaço.

E foi nesta conversa que os “Vizis” forma carinhosa que chamo a Família Reale Garcia passou a pensar como eles construiriam o Espaço Cultural Candeeiro. Foi neste clima de vizinhança, família, arte e cultura que construímos uma amizade, foi também neste dia que passei com eles que renasceu a minha vontade de fazer o mestrado no PPGARTES, pois na época Heldilene estava terminando o doutorado dela e estava saindo do corpo docente da Unama.

Ela foi uma grande incentivadora desse projeto eles foram as primeiras pessoas que eu falei do meu pré-projeto e me incentivaram a conversar com os professores e nossos colegas das artes a pedir opinião deles sobre as minhas ideias acadêmicas.

No documentário Heldilene ressaltou muito da criação do Candeeiro envolvendo a família (ela, Natan, Heitor e Helena) que não tinha como ter essa relação de um espaço sem eles, pois os quatro são o Candeeiro a participação das crianças e de seu companheiro foi sempre o diferencial dentro do espaço e foi isso que temos em comum, mesmo na época do Ateliê Jupati pensando tudo sozinha eu nunca fiz nada dentro do espaço só, sempre tive a participação da minha mãe principalmente, já tive participação do meu irmão, sobrinho, sogra do meu do meu irmão, cunhada, primos e principalmente muitos dos meus amigos vinham me ajudar na logística das minhas programações.

Até no documentário tive a participação do meu irmão, da minha mãe e de amigos pois eles são a minha rede de apoio esse é o comum que temos entre o Espaço Candeeiro e o Ateliê Jupati a nossa rede de apoio familiar.



3.1.2 MAKIKO E EU

Foto 35 - Fotografia: Alexandre Matos



Fonte: Arquivo Ursula Bahia.

A minha relação com Makiko teve uma proximidade em 2017 quando fui a uma palestra sobre o Projeto Circular Campina Cidade Velha onde sinalizei a ela que gostaria de ser umas das parceiras do projeto. Que estava me mudando para a Cidade Velha e que formaria minha galeria de arte. Pois tinha conhecido o projeto em 2015 por intermédio de algumas amigas e me interessei em fazer parte daí decidi procurar uma casa na Cidade Velha com intenção na participação do projeto. Anteriormente era muito de cumprimentos nos eventos culturais que existiam. Nunca tínhamos conversado. Confesso que tinha um pouco de medo dela.

Mas, mesmo com a distância, ela sempre foi meu referencial como motivadora, empreendedora e produtora cultural, a acompanhava em silêncio, sempre que ia nas exposições da Kamara-Kó ficava observando-a, aprendendo nos mínimos detalhes o que tinha naquele espaço que continha história, afeto, beleza arquitetônica e muita, muita fotografia. Desejava fazer parte daquele espaço algum dia, ter uma exposição naquelas paredes, ainda sonho com isso, vencerei na vida quando isso acontecer.

No fundo do meu coração eu queria que o Ateliê Jupati fosse um retrato, reflexo ou se não um filho da Kamara-kó Galeria, pois foi nela que meu sonho teve sua inspiração, conheci muitas galerias em São Paulo, Belo Horizonte no período que morei nestes Estados, mas nada se comparava, meu coração sempre foi da Kamara-kó. E eu queria ser algo parecido com a Makiko e com seu espaço, vejo nela uma criatividade e empreendedorismo cultural que só faz me inspirar e agora podendo ter este convívio um pouco mais próximo dela isso me traz um desafio de fazer mais e mais.

Escrevendo este capítulo me coloco em reflexão, será que além de falar dessas mulheres, dos seus processos e de suas atuações dentro da cena cultural de Belém, também é uma homenagem direta a Makiko? Coloco essa pergunta a você que está se dispondo a ler este trabalho o que tu achas?

Confesso que para escrever este capítulo fiquei muito tempo em reflexão pois não sabia o que colocar, pois me sentia distante da Maki, mais no processo de digitação estas palavras foram fluindo e resolvi deixar meu coração escrever por mim, talvez não seja a forma acadêmica mais é o que meus sentimentos me mandaram colocar.

Percebo que eu e Makiko temos uma inquietude em fazer algo na cultura, trazendo nossas reflexões, além de trazer arte, o Ateliê Jupati é uma filho de um projeto gerado por ela e dou graças a isso, então afirmo que sou uma cria de Makiko Akao. Na verdade, sou uma cria de muitas pessoas em Belém do Pará.

3.1.3 JOYCE CURSINO E EU

Foto 36 - Fotografia: Alexandre Matos



Ursula Bahia e Joyce Cursino Fonte: Arquivo Ursula Bahia

Na entrevista que fiz com Joyce percebi as nossas semelhanças e diferenças em nossa trajetória artística e dentro dos espaços culturais, Joyce vem de uma militância negra, periférica feminina bem diferente da minha realidade e isso é visível na construção de seus projetos e espaços que são sempre voltados para o público negro, periférico dando a voz e visibilidade as mulheres.

Pela circunstância da cena cultural de Belém sempre nos esbarrávamos, mais em 2019 nos aproximamos devido um projeto que ela me chamou para participar, até então ainda não tinha o espaço ou a produtora isso ocorreu em 2021, onde ela criou a Negrita e a Casa Sumaúma que tinha sua sede no Bairro da Campina em Belém e com este trabalho descobri que a Casa Sumaúma virou o

Espaço EcoamazôniaS e atualmente está localizado no bairro do Jurunas, mudando totalmente o foco.

Os nossos diferenciais vem dessa vivência social em que cada uma tem, Joyce é cria do Jurunas bairro periférico de Belém eu já venho de Val-de-Cães bairro originalmente criado pelas forças armadas, onde era regido por um classe média, dentro dos nossos espaços existe essa diferença também no público para qual é voltado cada espaço, O Eco Espaço AmazôniaS e o Negritar tem foco a comunidade deste bairro da periferia, em conscientização do meio ambiente, educação e cultura periférica.

Já o Ateliê Jupati foi construído para atingir o público de um projeto cultural específico que sim tem a diversidade de classes e gêneros que o frequenta, porém que na sua maioria vem de uma classe mais abastada, que nos direciona a uma linguagem bem especifica a cada espaço voltando sempre ao foco social, educativo e econômico deste público que os consome.

Já a nossas semelhanças vem dessa negritude que temos, como mulheres negras percebi logo de cara na nossa entrevista os looks de cada uma estava, sempre marcante e isso é uma identidade nossa de mulheres pretas que em sua maioria tem um maximalismo nas suas roupas, acessórios e cabelos que nos identifica e que passa sim pela identidade dos nossos espaços de cultura pois como diz o ditado “Boa aparência é carta de apresentação”. Isso foi um dos meus cuidados neste processo para fazer este documentário estar bem apresentada as minhas personagens.

E isso se reflete ao meu trabalho dentro do Ateliê Jupati, pois sempre preservo essa questão de estar bem apresentada ao meu público seja com as roupas, cabelo, unha e acessórios que este uso muito os acessórios dos parceiros da feirinha criativa que tenho ou de artesãos locais que gosto muito de usar, e Joyce como artista e representante do espaço EcoamazôniaS e Negritar tem essa mesmo cuidado.

Isso já é uma identidade minha nas minhas programações como fosse parte do evento isso já me foi sinalizado tanto pelo público que frequenta meu espaço como até mesmo de artistas e a produção do projeto Circular, que isso faz parte da minha identidade como espaço de cultura.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que é o processo artístico? Desde que eu entrei no mestrado venho me perguntando isso, será que o que eu fiz nestes 28 anos como fotógrafa de carreira é, foi ou será o suficiente e foi um processo artístico? Eu sei o que é o processo artístico? Será que o fazer na prática, por um percurso solo foi o que estou sendo exigida agora? Chorar, gritar, tentar desabafar, escutar música repetidamente pode me acalmar e fazer parte desse processo? Ser humana é um processo artístico? Descobrir no meio deste percurso que as limitações que tive intelectual e emocionalmente tinha nome TDAH e o quanto isso interferiria ou dava identidade a minha ativação.

Ao executar, aprender e reaprender o que é ser uma artista, uma produtora cultural, uma fomentadora da cultura, uma mulher, uma negra? Muitas coisas me vêm à tona em tudo isso, colocar no papel mais ainda é o processo difícil de tudo isso, falar é bem mais fácil que escrever.

Quando me coloquei neste papel depois de 18 anos fora da academia, achei que seria mais fácil por ter passado pelos outros processos acadêmicos, mais na prática não é! Falar de uma carreira artística, que para mim é recente (10 anos), é uma trajetória de muito se arriscar e isso se reflete na minha vida.

Esse projeto foi um risco por falar de um processo recente, mas percebi que é preciso ser falado, pois as vozes precisam ser ecoadas e quero fazer a diferença para alguém, nem que este alguém seja a mim mesma, saber que tentei.

Então prefiro chorar pelo leite que derramei, mas tentei fazer um queijo, do que não ter feito nada. Como eu sempre digo: “O não eu já tenho, quero ter o sim”. E percebi que sempre fui assim. Desde que tomei coragem de buscar o que eu queria, sempre me considerei corajosa de fazer as coisas, nunca me conformei com o “não”, sempre tentei reverter mesmo que demorasse a acontecer. Percebi isso em toda minha vida. Nunca tive nada de mão beijada, mesmo com meus pais

trabalhando e dando o melhor que eles puderam me dar, mas sempre queria o diferente, sempre quis ser dona do meu nariz, sempre quis ter meu nome na história, aprender e ensinar o que eu aprendi com meus pais, com meus colegas, com meus amigos, com meus professores e principalmente com a vida.

Tudo isso para mim é fazer parte do meu processo, é quem eu sou, é o que eu vejo nas minhas fotografias, quero contar histórias, quero que meus pares na arte possam contar histórias e acho que o Ateliê Jupati é o retrato disso.

“O processo criativo artístico é a busca pela forma como o artista abordará a mensagem que pretende passar para o mundo, seja a comunicação de um sentimento, um impacto visual, a provocação de questionamentos sobre a realidade, entre outros.”

Eu sempre quis ter um espaço meu mais a minha intenção era ser mais simples, eu só queria expor meu trabalho e dos meus colegas, mais a necessidade dos artistas me levou a outros patamares que nem eu sabia que iria passar, aprender e vivenciar.

“Arte é um conhecimento sensível, que coordena ações e emoções; é um modo de pensar, chegar a criações inusitadas e estéticas, propor novas formas de ver o mundo e apresentá-lo com registros diferenciados. É uma construção humana que envolve relações com os contextos cultural, socioeconômico, histórico e político. É a experiência dos sujeitos que se faz coletiva.”

No Processo artístico do Ateliê Jupati Galeria de Arte Multicultural, fui agregando as minhas vivências e a busca que o público participante da programação buscava com algumas particularidades de como montar as programações.

Em 2018, fiz minha primeira exposição dentro do espaço com uma exposição dupla fotográfica minha com o fotógrafo Faustino Castro⁴⁴ que se chamou “ENTRE OLHARES” - série fotográfica pessoal sobre as religiões de Matriz

⁴⁴ Faustino Castro

Comunicólogo do jornalismo, publicidade e fotógrafo é técnico em programação no TRE/PA

Africana existentes em Belém e as do Fausto com Paisagens de pontos arquitetônicos de Belém.

Também coloquei uma feirinha criativa com diversos artesãos, a gastronomia, em especial, retém o público dentro do espaço principalmente na hora do almoço, onde o número de pessoas dobra, poket-show, e um bate-papo. Percebi que essa roupagem deu certo. Sempre tivemos casa cheia nas nossas programações.

O diferencial da produção artística, apesar da minha coordenação geral do espaço, eu sempre consegui envolver amigos e familiares para me ajudarem na organização do espaço no dia do Circular e isso virou a identidade do Ateliê Jupati, ter uma exposição, bate-papo, shows ou apresentações artísticas, gastronomia e feirinha criativa.

E para a construção desse documentário sobre esse processo artístico, já tive uma luta, pois em 2024 (ano de eleições municipais) a demanda para o audiovisual sobe e todos os colegas que entrei em contato estavam atolados de trabalho para a eleição, sendo que, quando consegui fechar uma parceria com alguém, sempre dava problema nas datas para marcar. Nesta época, ainda não tinha a bolsa CAPES para utilizar nas demandas fílmicas do projeto, portanto estava contando com amizade e parceria para fazer o documentário.

Porém eu já tinha todo o processo filmográfico na cabeça. A priori, queria um documentário de guerrilha sem perguntas prévias e sim, mais fluido. Porém, para não sair muito do assunto do documentário, eu e meu orientador decidimos ter perguntas formuladas.

Depois de muito vai e vem em tentar um filmmaker, finalmente no segundo semestre já com a bolsa e muita negociação, consegui fechar com outro colega que aceitou o trabalho em termos de pagamento, graças a Deus! Sempre existe uma pessoa compreensiva na forma de fazer arte.

A produção de um filme passa por uma equipe muito grande, mas o que fazer quando grande parte dessa equipe é só você? Tu és a pesquisadora, produtora executiva, produtora cultural, staff, maquinista, maquiadora, catering, o correr atrás de parcerias que possam diminuir o acúmulo de responsabilidades em cima de você, para que possa organizar melhor, vem de encontro com a falta da verba para a produção.

Mas meu lema é “correr atrás do que eu não tenho”, para isso falei com várias pessoas, recebi os “nãos, sim e talvez”. No final das contas, mobilizei algumas pessoas para me ajudarem.

Outro ponto sobre a produção do documentário foi referente à agenda das entrevistadas e da equipe que foi um vai e volta na remarcação, mas consegui resolver. Só faltou a reunião de todas elas para uma entrevista coletiva infelizmente as agendas não bateram.

Algo que me veio à mente foi como me coloquei dentro das artes. Nunca tinha me sentido inferiorizada pelos meus pares dentro da fotografia ou da arte, mas fui subestimada por ser mulher negra. Ainda me faço essa pergunta, pois um certo artista em uma conversa que tivemos disse que gostou muito de ter me conhecido e ter várias conversas comigo, que todos os assuntos que ele reportava a mim seja cultural, política ou social, eu dava respostas que o deixava sempre surpreso.

Até que um dia, ele me disse que estava surpreso comigo. Pensei: “bom que tive uma educação e inteligência apesar da minha vida”. Então, perguntei: O que estava querendo dizer com aquilo? Pois não tinha entendido muito bem a colocação que ele fez. Ele explicou que eu tinha “vivido em periferia estudei em escola pública e com esse pouco estudo que tive, consegui vencer o sistema”.

Questionei: “de onde ele tinha tirado isso? Tinha pensado assim porque eu era uma mulher negra?”. Confrontei-o, argumentando que este pensamento é um pensamento de branquitude (racista). Ele imediatamente quis justificar. Eu

expliquei que nasci em uma periferia de Belém, mas não fui criada nela e muito menos, estudei em escola pública.

Meus pais sempre trabalharam e deram a mim e meu irmão caçula o que eles não tiveram na infância e adolescência, inclusive cultura e escola particular. Que aquele pensamento estava errado e ele precisava corrigir e não pensar que toda pessoa negra é de classe mais baixa ou inferior intelectualmente.

Esse estereótipo em dizer que pessoas negras estudaram em escolas ou universidades particulares são “pessoas de oportunidades” me incomoda muito. Pois deveria ser natural. Claro que a realidade da sociedade brasileira rotula pessoas negras que tiveram uma educação melhor e um lar mais estruturado como pessoas que tiveram “sorte na vida”.

Esses paradigmas precisam ser corrigidos. Nos últimos anos, todos vêm sendo questionados pela forma de falar. Quero que meus sobrinhos possam viver em uma sociedade onde estes rótulos sejam desfeitos e acho que isso forjou indiretamente a minha posição dentro da arte. Fora este episódio, minha trajetória foi sempre de muita tranquilidade, mas acho que eu me vesti de certa forma com uma “armadura” e agora estou me dando conta disso, de ser uma pessoa extrovertida, comunicativa, desenvolta e curiosa fez com que as pessoas me acolhessem e tivessem empatia por mim.

É o que fez gerar meu processo artístico, pois sempre me desafiei a ser o mais diferente possível seja na organização deste documentário, preocupada se teria lanche para minha equipe e entrevistados, se os alunos voluntários teriam dinheiro para sair de casa para ir na gravação.

Mobilizei minha mãe e meu irmão a me ajudarem na produção, o peso de ter tirado excelente e ter minhas monografias da graduação e pós- graduação nas bibliotecas das universidades, nas quais estudei, também conta para esse mestrado, faz com que este trabalho seja um reflexo desse desejo de mostrar minha capacidade, mesmo com pouco recurso financeiro, eu pude fazer

acontecer como eu já faço acontecer dentro das programações que executo dentro do Ateliê Jupati.

É o que eu repito sempre “*o não eu já tenho, preciso fazer acontecer o sim nos meus limites e capacidades*”. Eu quero fazer a diferença, eu quero fazer parte da história, na minha cidade, no meu meio de trabalho, no meu país e quem sabe no mundo. Quero ser quem sou, sem me preocupar se vou ser aceita ou não. Só por eu ser mulher ou negra, quero colaborar com pessoas que passam pelo mesmo processo mas não tem tanta expertise de como seguir seu caminho. Quero aprender e ensinar mais, seja ele dentro ou fora da academia.



REFERÊNCIAS

BOURRIAUD, Nicolas **Estética Relacional**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009;

BOURRIAUD, Nicolas **Pós-Produção**: como a arte reprograma o mundo contemporâneo. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009;

CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea**: uma introdução. Tradução Rejeane Janowitz. São Paulo: Martins Fontes, 2005;

CIRILLO José; GIL, Fernanda Garcia; GRANDO, Ângela (Org.) **Artistas, autoria e as práticas colaborativas**. São Paulo: Intermeios, 2013.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. Organização Jo Ann Boydston; editora de texto Harriet Furt Somin; introdução Abraham Kaplan. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HOOKS, Bell. **Cultura fora da lei**: representações da resistência. Tradução de Sandra Silva. São Paulo: Elefante, 2023.

HOOKS, Bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. Tradução Bhuvi Libani. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, Bell. **Ergue a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias de plantação**: episódios de racismo cotidianos. Tradução Jess Oliveira. 1. Ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário**: de pré-produção a pós-produção. 3ª edição. Campinas, SP: Papyrus, 2012. (Coleção Campo Imagético).

NICHOIS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução Mônica Saddy Martins. 69 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2016. (Coleção Campo Imagético);

BARBOSA, Adriana; SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Preta potência**: como a resistência e a ancestralidade me ajudaram a criar o maior evento de cultura negra da América Latina. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2021.

LINKS E SITES

<https://online.pucrs.br/blog/public/quem-e-adriana-barbosa-biografia>;

<https://brasilecola.uol.com.br/biografia/bell-hooks.htm>;

<https://www.gradakilomba.com/about>

[https://blog.useartools.com.br/processocriativoartístico/#:~:text=O%20processo%20criativo%20art%C3%ADstico%20é%20a%20busca%20pela%20forma%20como,sobre%20a%20realidade%2C%20entre%20outros.](https://blog.useartools.com.br/processocriativoartístico/#:~:text=O%20processo%20criativo%20art%C3%ADstico%20é%20a%20busca%20pela%20forma%20como,sobre%20a%20realidade%2C%20entre%20outros.;);

<https://www.instagram.com/candeeiro.gc/>;

<https://www.instagram.com/casasamauma/>;

<https://www.instagram.com/espacoecoamazonias/>;

<https://www.instagram.com/ateliejupati/>;

<https://www.kamarakogaleria.com.br/miguel-chikaoka>;

<https://fotoativa.org.br/A-Fotoativa>;

<https://www.fcp.pa.gov.br/currovelho/institucional>;

<http://www.culturapara.art.br/fotografia/pauloamorim/index.htm>;

<http://paulasampaio.com.br/bio/>;

<https://www.escavador.com/sobre/5592364/salomao-laredo>;

<https://www.linkedin.com/in/jramid/>;

<https://www.blogger.com/profile/16043539565903678321>;

<https://jaimesouzza.wordpress.com/>;

<https://fcs.art.br/institucional/historia/>;

https://www.ppgartes.propesp.ufpa.br/dissertações/2013/Cinthy_Marques_Sinval%20Garcia_um%20artista%20contemporâneo%20na%20confluência%20entre%20linguagens.pdf;

https://pt.wikipedia.org/wiki/Guy_Veloso;

<https://projetocircular.org>;

<https://www.instagram.com/circularcampinacidavelha/>;

<https://negritar.org>;

<https://www.instagram.com/negritarproducoes/>;

<https://www.instagram.com/espacoecoamazonias/>;

<https://www.nationalgeographicbrasil.com/sobre-national-geographic>

<http://www.tvcultura.com.br/DocTv/>

ANEXOS**Transcrição do trailer “MULHERES ATIVADORAS - E OS PROCESSOS DE ATUAÇÃO FEMININA NA CENA CULTURAL DE BELÉM”**

Por

Ursula Celeste Tavares Bahia De Jesus

Transcrição provisória feita por Alexandre Matos e Victor Oliveira

Direitos Autorais de Ursula Celeste Tavares Bahia De Jesus, 2024 Todos os direitos reservados	Ursula Celeste Tavares Bahia De Jesus photoub@gmail.com +55 91 98916-0763 Belém - PA - Amazônia - Brasil
--	--

Belém-Pará-Amazônia-Brasil

2025

SEQUÊNCIA 1 - EXT.

NEGRITAR - DIA.

Fade in JOYCE CURSINO, sentada, explica uma metáfora.

JOYCE CURSINO

Uma vez, uma amiga me falou- me contou a história das andorinhas, né? Que sempre vai um pássaro assim na frente, né?

URSULA está sentada à esquerda da PESSOA 1.

JOYCE CURSINO

Vem os outros atrás e esse pássaro é o que sente o maior impacto, que ele tá ali na frente, então ele pega o vento, ele tem que saber a direção por onde ir... Então ele cansa também. Então, em certo momento, esse passarinho vai lá pra trás e os que estão na frente assumem, né?

Fade out. Título: "Ateliê Jupati". Música [INSERIR NOME/ESTILO] começa a tocar. Fade out.

Corte.

SEQUÊNCIA 2 - INT. LOCAÇÃO 1 - DIA.

Uma claquete devidamente preenchida anuncia o início da gravação de um take.

SEQUÊNCIA 3 - INT. PRÉDIO DA FAV - DIA

URSULA desce as escadas do prédio da Faculdade de Artes Visuais da UFPA em direção ao estúdio, localizado no térreo, trajada com uma camiseta temática do Jungkook do BTS. SEQUÊNCIA 4 - INT. ILHA DE SOM – DIA

Baixa frequência de frames por segundo. Em uma ilha de edição de som nos estúdios FAV, URSULA e VICTOR PEIXE conversam sobre o projeto.

SEQUÊNCIA 5 - INT. ATELIÊ JUPATI - NOITE

Planos detalhe do cartaz da exposição
"Marchetaria Amazônica".

URSULA é gravada com um celular
conversando em um debate.

SEQUÊNCIA 6 - EXT. KAMARA-KÓ – DIA

continua...

A rua está pouco movimentada, com exceção
de um pedestre na esquina.

SEQUÊNCIA 7 - INT. KAMARA-KÓ - TARDE

Plano detalhe de planta com corredor
desfocado ao fundo. Os preparativos para a
entrevista ocorrem com a MAKIKO AKAO
presente e conversando.

Corte. O volume da música baixa
drasticamente. A MAKIKO AKAO conversa
sentada com URSULA, sentada a sua direita.

MAKIKO AKAO

Falando sinceramente,

URSULA

Deve.

MAKIKO AKAO

--eu nunca senti essa diferença, na realidade,
de porque eu sou mulher, né? E que tenho mais
dificuldades do que um homem, né? Eu acho
que trabalhar em cultura é uma coisa muito
difícil, é uma coisa de dedicação, uma escolha
de vida.

continua...

Então, é realmente uma questão de
sobrevivência e de gostar. Né? Ali da área-- É
uma opção, uma escolha de vida.

Uhum.

URSULA

MAKIKO

AKAO

Sabe? E você vai, aos trancos e
barrancos, levando.

Música retorna ao volume anterior. A MAKIKO AKAO conversa com outra pessoa no espaço com a equipe ao fundo.

SEQUÊNCIA 8 - EXT. KAMARA-KÓ - DIA

A rua está bem mais movimentada e mesmo ensolarada.

SEQUÊNCIA 9 - INT. LOCAÇÃO 2 - DIA

Música reduz o volume novamente. A Heldilene Reale conversa sentada com URSULASULA,

continua...

sentada à esquerda, ao fundo de uma estante repleta de livros, fotos e objetos.

Heldilene Reale

Mas eu acho que é importantíssimo quando a gente olha pra dentro desses espaços culturais independentes, que configuram o que é que é Belém, né? Assim-- Dentro daqueles que estão dentro dessa incidência e permanência, a maioria deles quem estão a frente são mulheres. Então isso é muito simbólico e eu até me emociono.

Porque eu acho que a gente tá construindo essa nova história.

SEQUÊNCIA 10 - EXT. ESPAÇO ECOAMAZÔNIA –
NOITE

Música retorna ao volume anterior. Planos de cartaz anunciando "Amazônia - Mãe do Brasil" e do mural em grafite com o nome do espaço. Uma apresentação musical ocorre.

SEQUÊNCIA 11 - EXT. NEGRITAR - DIA.

Música reduz o volume novamente. JOYCE CURSINO responde as perguntas, sentada à direita de URSULA, sentada à esquerda.

JOYCE CURSINO

Eu também tenho a-- acredito que muita coisa

já tá escrita, né? A gente vai se movimentando e
caminhando nesses trilhos, nesses caminhos.
Mas a Negritar ela nasce com um quartinho
que tinha lá em casa, né? E... comigo.

SEQUÊNCIA 12 - INT. LOCAÇÃO 4 -?

Música retorna ao volume anterior. URSULA
observa atenta com um grupo de homens
desfocados ao fundo. Fade out.

FIM.

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA COM HELDILENE PARA O DOCUMENTÁRIO

“MULHERES ATIVADORAS - E OS PROCESSOS DE ATUAÇÃO FEMININA NA CENA CULTURAL DE BELÉM”

Por

Ursula Celeste Tavares Bahia De Jesus

Transcrição provisória feita por Victor Oliveira

Direitos Autorais de Ursula Celeste Tavares Bahia De Jesus, 2024 Todos os direitos reservados	Ursula Celeste Tavares Bahia De Jesus photoub@gmail.com +55 91 98916-0763 Belém - PA - Amazônia - Brasil
--	--

URSULA BAHIA

E ai Visi? Pra quem não sabe, Heldilene foi minha visita, então, intimamente, eu chamo ela de Visi. Obrigada por estar aqui, por aceitar esse convite, por participar do documentário dessa dissertação de mestrado... Me diz uma coisa. Como é que tu... Me apresenta. Te apresenta pra mim.

Quem é você? O que você faz? Deixe-te fazer. Passe o pix logo.

Já diz a Senha. Tudo bonitinho aí pra tudo certo. E também me diz assim. Como foi a tua entrada dentro da arte e da cultura.

HELDILENE REALE

São muitas questões, né? Risos.

URSULA BAHIA

Né.

HELDILENE REALE

Bom, eu sou assim... quando a gente se apresenta às vezes meio que traz um estereótipo do que a gente é, né? A partir da narrativa do que é construído socialmente sobre nós. E eu acho que durante esse tempo, assim, né? Já estou com os 40, chegando aos 41 anos, né? A gente vai meio que se remodelando também, né? Se aperfeiçoando e redirecionando a nossa formação para outras questões também, que às vezes não nos atravessam anteriormente e que hoje em dia já nos atravessam, né? Mas assim, dentro das formalidades acadêmicas, ou então dentro das formalidades sociais, eu me considero continua... professora, sou artista de multilinguagem, pesquisadora e produtora procurada. E o universo das artes visuais, de certa

HELDILENE REALE

maneira, sempre teve presente na minha vida, primeiramente por uma questão familiar, assim, o meu avô, ele era, trabalhava com uma cenaria, trabalhava com entalhas de porta e eu sempre escutava muito essa memória do que ele fazia a

partir da narrativa do meu próprio pai, sabe? Só que eu só tive acesso às portas, né? Quando eu continua...

nasci, ele já não estava mais vivo. E, ainda pequena, o papai comprou uma polaroide e também uma câmera opteramadora panasonic, na época de fita ainda, né? E aí, pra gravar.

URSULA BAHIA

16 ou 18 milímetros.

HELDILENE REALE

Pois é. E era um negócio, assim, né? Hoje a gente tem as facilidades, né, de assistir novas mídias móveis, dos celulares, mas na época tudo era muito complexo, né? Você conseguia, inclusive esses equipamentos, era algo de certa maneira difícil, né? E numa das viagens que a gente viajava muito, pelos rios da Amazônia, se deslocava bastante, porque o papai ele nasceu em Faro, né? Que é uma cidade que fica no limite geográfico entre o Pará e o Amazonas. E, nesse deslocamento, continua... assim, por esse rio, a gente acabava em Manaus, conseguia chegar na zona franca, né? Num período de grande e fervo mesmo, né? E adquiria esses equipamentos com uma porcentagem muito menor do que eram os vendidos na época.

URSULA BAHIA

Tu nasceste em Faro.

HELDILENE REALE

Não, nasci em Belém, só que meu pai é de Faro, ele é Farense, né? Meus avós são imigrantes italianos, e quando eles migram da Itália pro Brasil, eles se estabelecem sempre,

HELDILENE REALE (...cont.) é, primeiramente, uma região chamada Terra Santa, que é onde grande parte dos imigrantes que se deslocaram nesse território da Amazônia, num pós-guerra,

se concentraram, e aí depois eles se estabelecem em Faro, que é bem próximo, e constituí toda a família lá, e meu pai, e meus tios, todos nasceram lá. E, nesse período, né? Por que a gente começa a viajar também muito por esse rio. Porque o meu pai, depois de passar todo o ciclo no segundo casamento, que é de onde eu sou gerada, minha irmã também, o meu irmão, que também, depois continua...

de 12 anos, é Fareense, nasceu lá, e a gente meio que teve em contato, justamente, com essa configuração do que seria essa imagem de registro, né? Na época, continua... os álbuns de família eram muito na imagem analógica, né? Você não tinha essa facilidade, até mesmo não tinha essa dicotomia e essa mudança do que que é esse registro familiar. Então, a gente tinha meio que, compravam um filme de 36 poses, a gente garantia que aquelas 36 poses representavam, né? De certa maneira a memória do que seria aquela família. Então, com a Polaróide, os escritos da minha mãe começaram a aparecer embaixo. Então, esse mundo da imagem, do imagético, dessa narrativa da paisagem, de certa maneira me alimentou muito. Tanto na fotografia, tanto no áudio visual quanto no desenho, porque eu sempre desenhei desde criança, assim. E em Faro, quando eu tive contato e entendimento, né? A gente parte da nossa formação em escola pública em Faro. E aí, eu tive contato com a professora de arte e me encantei muito. Assim, eu olhei, e ela tinha uma forma de dinamizar a aula dela, de investigar materiais que me encantava e começava, assim, a me entender dentro daquele universo, mesmo sendo muito pequena. Ela me colocava às vezes na frente do quadro para escrever e eu me sentia, assim, o máximo. E eu ficava sonhando com aquilo, poxa o dia, eu quero fazer isso, né? E quando depois, a gente volta para cá para continuar a nossa formação e quando eu encontro já nesse território, que de certa maneira é condicionada, você tem que fazer faculdade, tem que fazer

continua... universidade, você tem que se formar. Eu, primeiro momento, não, quero ser artista, sabe. Eu quero fazer algo que me alimente dentro desse universo. E aí, antes disso, eu fiz o curso de teatro, né, com a Vlad e a Karina, a Francinete, né. A gente estava ainda, não existia ainda a faculdade do teatro como existe hoje. Era uma sala, né? que ficava hoje, onde é o PPGARTES, né, ali.

URSULA BAHIA

Sim, eu fiz, eu fiz dança de salão.

HELDILENE REALE

continua...

Pois é

URSULA BAHIA

Eu fui, nos 12, 13 anos, eu fiz dança de salão.

HELDILENE REALE

Exato, e assim, esse processo da performance e do corpo, já vinha dentro do teatro, né? Então, a Vlad e a Karina foram pessoas que me alimentaram muito nessa história também. Daí, quando eu tenho, assim, a ideia nossa, tinha o curso de arte na época de educação artística da UFPA tinha o curso de Arte Visuais, Tecnologia da Imagem na UNAMA. E quando eu vi a grade curricular da UNAMA, me interessou mas na época, porque tinha uma disciplina que era algo que voltava para ações performáticas. Eu disse, olha, já estou no teatro, acho que tem a ver e, de certa maneira, continua... reunia esse universo diverso das linguagens. Então, eu sou formada em Arte Visuais e Tecnologia da Imagem, em licenciatura e bacharelado. E aí, eu comecei a seguir, dentro da própria graduação, essa investigação de publicação e eu comecei a me entender como professora, né? Então, eu estou aqui, quando eu saio, imediatamente eu faço um concurso no SESC para ser professora da

educação básica, lá em Castanhal, uma rotina de idas e vindas, mas com um aprendizado incrível. E nesse processo, eu acabo fazendo o meu mestrado em linguagem, comunicação e cultura na Unama e depois, mais tarde, como professora substituí. Aliás, eu entro como professora a desmontar na Unama, fiz, assim, foi maravilhoso, um laboratório maravilhoso, assim, de verdade, a Unama foi algo que dentro da época, né, eu falo assim, dentro da época, porque, infelizmente, eu saio já num estado que, infelizmente, mudou a mantenedora, as peças educacionais também, eles, de certa maneira, pensaram mais na quantidade do que a qualidade, e que, para aquele momento, não me interessava a seguir. E aí, paralelo a isso, eu acabo entrando como professora substituta na UFPA, na época que o professor Orlando, ele saiu do pós-doc, aí, abrir um concurso instituto, eu entro e, junto com tudo isso, eu estava como diretora na Casa das Onze continua...

Janelas, então a minha vida sempre foi, de certa maneira, um mergulho nesse universo do circuito da arte. E sempre me deixei lançar nesse mergulho também, nas possibilidades que a vida foi me dando, foi me abraçando, né? E isso me preencheu, assim. Durante um tempo, também, eu estive como coordenadora do núcleo de arte, lá da escola de seu Mestre Raimundo Cardoso. Esse núcleo também foi maravilhoso, porque havia processo de exposições temporárias que ocorriam dentro da escola, e processo de uma exposição permanente, onde você tinha o contato com todas as narrativas, que visibilizava os mestres populares, né? A cultura popular da cerâmica de Icoaraci. E aí foi um momento incrível, porque a escola funciona tanto na educação formal, quanto aderindo a essa perspectiva de formação do aluno a partir do conhecimento de todas as fases da cerâmica, do letramento, até a queima. E aí eu convivo com esses mestres e a forma como eles lidavam com essa

materialidade dentro da educação, isso também me preencheu muito. Então isso, eu estou colocando no contexto da educação, mas muito margeado pelo contexto dessa categoria, que seriam as exposições que começam de certa maneira a atravessar também a minha experiência. E aí quando eu saí do Liceu, eu assumo a Casa das Ondas Janelas, numa gestão de saída do Armando Queiroz, que na época estava em processo de doutoramento, e aí precisava dar continuidade, estava fazendo a UFMG, então precisava dar continuidade a todos e me chamaram assim. Foi uma grata surpresa, nunca esperei um dia estar nesse espaço, foi um espaço de muita formação para mim, porque na época da graduação eu estava lá fazendo mediação de exposições, fazendo estar supervisionado, e que na época havia essa abertura para os alunos que, de certa maneira precisavam computar a sua carga horária, né? Que seria o estágio 4, por exemplo. Os espaços culturais tinham uma abertura maior para que esses alunos tivessem lá atuando diretamente, computando sua carga horária a partir dascontinua...

experiências do próprio espaço museológico. E aí quando eu vejo a Casa das Ondas Janelas, eu via assim, poxa, é uma forma de eu retribuir tudo o que esse espaço também já me atravessou enquanto formação... Eu tenho uma outra formação que é em turismo, que eu vejo que eu apresentei essa formação mais por uma questão de uma necessidade mais do meu pai do que a minha mesmo, porque o pai sempre via dentro de uma narrativa que infelizmente se perdura até hoje. O que ele vai fazer? Ser artista, mas não da dinheiro, né? E aí ele dizia que o turismo era a profissão do futuro, que a cidade iria assim, progredir, que a questão dos atrativos culturais iriam ser respondidos, e que essa carreira eu queria garantir a minha vida profissional. E assim, isso me angustiava, acabei fazendo a universidade ao mesmo tempo, tanto das artes visuais quanto do

turismo. E turismo muito naquela esfera, quando eu encontrava matérias que tinham relação com patrimônio, com questões culturais...

URSULA BAHIA

Aí já ficava mais alegre.

HELDILENE REALE

Já me envolvia. Mas assim, matérias estatísticas, questões mais voltadas para agenciamento, aí eu ficava assim, poxa, eu não me vejo nesse lugar, né? Então, quando eu assumo mais umas janelas, eu vejo que as duas áreas se casaram, porque é um espaço cultural que atende toda uma diversidade, de pessoas que vão ali naquele espaço para visitar em um ciclo diverso, de pessoas que frequentam, desde pessoas locais, pontos turísticos, enfim. E a possibilidade de gerenciamento, que essa base o turismo me deu, de disciplinas que começaram de certa maneira direcional, que seria esse aspecto da gestão cultural. E aí, na casa das 11 Janelas, eu assumo esse espaço dentro de um período de muita tensão. Acho que foi um grande laboratório, mas também foi um elemento que... Eu entro uma pessoa e saio outra totalmente diferente, mais continua...

amadurecida, inclusive às vezes meio que protegida dentro desse aspecto, que continua... os espaços culturais, às vezes você só visualizando ou observando ele de longe, você não consegue sentir. Ali que eu, de fato, comecei a sentir o que é ser mulher dentro desses espaços, questões de misoginias, questões que me atravessaram e que eu comecei a entender. Nossa, não é somente essa formação, não é somente estar ali agenciando a possibilidade de uma exposição dentro desses espaços. Atravessavam questões políticas muito fortes, que inclusive uma das questões era o próprio polo gastronômico na época, a estratégia de invisibilizar aquele espaço ou

deslocar, apagar todo aquilo que ele vinha sendo construído ao longo de sua história. E comecei a entender, assim, que apesar de você estar no cargo de gestão, a alma hierarquia muito maior que dependente do que você pensa, ela atravessa e também apaga. Então, quando eu saio de lá das 11 Janelas com todas as tensões que você acaba carregando, eu quis um respiro. Eu disse assim, primeiro, eu quero um abrinho de espaço. E aí, na época, a gente estava iniciando uma relação, eu e Natan, é o Natan Gracia que... Pausa para verificação de equipamento.

URSULA BAHIA

Então entra essa situação do Nathan, porque já é a minha segunda pergunta na verdade. Como surgiu o espaço e como concebeu justamente essa ideia.

HELDILENE

REALE

Então, quando eu saio da Casa das 11 Janelas, eu saio dentro de um campo muito minado, que me afetou não somente fisicamente, porque você se desdobra para que as coisas fossem fortalecidas. Eu fiz várias ocupações, eu não digo nem que foram exposições ali, eu acho que foram ocupações de fato, estratégias montadas com grupo de artistas para continuar com que aquele espaço continuasse vivo.

URSULA BAHIA

continua...

Continuar sendo um museu, e não vire um restaurante.

HELDILENE REALE

Exato. Então, foi uma força coletiva mesmo, um grupo de artistas, de certa maneira, dinamizaram e fizeram com que a casa de fato fosse reafirmada enquanto espaço né? E aí, quando eu saio, eu já estava muito exaurida, e assim, foi um processo político, vem novos

gestores e todo esse corpo de gestores que são da S e acabam sendo remobilados. Então, nessa situação, eu acabo saindo. E na época, eu estava em um início de uma relação com o Nathan, que ele é fotógrafo, e já tinha uma vivência dentro da fototiva, fazendo algumas circulações também em espaços culturais, e tinha também uma prática de aquisição de obras. E aí, nesse encontro, a gente, em 2018, numa conversa, a gente continua... começou a alimentar a ideia de ter um espaço. Então, a gente começa a planejar, assim, meio que, nossa, e se tivesse a possibilidade de chamar pessoas que morassem perto, que fossem artistas. E se a gente trabalhasse com os acervos que a gente tem, a gente começou a articular. Ali em um diálogo, assim, muito ainda iniciante, o que seria esse tanjeiro? Não tinha nem nome, né? A gente, inclusive, fazia fechinhas, assim, de possibilidade de nome, né? E quando foi em 2020, a gente começa a ir atrás de casa, verificar a possibilidade de que espaço poderia... Porque a gente queria quase que uma casa teliei também, né? Então, precisaria ter um espaço que agregasse a gente, né? A gente acaba, nesse meio, tendo uma filha, eu já tinha Eitor. Então, essa família de quatro pessoas que se formam, né? Então, era não somente um espaço cultural, mas também um espaço que queria brigar a nossa família, né? Aí, a gente encontra a possibilidade de pensar também nesse circuito que se configurava na época, que era o circular. E entendendo que vir pra cá, pra cidade velha, era uma possibilidade de se integrar nesse circuito. Aí, nesse sentido, a gente começa a pesquisar e encontra uma casa que, no segundo andar, tinha dois lustros que lembravam um Candeeiro. Aí, a gente olha assim, nossa, aparece o candeeiro e

continua...

ficou essa história do candeeiro. E aí, a gente traz esse nome pra dentro do continua... espaço, que era uma das propostas, né? Que já

estavam listadas, porque eu acho que o Candeeiro é um objeto que atravessa a história da humanidade. Ele é aceso de diversas possibilidades e tecnologias, né? E, ora, ele acende de uma chama muito intensa, ora alguém apaga, ora alguém reacende. Então, acho que o circuito da arte é meio que isso, é um candeeiro assim, contínuo, sabe? E a gente começou a fazer toda uma estrutura, assim, de reforma da casa. Tinha um espaço que o primeiro ambiente seriam duas salas, que seriam as galerias. Depois a gente projetou mais à frente um espaço café, uma mini biblioteca. E ações que pudessem estar alimentando.

HELDILENE REALE

Hoje eles estão, ou a Heitor está com 10 anos, a Helena está com 6. Mas na época, a Helena estava com um ano e meio e a Heitor estava com 4 anos e meio também. Todos pequenininhos, mas muito envolvidos. O universo da arte sempre foi algo que, como a gente de certa maneira, nós somos pais e que a nossa rede de apoio acaba ficando muito Ananindeua e a gente precisa dar conta dessa rotina do dia a dia. A gente aprende a lidar com a gente todo dia. E aí eles fazem parte dessa história. Não me vejo sozinha nisso. Acho que esse corpo coletivo que construiu o espaço. Daí a gente começa a pensar o Candeeiro com projetos, com a extensão de possibilidade de projetos. E o primeiro projeto dele, a lenda que seria esse espaço em ambiente positivo, seria a conversa com o artista que tivesse de certa maneira passando por nós pelas exposições. Que era uma prática que a gente já havia nas galerias que já existiam em Belém, nos próprios espaços museológicos
continua...

E porque não também alimentar isso para dentro do espaço. Daí a gente começa o projeto Café com Artista. Tinha uma vinheta que era um cafezinho, vinha caneca, brindava e começava a fala de forma virtual na live. Que foi outra

porrada que a gente levava, porque às vezes a internet do artista não funcionava e caía. Enfim, todo esse caos que foi esse momento, mas a gente tem, começamos a armazenar todas as lives dentro do YouTube, que tem um canal do candeeiro que alimenta e de certa maneira documenta a memória de todas as narrativas dos artistas que passaram pelo espaço. Então a gente se compreende, inicialmente, como o espaço para a virtualidade. Quando encerra esse processo pandêmico, aí a gente olha para a gente, cara, como é que a gente vai abrir agora presencialmente? neste momento, né? Chegou a hora. Porque a gente acabou se conectando tanto na virtualidade, que a gente teve que reaprender o que seria o presencial. E a gente não se afastou dela. Então a gente começou a fazer as exposições presencialmente, todo o convite, toda a abertura, mas virtualmente também. Então o site do candeeiro sempre alimentava o que ocorria presencialmente. E isso foi bom porque, geralmente, quando você abre um espaço presencialmente, quem tem contato com as obras são as pessoas que estão ali. Naquele Circuito, ou está ali naquela cidade. Quando você adere a virtualidade, você tem a possibilidade de pessoas de outros lugares visualizarem os trabalhos desses artistas. Então na página a gente tinha todo um aspecto que apresentava a mini-bio desses artistas, as obras deles, e além da exposição em 360. E isso fez com que pessoas se interessassem por trabalhos de artistas e a gente começou a meio que avançando. Bora colocar para vender? Será que a gente consegue? E aí conseguimos, e assim, ainda na pandemia. E isso ajudou, inclusive, essa rede de artistas que, de certa maneira, foi fragilizada economicamente por conta dessas questões também da própria pandemia. Então assim, foram muitas fases, eu continua...

acho que a gente está numa nova agora, mas que vem cada vez mais muito alimentada pelas vivências que a gente tem com os artistas, pelas

trocas. Eu vejo que é um espaço muito na horizontalidade, sabe? A gente não se percebe assim, ah, e tá um aqui, e tu vai construir, tu estais aqui. A gente pensa nesse trabalho construído colaborativamente desde o início. E eu acho que é por isso que, de certa maneira, ele se mantém. O Candeeiro, logo quando ele abriu, aí tem sempre as conversas, né? Os artistas chegaram pra gente e diziam assim, eras, fulano, chegou comigo e disse assim, perguntou se vocês não estavam explorando, sabe? Então, porque às vezes você tem essa questão das pessoas sempre olharem para os lugares, para os espaços, como algo que vai ali trabalhar de forma assim, como algo que vai trabalhar de forma assim, não valorizando, ou então se aproveitando e o que era bacana e que é bacana é que sempre a gente tem argumentos dos próprios artistas que dizem que não é bem assim, porque infelizmente o circuito às vezes alimenta isso. E aí, com a questão dos projetos, a gente começa a ampliar ainda nessa questão da virtualidade. A gente teve o Nupavio, que a gente convidava colecionadores ou profissionais da área que pudessem estar apresentando temas diversos, com conversas muito voltadas para esse aspecto do circuito da arte. E aí, depois, a gente acaba, já no aspecto do presencial, a gente lança a chama, que é um projeto de abertura de um edital, mas muito independente, onde a gente tem uma banca que é convidada a ser o júri da seleção dos trabalhos. A chama inicia com trabalhos locais, depois ela vai se expandindo, depois a gente faz uma edição da chama entre o Norte e o Nordeste. E na última edição da chama, que foi do ano passado, a gente abre para o Brasil, a gente tá...

URSULA BAHIA

Audacioso.

HELDILENE REALE

continua...

Audacioso. Bora se lançar. já que estamos aqui, se a gente já lançar norte e o Nordeste, quem sabe, né? Que a gente alcança. E aí foi uma chama voltada para a exibição de vídeos produzidos por artistas de diversos lugares, né? E era uma despedida nossa de Natal e a gente queria, como a gente estava naquele processo de fechamento do espaço e, de certa maneira, meio que ficando nesse deslocamento já, que inicialmente a gente ia para a Fortaleza e depois, com a história do concurso, eu vim para cá, né? A gente estava precisando entregar o espaço que a gente trabalhou lá e a gente fez parcerias com o circuito da cidade para exibir, né? Então, desde...

URSULA BAHIA

Só para o povo entender. Tu começastes ele aqui na Cidade Velha, né? E aí depois vocês mudaram para Natal. Aí ficaram quanto tempo lá em Natal?

HELDILENE REALE

Dois anos.

URSULASULA BAHIA

Dois anos. E aí retornaram...

HELDILENE REALE

Agente tava aqui em Belém, no presencial já com espaço, e eu estava assim em um período de tentativas de concursos né? E nessas tentativas eu fiz um concurso pra cá, pra UFPA, pra continuar a carreira acadêmica que também sempre me acompanhou, e fiz um concurso pra UFRN, só que do UFRN era pra professora substituta. No concurso da UFPA eu tinha ficado em terceiro lugar e do UFRN passei na primeira colocação, aí eu disse Nathan tu topas? A gente vai embora, vamos para lá se aventurar para o Natal. E ele ficou assim, é uma ideia, porque era... Enfim, em Nordeste, próximo, né? O meu companheiro, ele é de Fortaleza, né? Então, ele queria, de certa maneira... Daí a gente foi para lá

e assim, o que facilitou, né? Eu acho que inicialmente foi essa continua...

conexão com a universidade lá, porque imagina, o Natan já tinha morado lá em Natal, só que a experiência dele não tinha ver com o espaço cultural nem nada, né? Era mais dentro de um contexto de um outro trabalho que ele vivencia já há bastante tempo. de plantação, de comunicação e tudo. E aí, era um desafio, abriu espaço em um lugar que a gente não entendia que lugar era esse. Nos aspectos culturais.

URSULA rí.

HELDILENE

Então, é... na questão da gente ir pra Natal: Como a gente não queria, assim, de forma alguma encerrar o espaço, a gente sempre compreendeu que o Candeeiro era uma ideia. Independe do lugar que a gente habitasse, ele iria acompanhar a gente, sabe? A gente começou a primeiramente observar a cidade, se envolver com os aspectos culturais que ela apresentava, e lá tinha uma continua... evidência muito grande de artistas dentro de galerias de shopping, assim, é, muito diferente em relação aqui, né? Nesse sentido. É... onde, esses espaços de galerias, né? Esses shoppings, as vezes pequenos ou até maiores, tinham seus ambientes com ateliê e espaço de exposição. E quando a gente se mudou pra lá, a nossa prioridade era que aonde a gente morasse ficasse próximo aonde os meninos iriam estudar. Pra que essa rotina do dia-a-dia não impactasse, também, nesses deslocamentos. E perto daonde a gente morou lá, tinha um mini shopping, uma mini galeria e vários espaços pra alugar. A gente olhou "Hmm... Bora aderir?", né? "À essa perspectiva que o espaço tá nos apresentando, dentro desse circuito? E fazer com que o Candeeiro também seja uma galeria de fato.", né? Dentro desse lugar. Então foi o primeiro momento onde o Candeeiro não era casa, mas a galeria de um mini shopping, né? E aí a gente

começou a fazer também todo o aspecto da obra, e postava no Instagram as fases de limpeza e de adequação do lugar, né?
continua...

HELDILENE REALE

Exato. E a gente abre o Candeeiro lá com a chama entre o Norte e o Nordeste. Ou seja, a gente não queria também abrir mão de todo esse ciclo que a gente já estava HELDILENE REALE caminhando aqui, né? Em Belém e iniciar--

URSULA BAHIA

Se desvincular do circuito daqui também, né?

HELDILENE REALE

Exato.

URSULA BAHIA

Se desvincular dos amigos—

HELDILENE REALE

Exato.

URSULA BAHIA

Também, né? Porque é aquela situação, né? Eu também me percebi muito nisso quando eu resolvi ir fazer minhas pós fora, né? De não-- De ir mas, não cortar os vínculos aqui.

HELDILENE REALE

Exato.

URSULA BAHIA

De sempre estar mantendo contato, porque vai que volta, né? E aí tem essa facilidade de reencontrar as pessoas, de tá mantendo as relações, né? E aí também tem várias coisas, né? De questão de trabalho também.

HELDILENE REALE

Exato.

URSULA BAHIA

Né? Então eu acho extremamente importante isso.

HELDILENE REALE

Pois é.
continua...

URSULA BAHIA

De manter sempre. Não é porque você vai embora que você corta esse cordão umbilical.

HELDILENE REALE

Exato

URSULA BAHIA

Acho que pra algumas pessoas a gente acaba cortando, né? Mas outras não, a gente-- é válido a gente, sempre tá mantendo... de telefone, ou nas redes sociais—

H

ELDILENE REALE
É.

URSULA BAHIA

Hoje em dia facilita muito mais.

HELDILENE REALE

Muito. E é uma coisa assim que-- Uma reflexão que... até foi um aprendizado muito grande pra mim, eu-- enfim, parte da minha infância eu não estava em Belém, eu estava em Faro. Ma-- Volto pra Belém, construo toda minha história aqui e aí acaba, por conta de uma prova, indo lá pra Natal; mas eu nunca senti tanta saudade de Belém quanto eu senti lá. E ao mesmo tempo, eu nunca estive tão em Belém quando-- quanto eu estive em Natal.

URSULA BAHIA

Que legal. continua... HELDILENE REALE
Porque... é... o-- Os vínculos com as pessoas, eles-- como tu fala né? Um cordão que ele não se rompe assim. Eu falo das pessoas que a gente

tem afeto e dos artistas que a gente se conecta, né? Então, é... isso não se apagou. A tua história e teu corpo são memória também, né? E isso acompanhou a gente lá. Então a chama entre o Norte e o Nordeste vem com esse filtro: de trazer a possibilidade de artistas de Belém e artistas de Natal se conectarem, a partir do lambe, né?

URSULA BAHIA

Uhum.
continua...

HELDILENE REALE

Que era uma maneira assim, inicialmente barata e também assim, que possibilitava essa aproximação visual, assim... Então o artista não precisaria, por exemplo, postar uma obra no Correio, então teria esse fluxo da virtualidade também nos ajudando nesse sentido, né? Então a gente fez as impressões e a partir dessa exposição surge o novo projeto pro Candeeiro, que é o "Da Galeria Para à Rua". Então a gente começa a entender que esse espaço galeria ele é um dos ambientes do Candeeiro, mas a cidade é também ambiente circulação, e a gente começa a fazer o "Da Galeria Para à Rua - Lambe da Chama" em Natal, e a gente leva o circuito, todos os lambes que estavam expostos na galeria vão para vários lugares lá em Natal. E a gente convida os artistas de Natal pra acompanhar esse processo com a gente, né? E fazer os lambes. E a gente faz "Da Galeria Para à Rua - Lambe da Chama" em Belém, que no final do ano a gente vem, pra confraternizar com a família, enfim, meu aniversário é sempre no Natal, então é aquele encontro, e a gente aproveita esse momento de vinda, né? Essa conexão familiar para fazer o "Lambe da Chama" em Belém. E a gente sai em alguns lugares de Belém e, inclusive, próximo aqui do Candeeiro, né? Os passos que, de certa maneira, demarcam nossa trajetória aqui. Então a gente acaba assumindo mais um projeto pro espaço, né? E uma das exposições que ocorreram lá, é... que foi a exposição do... do próprio... é... de-- de-

- do circuito de artistas de Natal, já, a partir... a... de uma abertura que a gente faz; não na "Chama", mas assim, de ocupação mesmo, "quem quer ocupar o espaço?", a gente recebeu propostas, foram seleções-- Não teve um júri, f-
- fomos nós mesmos do Candeeiro que selecionamos e

HELDILENE REALE

essa-- e essa questão que eu falei pra vocês: se não fosse essa entrada na Universidade lá, na UFRN, se conectar com essa nova geração de continua...

artistas que estavam se formando na Universidade também, é... Talvez as ações se configurassem dentro de outra narrativa, né? Então isso foi um facilitador nesse processo. Os alunos começaram a frequentar muito, querendo expor e de certa maneira começaram a enxergar o Candeeiro como uma certa referência na cidade. Tanto que, em alguma partes do circuito em Natal, a gente era conhecido assim, chegava: "Olha! A galera do Candeeiro chegou.", né? Que era algo que aqui em Belém a gente não tinha, né? Ou era a Heldilene, ou a Heldi, ou a Vizi ou é o Nathan! A gente não é lido como o Candeeiro, a gente nunca foi lido como o Candeeiro aqui no trato com as pessoas. Lá a gente era lido dessa maneira, e a gente foi convidado pra participar do 1º Seminário de Artistas lá de Natal e a gente fez a mobilização junto com vários outros artistas, né, que já estavam na cidade, né? E outros espaços culturais e a gente foi se conectando, assim, com a cidade, nesse campo que nos abraçou de verdade, assim, tanto é que quando a gente saiu de lá a gente deixou afetos, né? Muito grandes. Foram vínculos muito fortes e até um dos coletivos, né? Que é o coletivo Gambiarra, que eles-- é um cineclube em Natal, formado também por alunos, né? Que se mobilizam e criam projetos e tão assim em evidência e tão sendo fortalecidos dentro de um

circuito independente também. Eles, a pouco tempo, a-- uma das pessoas trabalharam com a gente, um outro projeto do Candeeiro, e aí ele disse "Olha, a gente, tá montando um espaço muito próximo do Candeeiro, vocês são nossa referência.". Isso, assim,

HELDILENE REALE

Faz com que a gente se anime, mas ao mesmo tempo, crie uma responsabilidade de que, o que a gente esteja fazendo, você não tá mais fazendo, por exemplo, como lá no início do projeto. Não é só mais eu, Nathan, não é mais só mais Helenacontinua...

nem Heitor. É uma rede, né? Que é abrigada e faz parte de toda a articulação que forma o espaço, né?

URSULA BAHIA

Uhum. E aí-- Como é-- Aí-- Ni-- Nessa-- Nessa situação, como é que tu vê esses-- esse princípio ético e político que norteou o Candeeiro, né? Nesse, nesse-- nessa contribuição e nessa ativação de cultura? Tanto aqui quanto lá.

HELDILENE REALE

Sim. Eu vejo assim, que.. é-- O Candeeiro é mais um espaço cultural independente; claro que ele tem o seu perfil, né? Assim como cada um dos seus espaços tem mas, por exemplo, se a gente puxa a trajetória do que é que são os espaços culturais independentes aqui em Belém, né? A referência maior talvez seja a própria galeria Elf, que também fez vários deslocamentos até encontrar onde é o espaço que se mantem até hoje, né? Ali na...na...
Alguém afirma ser no Bolonha.

HELDILENE REALE

No bolonha, né? E aí, é... A Makiko, o próprio Jupati, né? Mas a gente teve espaços como o... o Casulo, né? Que também teve uma força muito

grande aqui na cidade, né? Reunido também a galera LGBTQIA+ e... e mobilizando também. A gente tem ali o Ateliê Dia 25. Cada um desses espaços, eu acho que são espaços de grande resistência, assim, é... e eu acho que de uma insistência em dizer para esse circuito, as vezes tão legitimado, que é possível a gente romper essa barreiras que nos são postas, sabe? Porque eu acho que o fluxo de artistas ele é intenso e contínuo.

URSULA BAHIA

Muito.

HELDILENE REALE

Ele é contínuo. Se você não tem espaços que acolhem-- acolhem esse fluxo também e você não continua...

dá escuta e não dá a possibilidade dessas pessoas-- desses artistas falarem, você talvez esteja se configurando dentro de um-- de um engessamento que já está preso do que está institucionalizado; ou seja, você tem ainda tem os grande salões acontecendo, e assim, a maioria deles ainda carrega um número muito significativo de artistas que atravessam essas gerações, mas que se mantem, né? E um número reduzido ainda de artistas de uma nova geração; e que se você pegar algum desses, eles já passaram por esses espaços culturais independentes. Por aqui, por exemplo, né? Do Candeeiro já passaram: O- A Rafa Matheus, né? Já passou o Maurício Igor. Se você olha a trajetória hoje desses artistas ela é gigante, ela é imensa. E eu fico olhando assim "Caramba, que bacana! A gente tá escrito na história dessas artistas!", sabe? De alguma forma. Assim como provavelmente já passaram muitos ali pelo ateliê Jupati, muitos ali pela Kamara-kó galeria. Então isso é um fluxo que alimenta, inclusive essa.. essa intenção do ser artista continuar sendo artista, sabe? Porque muitas das vezes o próprio circuito e-- e todas essas demandas, né?

Econômicas que nos permeiam acaba fazendo que essas pessoas se direcionem para outros campos de trabalho. Então eu acho que a gente tem assim, politicamente, uma grande responsabilidade sobre essas trajetórias também. Não somente assim, "Ah, chegar aqui, eu vou expor.". Não. Porque, quando a gente expõe, a gente tá expondo não somente eles, mas o espaço, a narrativa dessas pessoas, a história dessas pessoas. E é uma coisa que a gente sempre teve com a gente, né? É... "Não vamos tomar lugar de fala das pessoas.". Tanto é que, assim, agora, quando o Candeeiro voltar, né? Que assim, a gente tá com uma proposta que volte continua... no ano que vem, né? A gente tá nesse momento do "Candeeiro: o foguinho tá baixinho", né? Mas não significa que ele não—

URSULA BAHIA

Que ele não esteja aceso!
continua...

HELDILENE REALE

--esteja aceso. É. Mas é porque esse retorno pra Belém também nos colocou em outros desafios, de conseguir um lugar; a questão econômica, né? Que a gente deixou aqui já não é-- é outra realidade. Então tá tudo muito caro, né? Onerou-se muito pra você ter um espaço, assim, é.. que se estabeleça dentro desse circuito novamente pro Circular, né? Desse- Dessa... é... dos bairros das Campina, Cidade Velha, Umarizal, que é o que, de certa maneira abrange o circuito, tá muito difícil!

URSULA BAHIA

É.

HELDILENE REALE

--Manter, né? Por isso que você tem o Jupatí alí, se deslocando pra vários outros possibilidades de sobrevivências, né? Pra resistências também. A gente a... é... mantêm a ideia de querer estar no espaço, né? Como casa. É. Eu

acho que a experiência de Natal foi um desafio também, pra gente nesse sentido, porque não era só o nosso deslocamento da casa, trabalho, continua... filho e nossos lazeres; era da casa, trabalho, filho, nossoslazer e o Candeeiro, né? Mas que assim, somou muito a possibilidade da gente pensar a cidade-- Da gente não se pensar somente enquanto espaço galeria. E ver que, de certa maneira, a gente acaba, né? De certa forma, interagindo dentro de outros contextos e outras realidades nessa contemporaneidade. Que agora a gente não tá somente com artista que... é... estão aqui em Belém. A gente, por exemplo, na última "Chama", estamos agora com artistas que estão no Rio de Janeiro, que estão em São Paulo, em Belo Horizonte, que estão no Ceará, que estão em Belém, que estão em Natal. E aí quando a gente viu na última "Chama", "Caramba, a gente pode ser visto, né? A gente pode ser-- é-- O que a gente tá fazendo tem um olhar que não é só mais de um lugar.". E é por isso que a responsabilidade também dobra. Então, a gente foi muito cuidadoso, em não querer abrir agora, nesse retorno ao Candeeiro, porque a gente ainda não continua...

encontrou de fato o lugar, a gente passou por essas questões financeiras, a gente investe, a gente tira dinheiro do nosso bolso pra investir no espaço, então tem um planejamento orçamentário que é necessário ser feito. Além do planejamento do próprio espaço, né? A gente tem um roteiro alí estabelecido pro que a gente quer abrir, quando- o que é essa volta daí do Candeeiro pra continua... Belém, que é muito simbólico. A gente gostaria de ser, inclusive, na casa onde a gente estava no primeiro momento, mas não foi possível. Mas eu acho que é isso. A ideia continua, né? O projeto é-- ele tá vivo, porém há um tempo, aonde essa chama precisa estar mais serena pra gente amadurecer algumas questões pela responsabilidade que hoje o espaço já é.

URSULA BAHIA

Uhum. E como é que tu ver essa tua... contribuição, é-- como mulher, gerindo um espaço de cultura?

HELDILENE REALE

Uhum. Olha.. Eu acho que é tão desafiador quanto aquele momento lá nas Onze Janelas. Claro que a Onze Janelas possui um espaço vinculado ao Estado, né? É algo que tem uma amplitude, uma visibilidade muito maior, mas aqui, eu, assim, no Candeeiro, por ser um espaço independente, você tem liberdade de fala também. Você não tem, assim-- Eu-- Eu tenho uma relação muito dialógica com o Nathan, e isso é bacana, porque é um parceiro de fato, né? Nós somos o idealizadores do espaço. Não foi uma coisa assim: "Eu pensei."; "Nathan pensou.". Foi algo construído. E por isso, por esse diálogo e esse respeito é que eu acho que agora eu me sinto assim "putz, eu tô num lugar que onde o ser mulher não é questionado." É-- É-- A gente passa, cotidianamente-- Até assim, nessas narrativas de concursos, né? Que acabaram atravessando a minha vida, é... Por uma certa leitura de incapacitismo, né? "Você não é capaz.", "Não, ela não pode, porque ela não é capaz.", né? Então o incapacitismo, né? Do ser mulher é algo continua...

continuamente apresentado nessas narrativas. Até por outras mulheres muitas das vezes, né?

URSULA BAHIA

Sim.

HELDILENE REALE

Porque a gente infelizmente ainda continua numa sociedade extremamente machista, misógina, que nos apagam, e que pra gente demonstrar que nosso trabalho é tão digno quanto, a gente tem que trabalhar três vezes a

mais, né?

URSULA BAHIA

E aí a gente tem que mostrar essa capacidade muito mais, né? E eu acho que-- pra ti, a responsabilidade puxa mais porque tu tens as crianças, né? Porque aí, é... Eu já sofro pelo contrário: Por eu não ter, né? E aí ficam me cobrando: "Aí, por que tu ainda não tem filho? Por que tu ainda não tens um marido, um companheiro, um namorado, não-sei-o-quê?", né? E aí, pra ti, que já tem tudo isso, né? Aí tu mostrar que o teu trabalho não vai colocar em cima dos teus filhos, do teu companheiro, aí eu acho que a cobrança é bem maior também, né?

continua...

HELDILENE REALE

É. É bem maior. Porque as pessoas elas só veem—

URSULA BAHIA

Porque "ah, você vai ser uma péssima-- uma ótima profissional, mas é uma péssima—

HELDILENE REALE

Péssima mãe, uma péssima—

URSULA BAHIA

--mãe, uma péssima esposa--

HELDILENE

Exato.

URSULA BAHIA

--uma péssima dona de casa--
continua...

HELDILENE

Exato.

URSULA BAHIA

--né? Porque aí... Essa... Essa cobrança--
Cães ladram ao fundo.

URSULA BAHIA

--machista, né? Se perdura pela gente, cara.

HELDILENE REALE

E... É assim, por que, historicamente, esse discurso não é invertido? Não é invertido. Por exemplo, eu tive o Heitor numa outra relação. Durante um tempo eu fui mãe solo. Ninguém questionou o lugar de eu ser mãe solo. Mas muito me questionaram assim: "Não, e agora? E o fulano?", né? E eu tava num momento muito frágil, carregando muita coisa sozinha, me entendendo numa relação construída com meu filho, sozinha. É... E aí depois, você começa a ser lida: "Não, porque, é-- não convida ela." ou então eu não sou aderida em alguns espaços "Ah não, porque ela é mãe." ou porque "eles têm família.". Você começa a ser lida dessa forma. No próprio circuito é assim: Quantos circuito aqui de Belém alimentam a chance de que uma mãe carregue seus filhos e ela seja acolhida com seus filhos nesses espaços?

URSULA BAHIA

É

.

HELDILENE REALE

O que tem são programações avulsas, que ocorrem, né? E momentaneamente. Mas o espaço em si não acolhe, né? Ele é muito, assim, repelente mesmo. Teve uma exposição que a gente foi que eu vi que a... a artista que tava exibindo, ela tava incomodada com o deslocamento dos meus filhos no espaço. E aí o que me incomoda não é o fato deles estarem se movimentando; eles são crianças, eles vão interagir, eles são criados e foram criados no circuito onde os artistas estão continuamente

continua...

alimentando, né? Eu não posso dizer pra-- pra eles "Olha, vocês tem que parar.", né? "Não,

não pode!". Se a obra é interativa, eles vão interagir.

Então o que que eu faço, assim, Ursula? Eu pego eles "Meu queridos, vamos pra um outro espaço.", "vamo--" sem eles perceberem. "Ah, umbora--", sei lá, "--tomar um sorvete, bora fazer uma outra coisa.". Porque eu também não vou também permitir com que eles sejam alimentados por um espaço que neguem ele, sabe? Se for pra gente ter, e se for por esse espaço-- falam tanto de inclusão, e eu acho que é importante essa... essa questão da inclusão na perspectiva dos PCDs, dessas outras, é... é... distâncias que ainda se configuram nesses territórios. Mas muitas das vezes, dentro da superfície do ser mãe, ou do ser vinculada é-- é a essa narrativa, né? De ser mãe, você não é acolhida também, né? Então acho que é um desafio. Dentro desse sentido, é um desafio. E eu vejo aqui, também, pra mim, assim. É claro que quando a gente faz as montagem planejamentos, a gente tá também num ambiente familiar.

URSULA BAHIA

Uhum.

HELDILENE REALE

Então a gente lida com o espaço, mas lida com o cotidiano deles, do estudo deles, do deslocamento pra escola, deslocamento pras brincadeiras. Tudo. Tá tudo junto mas ao mesmo tempo a gente pensa em entender e conversar com eles pra eles estarem juntos com a gente. "Me ajuda aqui, pega essa fita!".

Ursul
a ri.

HELDILENE REALE

Sabe? Porque a gente, enquanto gestor de um espaço, a gente faz de um tudo.

URSULA BAHIA

É.

continua...

HELDILENE REALE

Não é somente alí o texto da Haldi que tá fazendo a curadoria de um espaço. A Haldi tá ali: É... Lavando,--

URSULA BAHIA

Limpando... Lavando...

HELDILENE REALE

--Passando pano no banheiro,--

U

RSULA BAHIA

É...

HELDILENE REALE

--sabe? Acolhendo as pessoas, abraçando as pessoas pra que elas se sintam bem, escutando; mas então a Helena então continua correndo, continuam querendo ter atenção. Então não é algo fácil, mas também não é impossível, e eu não quero que seja algo pesado. Porque não deve ser.

URSULA BAHIA

Tu já respondeste aqui—

HELDILENE

REALE

É que eu falo muito.

URSULA BAHIA

Não, tá ótimo! [Inaudível].

URSULA BAHIA

Bom, como é que tu vês o papel da mulher dentro desse circuito da arte?

HELDILENE REALE

eu acho que ele é de extrema importância, Ursula, porque é uma forma... novamente da

gente se legitimar enquanto mulher, já que muitas das vezes a gente não é legitimada nesse circuito, né? E... são vários desafios, né? Porque dependente do como esse corpo mulher se apresenta, você também tem cada um deles de certa maneira continua...

exige uma nova configuração e uma nova resistência, né? Então... é... Corpo mulher indígena dentro desse circuito, né? Corpo mulher branca desse circuito; corpo mulher negra nesse circuito; corpo mulher trans nesse circuito. É... Eu acho que cada um deles, de certa maneira, né? Te trazem, é... possibilidades diversas e possibilidades da gente se unir, se conectar, sabe? Dentro de um... de uma atmosfera que dentro-- se a gente pensa na expectativa do que que é essa história da arte das mulheres, né? Está se reconectando cada vez mais nesses últimos 10 anos porque durante muito tempo essa mesma mulher: ou ela foi um corpo colocada como modelo; ou foi um corpo que esteve presente na cena, ajudando o artistas homens a se legiti-- a serem ilegítimos; ou foi um corpo que resistiu muito para ser reconhecida, por exemplo, numa Semana de Arte Moderna, né? E que de certa maneira é dentro de uma estruturação geográfica também impediu com que essa mesma mulher ou sendo nortista ou sendo paraense não fosse integrada com a possibilidade de ser uma mulher artista. Né? Então são muitas questões, eu acho que ainda há muitos desafios. Mas eu acho que é importantíssimo quando a gente olha para dentro desses espaços culturais independentes que se configuram-- o que que é Belém, né? Assim, dentro da daqueles que mais, de certa maneira, estão nessa incidência e permanência. A maioria deles quem está à frente são mulheres. Então isso é muito simbólico e eu até me emociono. Heldilene se emociona.

HELDILENE REALE

Porque eu acho que a gente está construindo essa nova história. Aí, [inaudível] vou chorar.

Ursula ri.

URSULA

BAHIA

É isso, mano. Mas eu acho que tem algo-- Não sei se tu parou pra- pra refletir isso... é... eu já eu continua... percebi isso, por isso também a minha a minha temática, né? Porque eu-eu já eu-- eu quando-- quando o Alexandre fez a pergunta paracontinua...

mim, é... eu-- eu percebi justamente isso: dessas... dessa diversidade que tem e sempre são as mulheres que estão à frente. Não desmerecendo os homens, mas é o que eu falei para ele assim: pare-- e eu falei ontem para Makiko-- A Makiko não achou que tem-- tem tanta essa... rixa, assim. Mas eu-- eu percebi que parece que a gente tem muito mais coragem de fazer as coisas, né? De-- de enfrentar mesmo. No meu caso: eu não tenho grandes recursos, né? Eu tenho muito mais o apoio da-- da-- da-- da-- minha mãe para fazer as coisas, né? É... e eu meter as caras, mesmo, fazendo as-- principalmente as coisas acontecerem sem rolar muito dinheiro, principalmente meu ou-- ou do próprio artista, fazendo com que cada um possa colaborar, né? E que todo mundo possa, é... se desenvolver e se projetar, né? E sem ter grandes custos

URSULA BAHIA

mostrar, principalmente pros artistas, que eles podem, é... produzir, talvez, um espaço, né? Sem "Ai, não! Eu preciso de tantos-mil reais pra fazer uma galeria-não sei-o-que.". Não, mano. É - É uma questão, talvez, mais simples. É claro que você vai ter essa questão: se você não tem

uma continua... casa própria, você vai ter que gastar com aluguel, né? É... E aí... Mas de resto, é meter as caras, né? E eu vi que-- que-- que esses espaços que-- que-- que se-- se colocaram, muitas das vezes que aconteceram, é... que ainda continuam, a maioria são gestados por mulheres, né? Os que tinham com homens já-- já-- já trocaram, né? Ou não existem mais, né? Ou-- ou realmente uma-- uma mulher que agora está gestando. Então eu acho que tem-- tem esse desafio. Agora, uma outra-- uma pergunta que eu quero te fazer é: Tu achas que por tu já ter essa trajetória artística foi um pouco mais fácil pra ti nessa questão de ter formado com o Diego? Porque, pra mim, eu acho que foi. Por eu já tá vindo como-- como dentro da fotografia e, de certa forma, as pessoas já me conhecerem, já foi muito mais, é... aceitável, né? É... Deu-- deu me introduzir nisso. Porque eu acho que eu fui um continua...

pouco corajosa demais, sabe? Tem horas que eu-- eu paro com a refletir a doídice que eu fiz, né?

Ursul
a ri.

URSULA BAHIA

Eu bati a cabeça e falei: "Não, eu vou fazer isso.", sabe? Porque eu queria é-- é-- é-- Foi muito pela necessidade mesmo de poder mostrar o meu trabalho, né? Porque eu não tinha conseguido um emprego, né? E... E aí eu fiquei nessa situação:

"Cara, que que eu vou fazer da minha vida agora? Se eu não estou conseguindo um emprego para mim, não tenho-- não estou estudando, não estou fazendo nada, vou fazer o quê?", né? Então foi aí que surgiu a questão de eu ter conhecido o Circular e aí nessa possibilidade de-- de-- de-- ter encontrado essa casa na Gurupá, né? E de, na— na época, ter uma sociedade, mas que não durou muito tempo, mas aí... com o apoio da minha mãe, de eu ter permanecido sozinha aí...

que eu acho que foi muito mais coragem, mas foi realmente pelo apoio dela, né? Pela situação dela ter me repassado o aluguel da nossa casa lá no Bela Vista pra eu ficar aqui, né? E... E levado, né? Por três anos, sozinha aí, né? E sozinha, literalmente sozinha, né? Porque... tu ainda tem os Natan, né? E de qualquer forma as crianças que também estão te ajudando, te apoiam, né? Mas eu não. Era Eu, eu, eu, e eu e até hoje sou eu, né? Tem horas que tem algumas situações que algumas pessoas me ajudam, mas eu tenho que elaborar; eu tenho que, é... determinar as coisas pra cada uma das pessoas, né? E no final das contas, eu tenho que abraçar tudo:

HELDILENE REALE

Sim.

URSULA BAHIA

Eu tenho que ser a produtora; eu tenho que ser a galerista; eu tenho que ser curadora; eu tenho que pensar na montagem, até montadora, né? Tem que ser a assessoria de comunicação, né? continua...

Então... E tenho que ser babá de-- de-- de artista também, porque muitas vezes você tem que "E aí, irmão? Cadê a sua obra? Vamo. Olha, a gente tem prazo, não-sei-o-que e vamo-- me manda o realise. Me manda as fotos pra gente fazer uma publicação, né? Como é que tá o teu tempo? Vamo fazer uma entrevista? Vamo-- Eu preciso ligar pra-- pra-- pra-- pro meio de comunicação pra fazer uma entrevista contigo. Como é que tá teu tempo?". Então tem todo esse joguete que... mana, tem horas que...

H

ELDILENE REALE

É...

URSULA BAHIA

Eu fico- eu fico dizendo assim: "Mano, pra onde é que tu te meteste?".

Ursul
a rí.

HELDILENE

Por isso que eu acho, Ursula, que é... Eu até entendo, né? Essa questão quando fala para as pessoas: "Ah, é fácil.". É isso que eu acho extremamente difícil, assim. De fato muito, muito complexo. Porque a cada projeto que você vai desenvolver é uma rede de planejamento que você também, é... pratica e nessa rede de planejamento não é só você. São várias pessoas envolvidas. E aí eu tô falando: Não é só eu e o-- e o Nathan, né? São os artistas ou outras pessoas que você está integrando nessa articulação. É... no- logo quando a gente-- antes da gente vim para cá, num dos projetos que a gente ativou lá em Natal, foi relacionado a questão da memória, que é o "Gravando Memórias", e a gente começou a estabelecer uma perspectiva de oficinas, né? Que pudessem estar, a... fomentando linguagens que gravam e documentam essa memória e... é... Pra fazer, né? Essa articulação, e aí... conectando um pouco com a pergunta que tu fez anteriormente: se esses vínculos, que de certa maneira, minha trajetória acabou construindo com esse circuito, continua...

se eles facilitaram? Facilitaram, mas eles também não são, é... algo que norteiam uma continuidade se você também não tiver alimentando.

URSULA BAHIA

Uhum.

HELDILENE REALE

Então no caso, por exemplo, das oficinas, que previa inscrição, o processo de conexão com artistas que trabalhavam com aquela linguagem

que faria uma fala e aí era virtual, aí tem uma coisa assim: "vamos ver a conexão da pessoa, se o artista está bem.", fazer os testes; então há um planejamento que antecede, inclusive uma prática mínima de uma oficina introdutória, por exemplo, que a gente tava fazendo na época de gravura, né? Trabalhando com materialidade diversas. Então é- e aí a gente chamou o Jean daqui, sempre fazendo vínculos com os artistas do- do- do lugar, né? Que [inaudível] Candeeiro e aí tudo isso foi complexo. Então acho assim: que independente da maneira como você vai projetar a situação, você vai demandar um tempo maior ou menor das exigências que teu planejamento tá te direcionando. E esse tempo de planejamento é, dependendo do que tu tá projetando, vai envolver também menos ou mais pessoas. E quanto mais pessoas você envolve, mais complexo vai se dando essas redes, né?

URSULA BAHIA

É.

URSULA BAHIA

Ursula ri.

HELDILENE REALE

Então...

URSULA BAHIA

Com certeza, com certeza. E como é que tu vê essa contribuição, desse pensamento, como mulher, com-- nesse circuito de arte, né? É.
continua...

Dessa ativação, tanto aqui em Belém quanto fora, no país. Desse pensamento feminino.

HELDILENE REALE

Eu acho que é uma luta que vem, né? Se a gente pega na história uma Angeli na década de 40 já se tinha um movimento feminista, né? Que já estava ali levando bandeiras pra rua, colando, é... Mas eu acho que a gente, assim, pelo menos eu, me pensando dentro desse ser mulher de

fato, é algo que eu começo a sentir, né? Essa necessidade de entender as tensões que iriam carregar ao longo da minha tragédia a partir daquela experiência ali nas Onze Janelas, que é quando eu acho que o ser mulher me atravessou. Eu entendi que haviam diferenças econômicas sociais e... e... e... essas questões de- a trabalhos atribuídos até brinquedos, né? Quando a gente se coloca enquanto universo da criança, né? Os brinquedos das mulheres é o que? O fogão, né?

URSULA BAHIA

Uhum!

HELDILENE REALE

É- É: "Vamo comprar um ferrinho de passar roupa", né? Os brinquedos das meninas são esses; ou seja—

URSULA BAHIA

É a casa!

HELDILENE REALE

Desde criança a gente já é construída numa configuração de que diz: "Olha, a mulher precisa cuidar da casa."

continua...

URSULA

BAHIA

Uhum!

HELDILENE REALE

"Precisa ter filhos, precisa cuidar da criança.". A menina, quando ela pega uma boneca, ela diz "Olha, é a minha-- a minha bebê.". Ou seja: já é um norteamento--

continua...

URSULA BAHIA

Pra ela ser mãe...

HELDILENE

--que ela vai ser mãe, né? Então tudo isso é uma estratégia também que eu enxergo: da mesma

maneira onde houve estratégias coloniais que margearam a questão da invisibilidade de pessoas que, de certa maneira, configuraram a formação, né? do Brasil, da mesma maneira pro corpo dessa mulher. Ela foi e continua sendo rotulada dentro de estratégias e padrões, que quando ela fala, ela é questionada; mas quando o outro fala, ele até pode ser pontualmente apresentado uma questão ali ou outra, mas ele não é violentado como nós somos. Então acho que pouco ocupar esses espaços, estar à frente desses espaços, né? Independente dos projetos que a gente desenvolva, é uma ação que adere não somente eu, Heldile; tu, Ursula: adere o corpo feminino que foi construído ao longo da história. Então a gente não carrega só o nosso corpo do ser eu, de você enquanto Ursula. A gente carrega o corpo de muitas mulheres juntas que lutaram para que houvesse a possibilidade, por exemplo, da gente estar ali, lutando para estar dentro de uma configuração duma formação do mestrado, como tu estas; Lutando, que foi uma Batalha mesmo, para conseguir estar dentro de uma universidade, né? Fui muito questionada, é... dentro de uma narrativa misógina, de capacitismo, de dizer: "Ah, mas ela-- será que ela é da área ou não?", mesmo dizendo e desenvolvendo trabalhos que configuravam a narrativa que estava se apresentado no concurso; e mesmo você tendo um memorial apresentando o "Olha, minha trajetória. olha aqui minha trajetória!". Mesmo assim você é negada e vai continuamente ser se a gente não quebrar essas barreiras. Então, por mais que hajam as questões de questionarem que a gente argumenta, eu vou continuar argumentando, porque eu acho que a gente precisa se fortalecer
continua...

URSULA BAHIA

Certo. E qual é esse papel de ativação cultural, é... por ser uma gestora, né? Dentro dessa... formulação política dentro da cultura, né? é... tanto com as políticas públicas,

principalmente— HELDILENE REALE, take quatro. Som de claquete batendo.

URSULA BAHIA

Qual o papel do espaço de ativação cultural gerido por uma mulher e na formulação de política pública na área da cultura?

HELDILENE REALE

Olha, acho que essa- essa questão-- acho que ela integra o que seria dentro de uma superfície, né? Uma perspectiva de políticas públicas, né? Voltadas exclusivamente para isso, né? A gente... a gente não tem, assim, o que- o que eu percebo, assim, em linhas gerais, apesar de nós sermos mulheres e que a gente, de certa maneira, estamos construindo, né? Uma trajetória dentro dos espaços culturais independentes, é... eu acho que falta a gente se fortalecer politicamente, sabe? Da gente se conectar e e fazer projetos que possam estar de certa maneira se conectando de uma forma mais intensa. Eu vejo assim: que são projetos feitos ainda individualmente, que eu acho que nos fortalecem nesse sentido, né? Mas que a gente precisa se enxergar mais, sabe? É- É ter vivências maiores que possam inclusive fazer com que, a-- esse alcance, e reivindicações por questões que possam estar incomodando, um ou outro, dentro das suas experiências de trabalho, possam chegar a uma esfera pública nesse sentido, né?

É... Eu não passei por nenhum quadro, por exemplo, de violência aqui dentro, é... das experiências do Candeeiro, né? Mas... é... tive pessoas, né? Mulher- Uma mulher que já esteve à frente de um espaço que passou por uma situação violência, Por estar gerindo sozinha e ser, é... de certa maneira afetada psicologicamente, até chegar o caso de continua...

chamarem polícia; Enfim, então é justamente porque a gente ainda é lida como esse corpo frágil que pode estar exposto a qualquer tipo de

trato, qualquer tipo de grito, qualquer tipo de situação e a gente tem que saber lidar porque a gente, de certa maneira, é... tem que encarar que isso é algo que vai se configurar sobre a nossa trajetória para sempre. Eu acho que não é assim, então acho que, quan-- se a gente começa a reunir essas falas e, de certa maneira, configurar ambientes de maior escuta, né? Eu acho que faz com que a gente se proteja mais. Porque, é... por exemplo, tu começastes a falar da questão: tava alí, sozinha, no Jupatí, exposta a uma série de situações, né? Pessoas entram nesses nossos espaços que a gente nem conhece

URSULA BAHIA

Uhum!

HELDILENE REALE

É claro que tem essa rede, né? Que, de certa maneira, a gente ao longo da nossa trajetória constrói-- continua... desculpa-- constrói de pessoas que conhecem a gente, de pessoas que, de certa maneira, sabem quem é a Ursula ou sabe quem é a Heldilene, mas tem pessoas que não nos conhecem e que adentram também da mesma forma. Umas podem estar, né? Sendo extremamente generosas nessa entrada, mas outras elas podem te fazer também a passar por alguma algum tipo de- de violência velada—

URSULA BAHIA

Uhum.

HELDILENE REALE

e você está ali desprotegida.

URSULA BAHIA

Sim.

HELDILENE REALE

E você tem que de certa maneira, né? Buscar estratégias pra... é... aquilo não se tornar uma esfera, né? Que possa inclusive

continua...

HELDILENE REALE

Destruir teu próprio espaço. Mas que você também se coloque, né? Então acho que isso é- é algo que precisa ainda ser, é... de certa maneira, escutado e- e percebido mais, né? Dentro das nossas condições, né?

URSULA BAHIA

E... qual a tua utopia? Nesse sistema de arte e cultura aqui em

Belém e no país.

HELDILENE REALE

Que as mulheres, de verdade, assim, né? Eu tô- eu tô desenvolvendo já, é a terceira edição de um projeto também documentário, que é "Pelo Olhar Delas". É... que é uma fala de artista de mulheres de diferentes gerações que vão falar sobre seus processos. E... a minha utopia é que essas mulheres, independente de passarem pelo projeto ou não, sejam mais reconhecidas, sejam respeitadas, que não sejam julgados pela sua capacidade, porque nós somos capazes, sim. Nós reafirmamos esse cenário todos os dias, assim, a partir do momento em que a gente acorda e até-- o momento que a gente dorme, a gente está construindo isso, né? Socialmente e para para esse circuito também. Então, é... é uma grande utopia mesmo. Porque infelizmente a impressão que dá, e eu estou colocando também isso como mãe, de olhar para minha filha, que é uma geração ainda em crescimento e que é, mesmo sendo mas geração que tem uma facilidade- uma facilidade de acesso mais rápida que a nossa geração já não teve, né? Mesmo sendo uma geração que vem se alimentando e se comungando, né? De- de- de pensamento que possam estar atravessando outras esferas de preconceito; ainda assim ela pode ser vítima, ela ainda pode ser, é... alguém

que passe por questões de misoginia, ela ainda pode ser uma criança violentada como tantas são. Tantas mulheres são. A gente está conversando aqui, mas tem mulheres morrendo ao mesmo tempo, continua...

entende? Então a minha grande utopia é que a gente seja respeitada e que a gente-- não seja julgada tanto quanto a gente é, cotidianamente. Heldilene ri.

HELDILENE

REALE

Ai, eu choro demais.

URSULA BAHIA

Não te preocupa que eu também já chorei na primeira.

Ursula ri.

HELDILENE REALE

São muitas violências.

URSULA BAHIA

É. São. São. E violências diversas, né? Eu, como eu como eu disse, na da Joyce. A- a violência que eu sofri dentro do Jupati foi justamente de que... eu acho que foi, para mim, uma das piores que foi de uma outra mulher, né? Querendo acabar com o Jupati, achando que eu tivesse, é... querendo tomar conta do- do- do espaço e que só eu me promovesse e não era isso, eu estava ali disposta a fazer tudo, mas só que ela estava ausente e eu estava presente. E aí eu acho que pela ausência dela, que era por uma questão também de estudo, doutorado dela que precisava concluir, tudo... ocupou muito tempo dela e ela não estava conseguindo fazer com que as coisas do- do- do espaço dela, né? Não- não

fluisse tanto e aí como não havia tanta participação, realmente eu tomei conta de-- "Vou-- posso fazer assim, assado, cozido? Posso convidar?" [Inaudível] era uma coisa que era sempre colocada dentro do grupo e como não havia resposta a dona da casa de: "Ursula, toma conta e faz." e aí eu fui fazendo, né? Mas eu sempre com o aval da dona minha casa que me abrigou, que me acolheu, né? No caso foi a Vânia, então eu tinha o aval dela de fazer todas as coisas [Inaudível]. Mas só que outras pessoas que estavam lá dentro não- não gostaram dessa continua...

minha participação e foram diretas realmente, dizendo que- que não gostavam de mim lá, né? Mas... Enfim, mana. É essa a situação. Acho que eu já mostrei a minha- a minha capacidade.

HELDILENE REALE

Exato.

URSULA BAHIA

Né? Eu acho que eu não preciso, é... de um espaço físico para fazer o que eu faço, né?

HELDILENE REALE

continua...

Nem Justificar pra ninguém.

U

RSULA BAHIA

É.

HELDILENE REALE

ele capota.

URSULA BAHIA

É. Eu acho então... Esse ano foi um ano de- de- de mostrar isso, entendeu? Eu- Quando a Vânia chegou dizendo que ela ia fechar o espaço pra fazer a reforma, pra mim, foi logo um... "um tapa" assim, eu falei pra ela, né? Mas aí logo em seguida já me veio a tranquilidade, por que aí foi- - Deu aquele estalo, justamente pela questão do

mestrado, que tava iniciando, que eu falei assim "Te acalma, por que vai ser um freio pra ti.". Mas não houve esse freio! Não houve esse freio. Porque justamente, eu tinha que dar continuidade porque é minha temática, assim. Então eu tinha que- que-- É- é meu processo artístico, é o Ateliê.

HELDILENE REALE

Sim.

URSULA BAHIA

Então, como eu tô na linha um, eu tinha que produzir o meu projeto artístico que é o Ateliê. Então eu não podia parar, né? E aí eu vim me tocar- aí vim me tocar disso quando eu tive que continua...

fazer o dia abril que eu já que eu falei assim "Ah, eu não vou fazer nada, só vou fazer um lá pra junho e o de agosto, talvez o de outubro e vou ficar descansada.". Mas aí quando surgiu um rapaz de São Paulo que me pediu pra produzir uma- uma- uma exposição dele aqui, né? E aí eu falei pra ele: "Mano, eu não tenho espaço. Não sei como fazer isso agora, né? Eu-- O que eu posso fazer é verificar um local pra- pra te abrigar, eu te produzo como uma produtora cultural, não como galerista mais, né?". Só que aí teve a reunião com- com- com o pessoal da tal organização do Circular e aí me veio na- na- na cabeça "Cara, vou tentar fazer itinerante. Já que são vários espaços, eu vou pegar os próprios espaços e vou me- me- me- lançar pra eles como, pelo menos, a partir da- da- da exposição, né? Eles fazem a- a- a programação deles lá e eles me dão um cantinho que tiverem para eu, pelo menos, fazer uma exposição artística. Era isso que era a minha ideia.

HELDILENE REALE

Sim.

URSULA BAHIA

Mas aí surgiu essa situação do- dodo um amigo me chamar lá pro- pro- pro Seu Bené, né? Aqui No- No- na ladeira do Carmo, e aí via a oportunidade de um novo local, que aí seria todo meu de novo, né? Que eu poderia utilizar, ocupar, né? E aí foi que eu me deu o estalo: continua...

"caramba, eu não posso fazer só um ou dois. Eu tenho que- eu tenho que produzir novamente um ano inteiro por causa que é a temática do- da minha dissertação".

HELDILENE REALE

Sim.

URSULA BAHIA

É- É o meu projeto. É o meu produto. E aí foi que eu falei assim: "Cara, vou fazer esse itinerante mesmo e vou procurar os espaços aí.". Só que aí continua...

é aquela situação: do Seu Bené, fiz as duas edições, de abril e de junho com ele, né? Junho foi também a pedido do próprio circuito para continuar lá, porque para eles foi algo inédito de ter levado para dentro do- do- do beco do Carmo e essa integração também de fazer com que outros espaços dentro do bairro que são marginalizados possam ser vistos, né? E possam ser- ser ocupados também, mostrando arte pra aquela população que tá lá dentro, né? É... e conseqüentemente depois o- o próprio fórum Landi, né? A professora levou os alunos para lá né e aí ela: "Ai, que- Muito legal você ter trazido para cá para o Seu Bené", que também ela já tinha esse vínculo com ele, né? Aí ela falou: "Se você quiser também ocupar lá."; eu falei: "Então vamos lá.". De agosto, já peguei ela, né? "De agosto a gente já pode fechar.". E aí foi que eu fui para lá e aí conseqüentemente agora no de outubro foi por causa do- da nossa recepção com os alunos lá no ICA, que aí pela discussão que a gente estava tendo nesse- nesse- nesse período de recepção do- dos novos alunos de

mestrando- de mestrado e doutorado os próprios alunos falaram assim: "Ah, por que que a gente não pode ocupar esse espaço? Por que não pode ocupar o espaço do quintal lá do PPGARTES? Arrumar lá e a gente fazer as nossas produções?"; eu falei: "Gente...". Aí não sabia quem era a professora Isis, que tava do meu lado, aí eu perguntei: "Você é professora?"; ela disse: "Sou."; "E a senhora sabe como é que é que ocupa aqui?" aí ela disse: "Sei, porque eu sou a diretora daqui."; eu falei: "Ah, então pronto, eu sentei do lado da pessoa certa." e foi a coisa mais simples do mundo. mano. Joguei para todo mundo dentro do PPGARTES, mas poucas pessoas aderiram, e aí ficou algo só meu de novo, né? Mas com a participação de uso e outros pelo menos alunos se apresentando com seus trabalhos acadêmicos, né? Aí agora dezembro eu acho que vou ficar lá de novo.

Ursula ri.

HELDILENEc

Continua...

Maravilha. Uma questão, assim, que eu queria, é... pontuar é que enquanto mulher, dentro desses espaços, a gente também acaba sendo referência para outras mulheres.

URSULA BAHIA

Sim.

HELDILENE

Né? É... Assim, dentro desses deslocamentos, até no eixo São Paulo, assim... é... tem uma entrada em Ribeirão Preto, né? Fiz curadorias também que, elas começam assim, na universidade, mas passa pela Casa das Onze Janelas e se intensificam Candeeiro. E as mulheres chegam comigo e falam: "Caramba , Haldi! Muito massa!", sabe? Então é o retorno--

Inclusive mulheres que gerenciam outros espaços culturais. Então é... quando a gente se enxerga e enxerga o que a gente está fazendo a partir da fala dos outros, isso não somente fortalece a gente enquanto espaço, mas fortalece a gente enquanto mulher também, de fazer com que, é... a que as pessoas, que elas acreditem que é possível e isso independente, assim, das cores e dos gêneros e das afirmações, né?

URSULA BAHIA

Para mim, o que- que me deixou muito feliz e que foi também bem motivacional, foi o Igor Simões, né? Professor e- e curador, quando ele veio fazer a- a- a seletiva e conhecer os artistas paraenses negros para que- para a exposição de artistas negro pelo- pelo SESI, né? Pelo SESC, é... Quando eu fui me apresentar, né? Na- Na- Na-

Na reunião, depois ele veio para mim e falou assim: "Olha, que legal que você está tendo, é... essa oportunidade de tá com a sua Galeria, com seu espaço. Porque em todo o Brasil, que eu já rodei, é a primeira vez que eu mesma mulher negra dirigir uma galeria independente. Para mim você é a primeira. Eu-- já rodei a Bahia, já rodei Não-Sei-O-Que-- eu nunca vi uma mulher negra artista tendo uma Galeria independente.". Então continua...

ele falou assim: "Continue, continue que eu acho que você vai.". Aí aquilo me deixou, assim, feliz, sabe? Que é- é aquela situação: Não é- Nunca foi uma intenção para mim isso, entendeu? Foi- foi questão mesmo de- de- de saber o que fazer da minha carreira, porque eu tava já estava desmotivada, eu já tive-- e quando eu tava em São Paulo, eu já tinha passado por uma crise de desistir realmente da fotografia, né? E aí quando eu voltei para cá que eu achava que poderia ter uma chance melhor, né? Dentro do foto jornalismo, mas não aconteceu. Enfim,

é... Deus sabe qual é a direção dele mesmo, né? Eu vejo que é essa situação: É de você ser desafiada e você se desafiar. Eu, eu me sinto muito nisso. Eu, desde pequena, eu sempre tive essa... essa cabeça de ter o meu- de ter meu próprio trabalho, meu próprio negócio, de eu gerir alguma coisa minha, entendeu? Mas é isso. E agora eu quero ser professora da universidade. continua... Ursula ri.

HELDILENE REALE

Será—

URSULA BAHIA

Continuar- Continuar com- com- com o ateliê. Quem sabe, até lá, aí já tem um local, mas até-- Eu vi que essa situação do- do- de tá itinerante é até legal, porque faz realmente com que outros locais, que- que muitas pessoas não puderam não conhecem, possam ser conhecidos.

HELDILENE

Sim.

URSULA BAHIA

Mesmo ainda o- o- o projeto ser bem- bem- bem- em espaço bem delimitado, né? Nos três bairros históricos, na Campina, na Cidade Velha, no Reduto. Mas, de qualquer forma, existe vários locais aqui dentro que ele- que a gente pode mostrar.

HELDILENE

Sim
continua...

URSULA BAHIA

Né? E é isso, é a gente se descobrindo.

Ursula ri.

URSULA BAHIA

E eu te agradeço—

continua...

HELDILENE

REALE

Eu que agradeço! Foi ótimo.

URSULA BAHIA

--mais uma
vez!

Heldilene ri.

URSULA BAHIA

Muito obrigada. Espero você na minha banca lá,
de- de- de- pra... pra defesa, né?

HELDILENE REALE

Chique.

Ambas

riem.

HELDILENE REALE

Vai ser lindo, tenho certeza.

URSULA BAHIA

Obrigado, viu

querida? FIM_

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM MAKIKO AKAO PARA O DOCUMENTÁRIO

**“MULHERES ATIVADORAS - E OS PROCESSOS DE ATUAÇÃO FEMININA NA
CENA CULTURAL DE BELÉM”**

Por

Ursula Celeste Tavares Bahia De Jesus

Transcrição: Alexandre Marinho

Matos Revisão:

Victor Luis Mercês Oliveir

Direitos Autorais de Ursula Celeste Tavares Bahia De Jesus, 2024 Todos os direitos reservados	Ursula Celeste Tavares Bahia De Jesus photoub@gmail.com +55 91 98916-0763 Belém - PA - Amazônia - Brasil
--	--

URSULA BAHIA

Bom dia, Maki. Obrigada por estar nos recebendo aqui na Kamara Kó, um ícone de espaço, de cultura, você também como uma mulher, sempre provendo, divulgando o trabalho dos artistas, principalmente da fotografia. E te agradeço por ter me recebido aqui para essa entrevista do documentário, para a minha dissertação do mestrado.

Então, como eu te pergunto assim, quem é Makiko Akao, né? Quem é esta pessoa, quem é esta mulher no primeiro lugar e aí como se deu a tua aproximação com a arte e a cultura?

MAKIKO AKAO

Seja bem-vindo ao espaço, agradeço a escolha, mas só ressaltando, não sou um ícone coisa nenhuma, apenas eu tenho um espaço positivo, que é bastante alternativo. Agora, para mim, em termos de trajetória, é uma coisa meio longa, porque já sempre estive no meio um pouco da cultura. E com o meu relacionamento com o Miguel, que é até mais de 40 anos, a questão da FotoAtiva, tudo isso foi, na realidade, sedimentando esse espaço de convivência com a cultura ao longo de todos esses anos, E como você, principalmente, fotografia em função da convivência de anos e anos com a FotoAtiva, e também aqui na Kamara Kó, foi uma das sedes da FotoAtiva, foi a primeira sede, na realidade. A FotoAtiva estava aqui dentro da Kamara Kó. Então, a trajetória, na realidade, é muito grande, assim como minha relação pessoal com todo esse pessoal que passaram. Para

MAKIKO AKAO (cont.)

fazer as oficinas ou atividades em função da FotoAtiva.

.

URSULA BAHIA

Então, me fala, o que é a Kamara Kó?

MAKIKO AKAO

Bom, Kamara Kó, na realidade, você fala referente a Kamara Kó Fotografia Limitada ou

Kamara Kó Galeria?continua...

URSULA BAHIA

A Kamara Kó em tudo, tanto se existe uma limitada e a galeria fale delas. E como surgiu tudo isso.

MAKIKO AKAO

A Kamara Kó, na realidade, a Kamara Kó Galeria, como empresa mesmo, ela foi criada em 91, como uma agência de fotografia. Na verdade, inicialmente eu nem estava dentro, eram quatro fotógrafos, na realidade. Eu acho que eu entrei um ano depois, porque, assim, as pessoas foram saindo e para o Miguel não ficar sozinho, de certa forma, não ser uma empresa individual, entrei como sociedade. E trabalhamos um bom tempo, um longo tempo, como uma agência de fotografia. Na realidade, era o banco de imagens. Os quatro eram, se não me engano, o Patrick, a Catarina, Octávio e o Miguel.

URSULA BAHIA

E aí, qual a contribuição que você pode pontuar que o espaço, se ele tem, por ele ser gerido por uma mulher, ou não existe isso para ti? Existe esse diferencial.

MAKIKO AKAO

Na realidade, eu realmente, falando sinceramente, eu nunca senti essa diferença na realidade de porque eu sou mulher, né? e que tem mais dificuldades do que um homem. Eu acho que trabalhar em cultura é uma coisa muito difícil, é uma coisa de dedicação e uma escolha de vida.

Sabe? Principalmente assim, em viés, na linha que a gente trabalha, que na realidade não é aquela coisa muito mais vistosa, etc. e tal, né? Então, realmente é uma questão de sobrevivência e de gostar. Na realidade, como se diz, é uma opção, uma escolha de vida. Sabe, você vai aos trancos e barrancos levando. Então, isso eu nunca senti em relação de porque eu sou mulher ou porque eu sou homem.continua...

URSULA BAHIA

Nunca te sentiste desafiada...

MAKIKO AKAO

Por ser mulher que eu tenho certas dificuldades, tá entendendo? Eu acho que é mais assim, da personalidade, de, sabe, como eu poderia agir ou não agir, né? Era aí essa questão, porque eu acho que trabalhar em cultura aqui... em Belém, não é fácil para ninguém, nem para homem, nem para mulher, então eu acho que é isso. Agora, uma questão da pergunta anterior que eu não te respondi é a questão de ter aberto um espaço expositivo aqui dentro da Kamara Kó. A Kamara Kó, na realidade, sediou a Fotoativa por longos anos, e quando ela saiu, eu acho que foi em 2000, então eu tive um espaço mais de exposição. Na realidade, é uma casa relativamente de médio porte que daria...

URSULA BAHIA

É aquela situação, começou tudo lá no ferro de egomar.

MAKIKO

AKAO

É, depois veio tudo pra cá.

URSULA BAHIA

Aqui é próprio.

MAKIKO AKAO

Aqui é próprio. Lá era alugado e aqui é próprio. Então, enquanto a FotoAtiva estava aqui, de qualquer forma, as oficinas aconteciam, tinha trânsito de pessoal, utilização de laboratório, fora que naquela época era ainda PB, tinha serviço de laboratório e de certo etc. e tal. Com o tempo com essa mudança, o fato da FotoAtiva ter saído daqui, e assim, a questão do laboratório também foi minguando com a entrada digital, etc. e tal, a coisa ficou mais, coisa, mais devagar, na realidade, com espaço mais disponível aqui, que eu queria usar pra

alguma coisa, né, e aí, de repente, me deu, aí era assim, tipo, me deu uma ideia.continua...

URSULA BAHIA

O que eu vou fazer?

MAKIKO AKAO

Eu não vou fazer, não, na realidade, o que eu vou fazer? Aí, porque eu não passo um espaço positivo. Na realidade, foi assim. Não, é uma coisa mais estranha ainda. Uma amiga veio e disse assim, a Maki tu tem um bom relacionamento com os artistas. Por que a gente não faz um tipo de venda de imagem para os arquitetos de certo etc tal? Eu disse, de repente, bom, relacionamento eu tenho. Agora, parte de venda eu não sou boa. Não sou mesmo, nem é uma área que eu não gostaria muito de entrar, que não é bem a minha área e tal. Eu disse, não, mas isso eu faço. Então, eu me muito domino bem disso ela. Ah, então assim, tu topa e podemos fazer, né? Agora, bom, para você ir propor para uma venda ou ter alguma coisa, você precisa de um catálogo. É um portfólio. Ah, então vamos fazer um catálogo em portfólio, né? Esse foi, na realidade, o primeiro catálogo da Kamara Kó, né? Bom, a gente conseguiu, na realidade, uma coisa

MAKIKO AKAO

incrível, né? A gente conseguiu um catálogo bom, de capa dura, dupla. A Expoente tem um produto super legal, então por que a gente não faz o lançamento do catálogo? E lá fizemos o lançamento do catálogo, muito bem feito, e foi quando eu pensei, por que a partir daí, por que a gente não faz um espaço, por que eu não faço um espaço expositivo? E depois disso, eu nem sei se a pessoa que estava comigo ainda continuava, mas eu fiquei com essa ideia de que por que não dar continuidade, só linha nessa história. E foi quando eu disse, ah, é um desafio, eu gosto de certa forma do desafio que apresenta na vida e que eu acho que nos empurra para frente. Aí eu reuni uns amigos que,

na verdade, a grande maioria dos fotógrafos, eu acho que eu conhecia bastante, hoje eu não sei, mas eu conhecia, naquela época eu conhecia vários, continua...

todos, eu acho que vários. E alguns mais chegados, fizemos uma reunião no quintal e disse, olha, eu estava pensando em fazer... Uma galeria é um espaço expositivo. Sinceramente, eu não tenho nenhuma experiência de galerista, sabe? Mas eu acho que nem vocês, talvez, em termos de como se colocar como artista no mercado de arte. Então, seria um aprendizado para ambos. E como todos são meus amigos, etc. e tal, então, vale. E foi aí que a gente começou com a história da galeria. Já tem mais de 13 anos, 14 anos. E é assim que surgiu o espaço.

URSULA BAHIA

E aí, como foi pra tudo esse... Porque aí, com certeza, acho que como aconteceu comigo, outros artistas também vieram atrás de ti, sem ser de fotografia. Porque a galeria é conhecida muito mais por ser uma galeria de fotografia.

MAKIKO AKAO

É, na realidade é assim, né? Inicialmente era Kamara Kó, Kamara Kó, Galeria de Fotografia, uma coisa assim, não me lembro muito bem, mas você sabe que a própria trajetória de artes visuais e de fotografia soi se mudando, então eu acho que é um pouco acompanhar esse ritmo de mudanças e tal. A fotografia em si não é documental, autoral e tal, mas tem fotografia de performance. Assim como dentro da própria arte em si tem as questões de... que você pode ver que a expressão... Quer dizer, foi ampliando a forma de expressão da arte em si, de arte visual. Na realidade. Então, mesmo com fotografia, eu me lembro no início com a Roberta Carvalho, a gente fez um processo que fechou essa sala do meio, dela fazer projeção, que projeção também era, vídeo também era, naquela época ainda. A Dani já veio aqui fazendo uma instalação da

caixa de correspondência dela aqui no corredor, que se colocou a grama e tudo. Então, a forma de apresentação também foi mudando de qualquer forma, conforme as coisas eram. E ia tendo mudança, não era só uma questão de obras na parede. E que as coisas foram dessa forma que foram acontecendo e entrando, então, outros formatos de arte em si. Já teve a exposição docontinua...

Paulo Meira, com esculturas. A gente foi ampliando o leque.

URSULA BAHIA

E aí, esse papel com a mulher, nesse circuito da arte, como é que tu te vê? Principalmente aqui em Belém ou, pelo oque eu li também, tu já tem reconhecimento nacional. E ai como é que também se reporta pra esse nacional como uma mulher atuante nessa área?

MAKIKO AKAO

Olha, na realidade. Como eu te disse anteriormente tudo isso que

MAKIKO AKAO

eu fiz, eu não me reporto no fato de ser mulher ou não, primeiro que tudo. Agora, sim, de fato, foi uma galeria que teve a participação da SPA, SPA de Foto, na realidade, que dá uma projeção nacional até internacional, porque gira o pessoal de lá e tudo. Mas foi muito difícil, uma galeria super pequena, sabe? Você participar do negócio, a estrutura é grande, custo muito maior, etc. Mas, eu falei, é louco. E vai, os desafios estão aí, se vai. E foi dessa forma que a gente foi. E como era uma das primeiras galerias a participar disso, isso tudo criou uma projeção. Primeira galeria do Norte a Participar da SPA de Foto, etc., e tal, que dá mídia, que dá imprensa, na realidade. E você conhece um mundo de gente, não sei agora como é que está, mas assim, de qualquer forma você participar de uma feira dessa internacional é uma coisa que...

Você conhece o mundo entende, né?

URSULA BAHIA

E quais são esses teus princípios éticos e políticos que norteiam o espaço, como um espaço de ativação cultural?

MAKIKO AKAO

Olha, ela sempre foi, na realidade, Porque norteia a gente como ser humano. Eu acho que a gente tem que ser honesto, na realidade, e trabalhar continua...

com... É a ética principal, profissional. Você trabalhar profissionalmente, em todos os itens, respeitando as normas e etc. e tal. Eu acho que não tem uma norma que... Eu acho que é um princípio da gente mesmo, como ser humano. Que norteia o respeito pelos artistas. Sempre batalha para que os artistas tenham reconhecimento, um respeito. É para isso, de certa forma, que tem a galeria, na realidade, como diz assim, inicialmente. Ela foi criada

MAKIKO

AKAO

para divulgar a produção paraense de arte, de fotografia, e depois passou para artes visuais. A fotografia entrou para artes visuais. Então, a bandeira foi no sentido... foi... A gente tenta ser, na verdade, da divulgação da produção paraense de artes visuais e tal. Um mínimo, um mínimo que a gente possa abraçar, de certa forma. E a ética é a que qualquer ser humano profissionalmente, tanto como ser humano e como profissional, se deve levar.

URSULA BAHIA

Ok. E esse papel do espaço como um espaço de ativação cultural, nessa formulação de políticas públicas que nós temos dentro da cultura, dentro da área cultural, como é que está dando essa tua ativação justamente com essas políticas públicas, se tem, se não tem?

MAKIKO AKAO

Olha, uma coisa que eu, assim, na realidade, eu tô um pouco... Porque você levar uma galeria nessa cidade, e tipo, participar de feiras, exige muita energia. Eu não tenho mais, sinceramente. Eu conheço, me reconheço, sei como sou fisicamente, sabe o que demanda de sua energia de uma coisa uma coisa você tem uma estrutura que você fica sentado só mandando e outra coisa é você que vai levando tudo.

URSULA BAHIA

Porque na verdade é só tu né?continua...

MAKIKO AKAO

De certa forma né então é uma coisa que é assim é extremamente desgastante em termos de condições físicas e tal e vejo que está chegando ao meu limite estava tentando estou tentando há uns dois anos três anos o que fazer da galeria e também ampliando de certa forma uma visualidade eu não sei se

MAKIKO AKAO

um pouco cansado do mercado de arte, sabe? Do que norteia o sistema de mercado de arte em si.

URSULA BAHIA

Porque o público mudou muito, né?

MAKIKO
AKAO

É, mudou também, de certa forma, a primeira vez que participei da feira, eu acho que eu tive um choque, um pouco, né? Você tem uma noção do que é a criação de uma obra, de um produto, de uma obra, que seja obra de artes ou não, etc. E que tem todo um sistema, isso aí, né? Agora, ela sendo colocada como um produto, e que na realidade o status de tudo, sabe? De quem promove, da relação dos artistas, etc. Isso tudo conta, né? É você entender um pouco

como é o sistema de arte. O mercado de arte, na realidade. E que é uma coisa antiga, gente. Isso existe desde a antiguidade, na realidade. É uma coisa super antiga. E que a gente tem que ter um mínimo de noção de qualquer forma para a gente ter.

Mas assim, eu vou ficando, sabe, um pouco... Não é que seja descrente, sabe? Mas já não me atrai tanto, sabe, adentrar nessa área. E eu gostaria, eu estou tentando, gostaria muito assim, de trabalhar com uma coisa mais próxima, sabe? A gente vai, por exemplo, eu te falei que agora, terça-feira, já vai começar a nova montagem e tal, né? E que é uma parceria com o PULSA, que está vindo. Mas é assim, tipo, estou cedendo espaço para os meninos super novos. Ainda os estudantes, sabe? Para eles montarem. Dizem, olha, eu topo esse convite do PULSA, mas continua...

se vocês fizerem PULSA... E vai ser uma grande aprendizagem para eles.

URSULA BAHIA

Eu estou te entregando a casa só vou ficar sentada no meu computador a casa é tua.

MAKIKO AKAO

Não, eu dou um teco, mas é uma grande aprendizagem para eles. Sabe? E eu gosto disso.

URSULA BAHIA

Desafiar?

MAKIKO AKAO

Não, não é desafiar, mas na realidade é contribuir de alguma forma para que as pessoas... se instrumentalizem nesse conhecimento um pouco, porque montar uma exposição, você fazer assim, realize da dá exposição, fazer a divulgação, você conhece como é, isso tudo dá um trabalho. Sabe, não é

assim uma coisa sonhada e tal, e é preciso né, eu sempre acho que essa é a pessoa tem que ter uma noção mesmo que tenha, sabe, talvez recurso muito grande assim e tudo mandar fazer, etc., etc. e tal, mas tem que pelo menos pra mandar tem que saber. Então, eu gosto dessas coisas, a gente teve, assim, com vícios. Tem exposições assim que o espaço está sendo um pouco mantido assim. Talvez, assim, no sentido de pode ser um espaço, que eu estou pensando, eu estou pensando ainda, na verdade, lógico, com propostas de exposições, mas que seja interessante para a galeria e que tenha, assim, um custo de aluguel pelo espaço e tal. Eu acho que dessa forma, porque a pessoa se encarrega de tudo.

URSULA BAHIA

Seria talvez tu abrir e locar um espaço. Então vamos dizer, tem os editais que tá aí, ai ops artistas... Vamos cortar raidola.
continua...

URSULA BAHIA

Então, tu estavas dizendo que tá pretendendo dar uma nova roupagem pra galeria.

MAKIKO AKAO

É, na verdade é isso, mas eu não sei sei também. É só uma coisa que está na minha cabeça, né? Ainda tenho que pensar bastante se esse formato daria ou a gente faz uma coisa mais assim de incrementar um pouco mais essa questão das oficinas, do Miguel e tal, e fazer projetos nessa área e tal. E ter um espaço expositivo como resultado e tal, que seria interessante também, né? Então, é um pouco isso que ainda está na minha cabeça. Mas eu só não queria mais assim, tipo, trabalhar com mercado de arte.

URSULA BAHIA

Entendi. Não só com o mercado, exclusivamente com o mercado de arte, mas talvez ampliar bem um pouquinho mais o leite.

MAKIKO AKAO

É, talvez assim, de repente eu ia assim, faz uma exposição com um resultado, tem venda de obra, alguma coisa e tal, né? Mas não assim de grandes eventos, sabe? De levar a exposição pra fora, como eu já fiz e tal, né? E que, na realidade, eu acho que para ter uma galeria realmente dentro do sistema tem que ser um pouco assim, atirada e levar nas costas as obras dos artistas e mostrar o que a gente tem.

URSULA BAHIA

É porque, na verdade, é aquela situação, né? Acho que eu vejo, eu ainda não, eu acho que ainda não tem essa estrutura para mim isso, né? Porque já me perguntaram, não

URSULA BAHIA

sei quem eu conhecia aí pelos grupos que a gente tem nacional, aí já me falaram, Ursula, por que tu não leva tuas fotos para o SP Arte ou não sei o quê? Aí eu encontrei um fotógrafo que estava me continua...

seguindo, aí eu vi que ele tinha participado do SP Arte e aí eu perguntei para ele como é que fazia. Ele disse, na verdade, é pago, você tem um estande onde você vai, coloca suas coisas, eles delimitam lá qual é o espaço que você tem e você vai levando as obras. E aí, como ele falou, é bom, por um lado, né? Que tem essa divulgação bastante, né? Aí você acaba conhecendo muitos curadores, muitos outros artistas, os colecionadores, né? Mas é uma loteria, né? Para ele foi bom essa experiência de ter conhecido tudo isso, né? E também de ter participado, mas financeiramente já foi um pouco mais pendioso para ele. Porque ele não vendeu tão bem, mas ele teve muitos contatos que posteriormente levou a outros trabalhos. Mas eu digo para ele, é como eu falei, eu falei para ele, mano, a nossa vida é uma loteria, né? Que é essa situação, se a gente bota uma exposição, faz uma vernissage,

né? E aí tem essa situação de as pessoas gostarem do trabalho, comprarem, né? É aquela situação da sorte, do momento do que você está apresentando, alguém gostar e acabar comprando, né? E eu, pelo menos assim, não sei se tu vê isso. Eu acho que o mercado de arte aqui em Belém, ele deu uma decaída bem grande, né? Principalmente nessa questão de compra, né? Eu acho que tem alguns colecionadores aqui, mas são muito pontuais, né? Ainda não tem um mercado tão grande como se tem em São Paulo, em Belo Horizonte, Rio de Janeiro.

MAKIKO AKAO

Nem se compara.

URSULA BAHIA

Nem se compara, né? E aí, viver disso é... suado.

MAKIKO AKAO

Eu acho que na realidade é assim, eu mantenho minha galeria porque a casa é minha, na realidade é eu te tirar o dinheiro do bolso para fazer mais coisa, e você não tem retorno. Por isso que eu te digo, é uma opção de vida, sabe? Você dedica, na realidade, a esse tipo de atividade. É porque eu gosto, eu adoro isso. É uma das coisas que eu sempre gostei, como dizem assim. A minha convivência no meio cultural tem mais de 40 anos e tal. Sempre gostei, então é uma coisa que me empurra para frente e tal, mas não é fácil e aqui eu acho que a gente, na realidade desde que eu abri a galeria. Fico pensando que é necessário que se crie um evento, uma atividade na realidade para incentivar o colecionismo aqui no local. Eu até pensei, na época, eu me lembro que uma das primeiras coisas que eu fiz foi o Gourmet Cultural, de parceria com o Grand Cru. Aí! o Edder Chiodetto Odeto veio para fazer, para explicar a fotografia como obra de arte no mercado de arte. Mas aí, como são coisas que eu faço quase praticamente sozinha, enrolei também, aí foi o tempo que apareceu o Circular. O Circular cresceu, o projeto Circular cresceu

em função da galeria. Porque quando eu abri a galeria, aqui nesse bairro de Campinas... que era um bairro comercial, né? É difícil de estacionar, é uma coisa totalmente fora do eixo um pouco, né? Não é lá na Brás de Aguiar, certo e tal, no Nazaré e tal. Mas aí eu fiquei, é assim, como eu vou fazer para que as pessoas venham visitar? Foi quando surgiu em dezembro, com a Armanda, me lembro, com a Ana de Cabral, com o José Domingos, né? Por isso que começou com seis espaços, no sentido de ah, vamos fazer, como dezembro é um mês atípico, né? O comércio fica aberto no final de semana, a gente aproveita e abre as galerias, né? E Casa de Artista era também no final de semana. E foi assim que se fez, né? e tal. Essa experiência depois me deu a ideia de fazer uma coisa um pouco maior, de pensar em elaborar um projeto levando como mote a visitação no Centro Histórico de Belém que ideia inicial foi que o Circular fizesse os espaços do Circular, visse suas portas para a visitação, para que as pessoas também viessem conhecer o Centro Histórico no dia de domingo. Não tem um comércio funcionando e naquela época era melhor do que agora. Dava para visitar as fachadas dos casarões, ainda nem conservação. E ver como era bonito o centro histórico, como ainda tinha a

continua...

possibilidade de se recuperar tudo aquilo, e que o atrativo seria, na realidade, esses espaços culturais. Então poderia se criar um polo turístico, que as grandes cidades geralmente aproveitam o centro histórico exatamente para fazer isso. Mas foi um projeto também que eu tive que, assim, na realidade começou sem nenhum... só que a ideia é boa vontade, então a gente começou a incrementar já o projeto com boa vontade de todos os amigos, mas isso demandou uma grande energia minha, que foi o desfocado daqui da galeria.

URSULA BAHIA

Mas eu vou já te perguntando sobre isso. Tu não achas que a mulher tem esse papel muito mais encorajador do que os homens ou tu não sente isso?

MAKIKO

AKAO

Como eu te disse, eu não sei. Eu não sou homem pra saber se realmente é ou não é. Realmente é ótimo, ué. Eu sei que sou assim, tá entendendo? E eu não sei se isso é inerente porque eu sou mulher. Mas é uma coisa assim...

URSULA BAHIA

É porque eu acho gente mete muito mais a cara no leque. Do que eles.

MAKIKO AKAO

Depende, né? Depende da pessoa. Depende das pessoas.

URSULA BAHIA

Mas eu vejo assim que, pelo menos dessas, principalmente dessa questão dos espaços aqui, que eu já frequento também desde criança, né? Porque, como eu falei na minha, os meus pais sempre tiveram essa consciência cultural comigo e com o meu irmão. Então, nós sempre frequentamos galerias, exposições, ia no teatro, ia no cinema, ia no circo. Então, a gente tinha essa movimentação cultural. Meu pai me levava para
continua...

leilões. Eu adorava, adorava ir com ele nos leilões.

Então, eu me lembro super bem de estar indo nessas coisas com ele. E o final de semana era sempre para isso. Ou sábado ou domingo. A gente estava, levava no museu, no bosque, né?

Onde tivesse alguma coisa de cultura, era o nosso final de semana. Isso era sagrado. Então, eu acho que eu e o meu irmão fomos muito bem alimentados com isso. Eu acho que foi daí que também me veio esse interesse pela cultura, sabe? Por eu ter esse berço desde sempre.

MAKIKO AKAO

Engraçado, eu não tenho isso. Minha família é super rural. É a família japonesa, né?

URSULA BAHIA

Tu nasceste lá ou aqui no Brasil?

MAKIKO AKAO

Não, eu sou japonesa mesmo, nascida lá, mas de qualquer forma minha família, assim, a base sempre foi rural tá entendendo? Quer dizer, eu saí cedo pra começar a estudar então, de certa forma, me criei assim, um pouco no mundo e tal, mas é uma, não é lógico, tem a questão da coisa, um pouco da cultura oriental que eu carrego que vem toda da família de certo e tal, né?

Mas eu acho que o mundo a convivência do mundo me fez um pouco de eu entrar por essa por esse viés.

URSULA BAHIA

Entendi, entendi. E qual é a tua utopia no sistema de arte e cultura aqui em Belém e no país também?

MAKIKO AKAO

Eu gostaria que realmente, assim como a ideia que eu tinha, a objetiva, a meta, a missão do Círculo Arte seria reavivar o centro histórico e que a gente pudesse, na realidade, esses espaços culturais ser vistos como, sabe, um processo de alimentar exatamente a questão, a parte da economia criativa, sabe, a circulação das pessoas e tal, não é que um outro vier. Agora, eu sei que é um processo difícil, é super difícil, mas olha só, depois de 10 anos do Círculo Arte criado, por exemplo, nós temos a Bienal

aqui, no centro do comércio. Quando a Livia me falou que a Bienal ia ser no antigo prédio do Yamada, eu disse, gente, é a cereja do bolo do projeto circular, sabe, entendendo? Então, são coisas assim que... O perfeito. Agora, eu tenho consciência que o perfil de um bairro não vai mudar de três anos, quatro anos, tá entendendo? Demora. Demora bastante para que as pessoas... olha, por exemplo, nós vamos ter, se não me engano, um outro museu, não sei se é de clima, alguma coisa, lá onde era o prédio do antigo Sefin. Já temos o Mercedário, com a URPA, que a parte do terreiro vai ser um espaço cultural. Então, aos poucos, vai desbordando, vai se aproximando. Os equipamentos oficiais. que pode trazer os pequenos que nem a gente na realidade.

URSULA BAHIA

E eu acho que a gente também, o projeto, ele foi um fomentador disso também, das pessoas que, no meu caso, quando eu voltei de São Paulo, eu acho que o projeto já tinha quatro ou seis anos, nem me lembro, que foi em 2015 que eu voltei, foi? Foi em 2015, em fevereiro de 2015. Aí eu fui descobrir o projeto já em outubro, porque as meninas que eram do Sinhá Pureza, que eram ali na Estreita e Deslobo, aí eu conhecia a Cristina lá em São Paulo, conheci ela lá, e aí, nessas férias que eu vim passar aqui, eu reencontrei ela, e ela disse, menina, o que você está fazendo aqui? E ela disse, eu estou voltando, eu disse, eu também. E aí, depois que eu já estava aqui, eu encontrei ela na praça, na Praça da República, aí ela tinha me falado, Úrsula, eu estou com o espaço e vai inaugurar no projeto circular. Aí eu perguntei para ela o que era o projeto, aí ela me explicou. Aí eu falei, legal ela disse, Úrsula, tu não queres levar, tu tens trabalho teu pronto, que tu queiras expor lá no espaço? Que é um espaço, que é uma casa antiga, não sei o que, eu disse, ah, vamos lá, continua...

vamos ver, né? E aí, foi justamente que foi

quando, esse meu retorno, que eu não tive assim, não achei um trabalho dentro de um jornal aqui, porque eu sempre saí daqui

URSULA BAHIA

trabalhando como fotojornalista, fiquei trabalhando como fotojornalista lá em São Paulo, né? E fazia freela. Nos últimos meses, eu estava como freela fixo lá da Folha, né? Antes, eu tinha passado pelo Estadão e pela Veja São Paulo, né? E aí, quando eu retornei para cá, eu achava que ia ter a possibilidade de trabalhar nos jornais daqui, mas não tive, né? E aí, eu tive que me reinventar, né? E foi justamente com o projeto que aí eu pensei nessa história, porque eu já tinha falado pra mamãe que eu queria ter um espaço pra mim, pra ter uma galeria onde eu pudesse expor os meus trabalhos. E que eu pudesse ter um espaço pra que eu pudesse morar e ter um estúdio de fotografia que era as 3 coisas que eu queria ter, né? A galeria, o estúdio e onde eu pudesse ta morando. E aí com o circular, eu falei, cara, agora que eu vou procurar um casarão que seja em algum dos três bairros, porque quero participar desse projeto.

Bora dar uma cortada.

URSULA BAHIA

Então, aí, como eu estava te dizendo Descobriu o Circula pelas meninas, lá do Sinhá Pureza e aí foi que eu comecei a ter interesse de procurar uma casa que pudesse comportar tudo o que eu estava querendo até que, em 2018, eu consegui aquela casa lá da Gurupá e eu, hoje em dia, eu vejo muito isso eu me coloco muito como uma incentivadora desses artistas que acho que também viram o nosso papel

URSULA BAHIA

não sei se tu sentiste bastante isso, mas eu senti muito isso Porque como o meu objetivo inicial era
continua...

ser somente também de fotografia 100% fotografia que era para mostrar o meu trabalho e dos meus colegas com o Circular, os outros artistas vieram a mim e aí, vendo o espaço da casa aí, como é que eu faço para apresentar o meu trabalho dentro do teu espaço, não sei o quê aí eu me sinto muito coração frouxo aí eu digo, mano, tá, vamos, vai, vem e aí eu fui trazendo, né? Fui agregando esse povo E aí, por isso que também até mudou o nome do ateliê. Porque antigamente era só ateliê Jupati Galeria de Arte, aí já virou multicultural justamente por abraçar todo mundo, né? Que aí também já tive escultura, já tive performance e outras coisas mais sem ser a fotografia dentro, pura, né? E eu hoje em dia, além de, vamos dizer assim... abraçar esses novos artistas, eu incentivo eles, até artistas que a gente sabe que produzem, mas ainda não fizeram uma exposição, aí eu incentivo esses também, e eu já tive várias pessoas assim dentro do Ateliê Jupati, que nunca tiveram feito nada na vida e fizeram pela primeira vez dentro do ateliê, e principalmente incentivar esses artistas a talvez participarem do projeto, tendo seus espaços. Um exemplo foi agora, no domingo, que teve os artesãos que estavam lá fazendo a exposição de marchetaria, a gente teve um bate-papo e eles perguntaram para mim como é que eu fazia tudo aquilo, como é que eles poderiam participar dentro do projeto, e eu falei para eles, gente, é vocês terem um espaço, e eles, ah, porque a gente está pensando em abrir uma cooperativa, eu digo, então abra essa cooperativa dentro de um dos três bairros, porque necessariamente para vocês

URSULA BAHIA

participarem do projeto circular, vocês têm que estar inserido ou na Campina, ou na Cidade Velha, ou no Reduto, é nesses três que vocês têm que estar, para ter o espaço, então vocês teriam que alocar uma casa, um local que... desse para vocês fazerem lá o ateliê de vocês,

onde vocês
continua...

produziriam, vão produzir os trabalhos de vocês e que, de repente, tivesse uma sala que também vocês pudessem expor o trabalho de vocês.

MAKIKO AKAO

Porque, na realidade, para criar a cooperativa, independe do espaço. Agora, para expor, seria a coisa, né? Eu acho interessante. De manhã, estava vendo, enquanto estava tomando café e tal, vai ter uma curadoria, vai ter uma feira de criativos de bairro, de favela. É um projeto grande, que eu acho que é do Sul. Aliás, tem muitos projetos grandes do centro-sul, que estão vindo para cá e pegando...

Acho que é interessante, na realidade, desse perfil também. O que a gente não tem é, talvez, coragem ou pique de levantar uma bandeira daqui local. Assim como digo, eu fico pensando, eu vou voltar à questão do colecionismo. Desde que adentrou para a conversa do Circular e acabou indo. Mas eu acho que é necessária uma forma de como incrementar novos colecionismos. Porque tem vários editais que estão saindo para criação. Os meninos estão se formando todo ano. E para onde é que vai essas obras tal?

Eu sei que é um processo difícil, mas eu acho que deveria pensar um pouco de ter alguma política pública no sentido de como incentivar isso, sabe?

URSULA BAHIA

Aí é uma questão da gente sentar...

MAKIKO AKAO

Não, isso eu penso há muito tempo.

URSULA BAHIA

E conversar.

MAKIKO AKAO

Não, isso eu penso há muito tempo, eu penso nisso há muito tempo, a questão que eu estou te falando, que é a questão do gourmet cultural, foi uma delas do início, que acabou que eu criei o continua...

Circular e toda a minha energia foi para lá. Foi demandado, é assim, né?

Elaborei o projeto do circular para que eu ficasse na gestão por três anos. Eu fiz um plano de gestão do projeto. Sabe? Porque o circular não tinha o perfil meu, assim, no meu que eu digo da Kamara Kó. A Kamara Kó é uma limitada. E pra criar... Um projeto, no sentido de uma sociedade civil, tinha que ser uma organização civil. Então, acabou que ficou, acho, quatro anos na minha mão, na realidade, a coisa. Mas isso demandou, assim, quatro anos e foi um desfalque aqui, na galeria de quatro anos, da minha energia, de certa forma. Eu sinto isso, eu sei que foi, sabe, que isso também pesou, pesou para a galeria. Eu poderia ter batalhado para continuar ainda no SP Art, etc. e tal, sabe, que era uma coisa que tinha aberto uma porta. Então, eu poderia ter continuado tudo isso aí e me organizado melhor. Até para, aí, quando tu vai a primeira vez, você acaba aprendendo. Ah, eu tenho que fazer isso, isso, antes de levar os produtos. Sabe como é? Pra você se preparar. E tem a questão da pós-venda também, né?

Que a feira é uma vitrine Que a feira é uma vitrine, a feira é apenas uma vitrine. Se você faz bons contatos, tá? E tá preparado. Então, na realidade, foi um grande aprendizado, tudo está sendo aprendizado, no sentido de saber como isso funciona. Obrigada.

Então, eu acho que, sei lá, eu fico pensando que poderia, por exemplo, eu sei que lá no Sul tem a questão de visita guiada com os colecionadores para os espaços, de galerias, etc., etc. e tal. Tem várias coisas que eles fazem.

Agora, eu realmente sei que tem, mas eu tomar a frente para fazer isso, eu não tenho.

URSULA BAHIA

Embora se unir...

MAKIKO AKAO

Não, não quero mais. Vocês que são novos, tem cabeça, bota a cabeça pra funcionar, como é que continua...

vai? Eu tenho muita coisa ainda minha que eu não fiz e que estão aí esperando.

URSULA BAHIA

Então, essa é a última pergunta. O que que tu queres pra ti, pro futuro?

MAKIKO AKAO

Não, eu quero, na verdade, arrumar as coisas que eu já bagunceei tanto. Eu quero me ajudar já. Exatamente, eu tô assim no processo que eu preciso arrumar essa bagunça toda, organizar minimamente as coisas e ter um tempo para mim, como pessoa, de fazer as coisas não assim de trabalho, de projeto, não, para mim mesmo.

URSULA BAHIA

Viajar.

MAKIKO AKAO

É, viajar também, eu gosto mesmo, eu posso ficar, é, isso, tranquilamente. É, viajar também, eu gosto mesmo, eu posso ficar. Mas também, assim, de ficar em casa comigo mesmo, sabe? Tem muita coisa pra fazer. Então, se eu não fizer isso agora e tentar começar a arrumar as coisas, eu nunca vou ter tempo.

URSULA BAHIA

botar um freio um pouquinho.

MAKIKO
AKAO

É, botar um freio um pouquinho aqui, sabe?]

URSULA BAHIA

Mas não é duas pessoas que tem dentro aí, a criadora e aquela que quer descansar, que fica se conflitando?

MAKIKO AKAO

Nossa, eu sou assim, é incrível, eu me lembro, quando eu abri o 3x4 eu estava com filhos de menos de um ano, ainda trabalhando, oito horas por dia. Depois de fechar, ia lá pro 3x4 continua...

URSULA BAHIA

Porque tu tinha o ateliê de costura, não é isso?

MAKIKO AKAO

Não, nessa época não, já não tinha, não era. Foi antes do 3 por 4 eu tinha o ateliê de costura. Então, sempre tive duas, três atividades, me dividindo em mil. Por isso que hoje eu não consigo dormir, porque eu sempre tive pouco sono. Pouco tempo de sono.

URSULA BAHIA

conseguia ser mãe, mulher e tudo mais.

MAKIKO AKAO

Ainda com o emprego e tudo Mas assim, né? É uma questão, realmente, assim, de desafio, né, desafio, né, e que nunca me pesou isso, sabe, nunca me pesou, assim, de que, ah, agora, ultimamente, eu tô te dizendo, que pesa ultimamente, porque eu tenho coisas ainda pra pensar, e fisicamente, o meu pique, a minha cabeça, sabe, o meu físico não acompanha. Sabe? O meu pensamento. Isso me agonia. Mas eu tenho que me respeitar também. Né?

URSULA BAHIA

Eu vejo algo muito pontual para nós, que é isso, de mim, seu, da Helde, da Valda, da Joyce, que são mulheres muito proativas em tudo que se

metem. Querem descansar, mas não conseguem. Sempre tem um estalo que aí tem uma nova ideia, aí surge, aí chama o outro, aí o outro vem e abraça. A mente nunca para.

MAKIKO AKAO

É, e nem vai parar, né, na realidade, nem vai parar, né, eu fico pensando assim, ah, essas ideias, né, eu, de certa forma, sempre dividi minhas ideias com todo mundo, sabe, isso é uma coisa, assim, que talvez a gente tenha um pouco da questão de oriental, de coletiva, de certo e tal, né, ou mesmo pela sua convivência lá com a FotoAtiva muito próxima, que ele sempre foi coletivo. Então, as ideias sempre foram divididas. Agora, eu preciso ver as continua...

ideias, se é viável ou não. Eu tenho uns amigos que são praticamente assim, meu consultor. Aí dizem, ah, Maki, esquece que isso aí não vai dar certo.

URSULA BAHIA

Tem que ter a galera que bota freio na gente.

MAKIKO AKAO

Eu me acordo de manhã com uma ideia eu tenho uma ideia quero conversar contigo aí eu falo assim legal, mas olha, esquece.

URSULA BAHIA

É, a gente precisa dos freios.

MAKIKO AKAO

A gente pode pensar de como viabilizar eu acho que agora é tentar assim no sentido não talvez eu de executar, sabe? Porque produção demanda um pique muito grande, mas assim, no sentido de como viabilizar as coisas, de que forma a gente pode. É assim, tentar pensar também, junto, de como viabilizar isso. E não ficar na frente como a execução.

URSULA BAHIA

Isso eu faço muito para os que me cercam, eu vejo muito isso também, dos artistas serem somente artistas e eles não querem assumir a responsabilidade pelas próprias carreiras, eles querem que outras pessoas façam. Mas para isso existe, para que haja essa situação, a pessoa que vai trabalhar em função deles tem que ser paga e como a maioria deles não tem, então o que eu incentivo muito mais é eles aprenderem a se autopromover, seja numa cooperativa, seja num... Eu me proponho muito de estar conversando e... E pela minha trajetória, indicar o que mais ou menos eu fui, pelo caminho que eu fui, e a gente pensar junto. No domingo foi muito isso, a gente estava naquele bate-papo e várias ideias foram surgindo e eu, com a minha experiência, que por incrível que pareça, agora em janeiro eu já vou fazer

continua...

seis anos. Seis anos de ateliê. Já não estou mais criancinha. Então, eu acho que essa caminhada é que a gente precisa desenvolver cada vez mais dentro do meio artístico, né? Eu acho que essa caminhada é que a gente precisa desenvolver cada vez mais dentro do meio artístico. E eu acho que você foi um exemplo disso, mas está sendo cada vez mais. Outras pessoas surgindo, como a Joyce e eu, pelo... somos frutos seu e de outras pessoas que já estiveram pelo meio artístico. E que, principalmente eu, você sempre foi meu espelho nisso. E quando...

MAKIKO AKAO

Sou louca.

URSULA BAHIA

Mas aí, mano, a loucura passou para os outros.

Mesmo, é isso aí. A sua loucura passou para mim, porque eu me vejo muito nisso. Quando eu coloquei esse plano de participar do projeto circular, foi justamente por causa disso. Cara, eu quero pelo menos chegar num pezinho do que é a Kamara Kó, de ter esse reconhecimento, de ter essa qualidade de trabalhos, de pessoas, de movimentar esse circuito de arte. E o amor que você tem pelo patrimônio histórico também é outra coisa que eu sempre tive, porque eu convivi a minha infância inteira na Cidade Velha, porque eu estudei a minha infância inteira dentro do Carmo, e o escritório do meu pai era lá na Praça do Carmo, e o salão da minha mãe era na Praça Amazonas, tudo Cidade Velha. Então, a minha vida inteira, dos seis anos até os 18, foi na Cidade Velha. Eu só ia para Val-de-Cães para dormir e passar o final de semana, porque o resto do dia era lá. Então, esse convívio ali, meus padrões, meus padrinhos também moravam lá, então, também tinha essa questão de estar circulando por ali. Os meus amigos de infância do colégio, todos moravam ali no bairro. Então, os aniversários, as festinhas, vamos dormir na casa
continua...

do coleguinha, então, vai, eu vou passar uma tarde na casa do coleguinha, o final de semana na casa do coleguinha. Era tudo ali, a brincadeira era ali.

Então, esse convívio nesse patrimônio, nesse... E por conta também deles me alimentarem de cultura, eu sempre respirei muito esses bairros, né? E eu sempre gostava, eu sempre amei. A minha madrinha morava também no casarão antigo que tinha ali na Dr. Malcher. E eu ficava assim, cara, uma casa dessa maravilhosa, o meu sonho é morar numa casa dessa. E aí, eu tive a oportunidade. De três anos, mais tive. E tá sendo isso.

Bom, Maki, é isso... te agradeço mais uma vez por essa entrevista aqui, janeiro é a minha qualificação e lá para agosto deve ser a defesa e aí eu te aviso para assistir esse documentário lá na defesa. Obrigada, mais uma vez.

MAKIKO AKAO

Sim, sim.

URSULA BAHIA

Vai servir com certeza.

MAKIKO AKAO

Eu que agradeço a oportunidade. Te pressionei por causa do tempo, né? Nossa! Mas enfim O tempo da gente já corre e corre. É verdade Mas foi até bom porque olha aí Está montada a exposição.

FIM

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM JOYCE CURSINO PARA O DOCUMENTÁRIO

**“MULHERES ATIVADORAS - E OS PROCESSOS DE ATUAÇÃO FEMININA NA
CENA CULTURAL DE BELÉM”**

Por
Ursula Celeste Tavares Bahia De Jesus

Transcrição
Victor Luís Mercês Oliveira

Direitos Autorais de Ursula Celeste Tavares Bahia De Jesus, 2024 Todos os direitos reservados	Ursula Celeste Tavares Bahia De Jesus photoub@gmail.com +55 91 98916-0763
--	--

URSULA BAHIA

Bom dia, senhorita!

URSULA e JOYCE riem.

URSULA BAHIA

Estamos aqui hoje com Joyce Cursino no nosso Ateliê Jupati.

URSULA e JOYCE riem.

URSULA BAHIA

Pra quebrar o gelo, né? Mana,

obrigada por tá aqui, né?

Por abraçar esse projeto, essa minha doidice!

URSULA BAHIA

Bom, novamente, muito obrigado por abraçar meu projeto de dissertação nesse mestrado aí de arte... E aí,

Joyce ri.

URSULA BAHIA

Nome Completo, CPF, a conta?

JOYCE CURSINO É CPF?

URSULA BAHIA

O RG, a senha do banco...

JOYCE CURSINO

Ah, bom... Eu sou Joyce Cursino, eu sou nascida e criada aqui no Jurunas, né? E também minha família é do interior de Bujaru e outra parte da Ilha do Maracujá. Então eu tenho essa vivência muito periférica urbana, mas também interior, né? E... acabo refletindo isso tudo na minha vida pessoal, na minha vida profissional, né? Estou à frente da produtora Negritar - Filmes e Produções, né? Que tem um braço social muito importante, onde nós fazemos, é... a democratização do acesso ao cinema nas comunidades periféricas e tradicionais e

também produções autorais, né? Com o foco nos direitos humanos, nas questões raciais e ambientais. Então esse é mais ou menos continua...

o resumo ai. Sou atriz também, né? Iniciei minha jornada no cinema como atriz e depois de um tempo ficou aquilo, né? Aquela vontade de ir pra trás das câmeras, né? Nesse universo mais da escrita, da direção. E hoje a gente tá ai caminhando pra uma produção que é uma série de TV que fala sobre o saber matriarcal, essa relação de mulheres entre si se fortalecendo por uma luta pela comunidade. Então é mais ou menos isso.

URSULA BAHIA

Ai... Vamos pegar desse teu início, né?

JOYCE CURSINO

Sim.

URSULA BAHIA

Como foi essa tua aproximação dentro da arte e da cultura? Como se iniciou tudo isso na tua vida?

JOYCE CURSINO

É... Logo que eu entrei na universidade eu já fui estagiar na TV Cultura, né? Então tem essa questão do jornalismo. Ai já fui pra um lugar onde me proporcionou... é... produzir. Fui como produtora, estagiária, entender esse universo da cultura através das câmeras, né? Na TV Cultura. Então desde ali eu comecei a ir mais pro jornalismo cultural porque eu sou formada em jornalismo, né? Comecei com quinze anos como repórter mirim no SBT —

URSULA BAHIA

Ah, que legal!! Teremos arquivos, fotografias disso?

JOYCE CURSINO

Então, é... Eu tinha quinze anos, sempre estudei

em escola pública, né? Eu estudava no Camilo Salgado no Jurunas também. E aí a gente tava vivendo a Eco Rio +20, que é essa conferência pós-Eco 92 que teve no Brasil, e aí esse programa Ideias Transformam é um grupo de adolescente continua...

repórteres mirins que iam fazer questões sociais, comunitárias, ambientais; Pegavam um microfone e saia —

URSULA BAHIA

Perguntando?

JOYCE CURSINO

Perguntando, né? Aí eu peguei esse microfone da SBT e não larguei mais! Amei! Fiz uma jornada de dez anos no SBT, né? Comecei com quinze, e —

URSULA BAHIA

Direto, direto?!

JOYCE CURSINO

Não direto. Fiquei lá dois anos como voluntária, depois mais um tempo como estagiária e depois fui contratada, né? Então é nesse intervalo aí. E aí chegou um momento assim que as coisas da produtora estavam acontecendo paralelamente e eu tive que optar, né? E aí — mas eu saí com as portas abertas, são pessoas que eu gosto muito, me deram muita oportunidade lá.

URSULA BAHIA

Que bom!

JOYCE CURSINO

Foi uma jornada boa. E até lá também eu já ia mais pra esse lado cultural. Sempre me destacava mais no jornalismo cultural, né? Tanto na TV Cultura, quanto no SBT. Fazia tudo; cobri uma pandemia, mas tinha essa questão quando era cultura, parecia que eu tava em

casa.

URSULA BAHIA

Entendi. E aí como é que surgiu esses teus espaços? Porque eu te conheci com o Negritar e aí veio a Samaúma e agora tem aqui o EcoAmazoniaS. Como é que surgiu esses espaços? Esses projetos todos.

JOYCE CURSINO

Sim.
continua...

URSULA BAHIA

Quem nasceu primeiro?

JOYCE CURSINO

O ovo ou a galinha?

URSULA BAHIA

É! O ovo ou a galinha? Como é que se deu tudo isso aí?

JOYCE CURSINO

Olha, eu também tenho — Acredito que muita coisa já tá escrito, né? A gente vai se movimentando e caminhando nesses trilhos, nesses caminhos. Mas a Negritar nasceu num quartinho que tinha lá em casa, né? E... comigo. Ai eu passei num edital chamado empreendedoras periféricas, que eram nove mil reais na época, pra gerenciar durante um ano.

JOYCE e URSULA riem.

URSULA BAHIA

Ai, é um milagre!

JOYCE CURSINO

É um milagre!

URSULA BAHIA

Da multiplicação!

JOYCE CURSINO

Ai eu, porra, tipo, tô querendo sair daqui de casa, sabe? Expandir a Negritar, movimentar. Seria legal ter um espaço e tudo. Fui, me apaixonei por aquele primeiro espaço nosso a Casa Samaúma que tinha lá na Frutuoso Guimarães e aí conversando com o Tiago, que era da Melé Produções, né? Falou “Amiga, por que você não chama várias pessoas e aí faz uma casa coletiva e tudo”. E eu falei “Então bora!”. Então bora. E aí o Melé já entrou nessa, depois outras

continua...

organizações na Casa Samaúma, né? Que depois de lá da Frutuoso a gente foi lá pra Riachuelo, onde a gente ficou mais ou menos ali um ano e pouco também. Então, é... Vem dessa movimentação mesmo de tá em rede, tá em coletivo, né? Principalmente organizações que não tem muita estrutura, quando a gente se junta a gente vai dando, a gente se junta a gente vai dando, assim, as mãos umas pras outras e vai encaixando, se complementando pra poder acessar outros espaços, né? E a Casa Samaúma foi muito isso, assim também, é... Da gente ir agregando—

URSULA BAHIA

Era uma espaço colaborativo

JOYCE CURSINO

Um espaço colaborativo, né?

URSULA BAHIA

E aí--

JOYCE
CURSINO

Então a gente dividia os custos, os aluguéis, mas também a gente criava coisas juntos, né? Atividades, pensava coisas sempre de uma forma da gente tá junto nesse processo de manter o espaço, de conviver ali.

URSULA BAHIA

Que que tinha dentro do-- Quem era essas pessoas que tinham dentro da Samaúma?

JOYCE CURSINO

Olha, a primeira formatação da Casa Samaúma foi Negritar, Melé Produções, depois entrou Na Cuia, depois passaram Brechó Revoluta, depois entrou Black Studio com tatuagem, depois entrou Beleza Negra que é da Joice Tranças, é... também tinha o estúdio do Moraes [inaudível], é... Maré Cheia. Entraram mais organizações e também foram saindo, a medida que iam conseguindo estrutura. "Olha, consigo ficar", "não consigo mais esse mês", né? E aí chegou um momento que a gente falou "olha, agora tá na hora da gente continua...

cada um ir pro seu...", né? "lado." Até porque tinha essa questão cultural mas também tinham as pessoas que tavam, é... funcionando numa lógica mais de, é... por exemplo, estúdio de tatuagem, que precisava ficar aberto ali o tempo todo, né? Aí também tinha a agencia de comunicação, que já eram outras demandas. Então a gente decidiu encerrar e aí nesse processo eu fiquei muito triste—

JOYCE ri.

URSULA

BAHIA

A gente fica.

JOYCE CURSINO

Que é um sonho, né? Mas eu entendi que um novo ciclo ia se abrir.

URSULA BAHIA

É.

JOYCE CURSINO

Né? E eu entendi que esse ciclo era esse legado na minha própria comunidade, né? Aqui no bairro do Jurunas. E daí veio o espaço EcoAmazoniaS, né? Que nasce nesse, é... nesse âmbito e nesse contexto da chegada da COP aqui, né? Como um espaço de educação, cultura, meio ambiente e resistência. Porque a gente sabe quando esses grandes eventos vem pra cá, muita coisa se concentra no Centro, né? A economia gira no Centro. Tudo vai pra locais que já tem uma estrutura, uma base; Esse locais vão melhorando e a periferia continua à margem desse processo.

URSULA BAHIA

É.

JOYCE CURSINO

Então o espaço EcoAmazoniaS nasce desse objetivo de também engajar a comunidade continua...

nessas pautas pra que ela entenda, né? O seu papel e a gente consiga aí depois com tudo isso passar, né? Continuar plantando o nosso bem viver, né?

URSULA BAHIA

Uhum. É. E nessa tua contribuição, né? É, de espaço. O que é que tu achas que—Como—Gerido por uma mulher, qual é essa contribuição que se tem, ou se não tem, né? É... Se existe—Se tu sentisse esse diferencial. O ter—tá gerindo tudo isso, né? Se fosse um homem, faria de frente? Ou se não, seria igual? Ou tu achas “Não, como mulher eu tenho outra visão”, né? É... Não só como produtora, mas também na questão da tua comunidade, se existe esse diferencial, se tu notastes isso?

JOYCE CURSINO

Com certeza. Primeiro que já é um desafio você praticamente morar com várias outras pessoas que são representantes de organizações, né? Então a gente acaba criando uma rotina, um processo. É... Na Casa Samaúma eu estive a frente nos dois primeiros anos e depois já foi uma outra gestão. Então acho que isso também é bom, né? Por mais que a gente impulse tudo, todo mundo—

URSULA BAHIA

Começa a dar função...

JOYCE CURSINO

--vem colaborar pra isso---

URSULA BAHIA

Dar responsabilidade pra galera.

JOYCE
CURSINO

Fazer uma rotatividade também, né? Tem uma vez, uma amiga me falou, me contou a história das andorinhas, né? Que sempre vai um pássaro assim na frente, né? Vem os outros atrás e esse pássaro é o que sente o maior impacto, que ele tá indo na frente, então ele pega o vento, ele tem que saber a direção por onde ir, então em certo continua...

momento esse passarinho vai lá pra trás e os que tão na frente assumem, né? Então acho que dentro desses espaços assim sempre rolou isso também, sabe? Essa rotatividade de pessoas assumindo, né? É, por mais que tenha impulsionado ali alguma coisa mas sempre foi uma coisa muito rotativa, muito colaborativa mesmo nesse sentido do gerenciamento. É claro que como mulher numa posição de liderança eu sempre fui questionada, é... Sempre, é- - Às vezes, invalidada nas nossas colocações, é... e - - Mas eu acredito que pra tudo que a gente plantou e que a gente construiu durante esses anos, né? E que ainda vai acontecer também

aqui nesse novo espaço, pra mim só ficam os frutos disso tudo, sabe? Coisas boas, aprendizados, redes, coisas que a gente construiu; Que já tá na história, né? Gente, a gente já fez história. Já. Não tem como apagar!

JOYCE ri.

JOYCE CURSINO
Né!?

URSULA BAHIA

É isso, né?

JOYCE CURSINO

E é isso.

URSULA BAHIA

Pro bem ou pro mal, né? Pro bem e pro mal, né? Que eu vejo assim que também, é... Vendo no meu papel, também, é... A gente sempre sofre esse desafio, né? Das pessoas ver que a gente tá fazendo as coisas, muitas das vezes fazendo milagre, literalmente; Eu tiro por mim porquê eu faço muita coisa que o pessoal acha, assim que eu tenho o dinheiro pra fazer tudo isso mas não sabe que tudo o que eu faço é gratuito, né? É aquela situação de você correr atrás das coisas e do mesmo jeito, você tá mostrando que você é capaz, tem gente que ainda vem te menosprezar, né?
continua...

JOYCE CURSINO

Propositalmente, as vezes, também, né? Principalmente quando a gente levando as pautas tão importantes como essas, né? A gente já...

JOYCE ri.

JOYCE CURSINO

Declare-se uma guerra e realmente, assim, é... Muitas pessoas não querem ver esses espaços ocupados, né? Seja pelo povo preto, pelo povo

indígena, principalmente. Seja no centro ou na periferia, as pessoas, né? Elas estão acostumadas historicamente a nós ver em cubículos, na margem, na escassez, né? Então quando elas percebem que tem alguém se destacando a gente acaba se tornando um alvo mesmo disso, né? E essa rede, essa comunidade nada mais é também, de que uma forma da gente ter nossa proteção, nosso apoio, né?

U

URSULA BAHIA
É.

JOYCE CURSINO
É, de alguma forma a gente tá no nosso

setor. JOYCE ri.

JOYCE CURSINO

Né? É também estar protegido, né? Por essa base, assim. E aí nesse sentido eu acho que é tudo aprendizado, sabe?

URSULA BAHIA

Isso. E como é que tu- -

URSULA BAHIA

Tá. Então como é que você vê o papel da mulher atualmente dentro desses espaços, né? Dentro do mercado, da arte, da cultura.

JOYCE CURSINO

Sim. Eu vejo que a gente tá dando continuidade à uma luta de muito tempo, né? Nós fomos continua...

literalmente queimadas na fogueira, sim, por qualquer tipo de expressão artística, sensorial ou qualquer coisa a gente tá lutando pelas nossas próprias vidas, né? E apenas existindo, né? E que já foi um direito nosso que foi tirado muitas vezes.

E aí nas comunidades negras

nós

tivemos direito a estudar, né? Enquanto as mulheres brancas já estavam estudando a gente tava lá, carregando a sombrinha. E ter consciência dessa história, eu acho que é importante pra que a gente não desista, porque os desafios são muitos ainda. Eles estão selados, eles estão mascarados, as violências vêm de outras formas, né? É... "Não toco fogo em você, mas me aproprio daquilo que você faz", é... ou querem queimar sua reputação, porque sua imagem é perigosa pro sistema. Então, é- -

URSULA BAHIA

Tua fala, teu- - Tudo, né?

JOYCE CURSINO

A presença!

URSULA BAHIA

A presença...

JOYCE CURSINO

Então...

URSULA BAHIA

Eu senti isso nesses últimos anos, assim. Na verdade, infelizmente, uma pessoa específica. Eu vi que ela se incomodou muito, né? Porque, é... É aquela situação: a gente, muita das vezes, as pessoas, elas estão acomodadas com aquele mesmo fluxo que ela vive. Aí vem outra pessoa que vira no 360 tudo, né? E percebe que ela não fez, né? Aí ela começa a querer te sabotar, né? Achando que você tá querendo aparecer mais que todo mundo; e não é que a gente queira aparecer. A gente quer? A gente quer, né? Mas o que a gente quer é que todo mundo- - é o que eu vejo- - me identifico muito contigo, né? É... A continua...

gente tem um certo destaque porquê a gente acaba tando na frente. Mas, é... Eu sempre tive isso desde criança, de tá- - Acho também por eu ser canceriana, eu sou muito... Mãe!

JOYCE ri.

JOYCE CURSINO

Tem uma vez, uma amiga me falou, me contou a história das andorinhas, né? Que sempre vai um pássaro assim na frente, né? Vem os outros atrás e esse pássaro é o que sente o maior impacto, que ele tá indo na frente, então ele pega o vento, ele tem que saber a direção por onde ir, então ele cansa também. Então em certo momento esse passarinho vai lá pra trás e os que tão na frente assumem, né? Então acho que

Joyce ri.

JOYCE CURSINO (...cont.)

Mas eu acredito que pra tudo que a gente plantou e que a gente construiu durante esses anos, né? E que ainda vai acontecer também aqui nesse novo espaço, pra mim só ficam os frutos disso tudo, sabe? Coisas boas, aprendizados, redes, coisas que a gente construiu; Que já tá na história, né? Gente, a gente já fez história, já. Não tem como apagar!

JOYCE CURSINO

Né?

URSULA BAHIA

E é isso.

JOYCE CURSINO

URSULA BAHIA

Que eu vejo assim que também, é... Vendo no meu papel, também, é... A gente sempre sofre esse desafio, né? Das pessoas ver que a gente tá fazendo as coisas, muitas das vezes fazendo milagre, literalmente; Eu tiro por mim porquê eu

faço muita coisa que o pessoal acha, assim, que eu tenho o dinheiro pra fazer tudo isso mas não sabe que tudo o que eu faço é gratuito, né? É continua...

aquela situação de você correr atrás das coisas e, mesmo jeito, você tá mostrando que você é capaz, tem gente que ainda vem te menosprezar, né?

JOYCE CURSINO

Joyce ri.

JOYCE CURSINO

Declara-se uma guerra e realmente, assim, é... Muitas pessoas não querem ver esses espaços ocupados, né? Seja pelo povo preto, pelo povo indígena, principalmente. Seja no centro ou na periferia, as pessoas, né? Elas estão acostumadas historicamente a nos ver em cubículos, na margem, na escassez, né? Então quando elas percebem que tem alguém se destacando a gente acaba se tornando um alvo mesmo disso, né? E essa rede, essa comunidade nada mais é também, de que uma forma da gente ter nossa proteção, nosso apoio, né?

U

URSULA BAHIA

É.

JOYCE CURSINO

ri.

URSULA BAHIA

dá uma risadinha.

URSULA BAHIA

desses espaços, né? Dentro do mercado, da arte, da cultura.

JOYCE CURSINO

Sim. Eu vejo que a gente tá dando continuidade

à uma luta de muito tempo, né? Nós fomos literalmente queimadas na fogueira, sim, por qualquer tipo de expressão artística, sensorial ou qualquer coisa. Então quando a gente tá se continua...

movimentando pra fazer qualquer coisa a gente tá lutando pelas nossas próprias vidas, né? E apenas existindo, né? E que já foi um direito nosso que foi tirado muitas vezes. E aí nas comunidades negras nós tivemos direito a estudar, né? Enquanto as mulheres brancas já estavam estudando a gente tava lá, carregando a sombrinha. E ter consciência dessa história, eu acho que é importante pra que a gente não desista, porque os desafios são muitos ainda. Eles estão velados, eles estão mascarados, as violências vem de outras formas, né? É... "Não tacho fogo em você, mas me aproprio daquilo que você faz", é... ou querem queimar sua reputação, porque sua imagem é perigosa pro sistema. Então, é—

URSULA BAHIA

Tua fala, teu-- Tudo, né?

JOYCE CURSINO

A presença!

URSULA BAHIA

A presença...

JOYCE CURSINO

Então...

URSULA BAHIA

Eu senti isso nesses últimos anos, assim. Na verdade, infelizmente, uma pessoa específica. Eu vi que ela se incomodou muito, né? Porque, é... É aquela situação: a gente, muita das vezes, as pessoas, elas estão acomodadas com aquele mesmo ambiente, com aquele mesmo fluxo que ela vive. Aí vem outra pessoa que vira no 360

tudo, né? E percebe que ela não fez, né? Aí ela começa a querer te sabotar, né? Achando que você tá querendo aparecer mais que todo mundo; e não é que a gente queira aparecer. A gente quer? A gente quer, né? Mas o que a gente quer é que todo mundo-- É o que eu vejo-- me identifico muito contigo, né? É... A gente tem um certo destaque porquê a gente acaba tando na frente. Mas, é... Eu continua...

sempre tive isso desde criança, de tá-- Acho também por eu ser canceriana, eu sou muito... Mãe!

Joyce ri.

URSULA BAHIA

Eu quero carregar todo mundo comigo, né? Então eu sou muito afável, eu sou muito amável com todos. Então eu me emociono fácil, então é assim. Eu não penso em mim, eu penso no geral, né? Se eu tô dentro de uma equipe, eu penso no conforto de todo mundo, né? Eu penso não só em mim, não só na pessoa que eu tô entrevistando, mas de todo mundo que tá comigo, eu fico pensando. E aí muitas das

URSULA BAHIA

vezes tem pessoas que não param pra pensar nisso. E quando a gente começa a abraçar todo mundo e todo mundo começa a te dar carinho e aquela pessoa não deu carinho pras outras pessoas aí ela acha que a gente tá querendo aparecer mais do que ela, né? E aí é chato mas também é revelador, né? Você acabou de falar da questão da gente ser queimada na fogueira antigamente. Hoje em dia é a tal da anulação, né? De falar mal das pessoas pelas redes sociais, né? Dá o cancelamento, né? Essa que é a palavra. E aí a gente vê que muitas das vezes a pessoa tenta, tenta, tenta fazer isso, mas ela não consegue. Eu sofri isso bem de perto recentemente, né? E pra mim isso só fez me fortalecer. Teve uma hora que eu quis desistir.

Ursula se emociona.

URSULA BAHIA

Desculpa. Eu achava que...

Obrigada. Eu achava que eu tava sendo demais, né? Mas depois eu vi que não. Que eu fui conversar com outras pessoas pra ver qual era meu erro.

JOYCE CURSUNO

Uhum.
continua...

URSULA BAHIA

Porque muitas das vezes você tá fazendo as coisas e você não se percebe. Eu sei que tem horas que eu sou muito dura, né? Minha mãe fala isso direto pra mim.

URSULA BAHIA

[...] No ponto! Então tem certas horas assim que ela fala assim “não, mas você tem que ser um pouco mais suave no modo de falar”, né? Mas não é que eu esteja sendo agressiva. Mas aí é essa situação (Mas...)

URSULA BAHIA

da gente querer fazer as coisas muitas vezes por tantos e tem uma que não percebe isso e ela não consegue o holofote, né? E aí ela acha que você tá querendo o holofote total pra você, mas não é, cara. A gente quer o holofote pra todo mundo. Pro faxineiro, pro lixeiro, pro tiozinho da garagem, entendeu? É botar a fala pra todos. Não é só pra mim, né? E aí vê isso, que quando a gente tem essa proatividade, essa nossa proatividade ela não é bem aceita.

JOYCE CURSINO

Sim

URSULA BAHIA

ri. URSULA

BAHIA

E aí agora é, né? Nessa última situação que eu

passei assim eu fiquei meio abalada, né? Porque eu escutei da pessoa ela querendo me sabotar, entendeu? Foi por um acaso, mas... Aí depois eu parei pra refletir. Eu falei "Cara, será que eu realmente estou fazendo isso?". Aí fui perguntar pra outras pessoas, perguntar pra pessoa que tava escutando dela, né? Se eu era aquilo mesmo. Qual era o meu erro? Se eu tava errando, que ela, por favor me falasse, né? Pra eu poder consertar, né? Então... E aí a própria pessoa disse que "Não", que era coisa da outra pessoal
continua...

JOYCE CURSINO

Pessoal.

URSULA BAHIA

Pessoal, né? Então eu falei "Então tá, mana". Mas do mesmo jeito ainda fiquei nessa reflexão e eu fui buscar outras pessoas pra tentar aparar minhas arestas, né?

URSULA BAHIA

Porque de qualquer maneira, será que-- Porque eu nunca tinha sofrido isso, Joyce, para te dizer a verdade. Um ataque tão profundo da pessoa dizer assim: "Não, ela tem que sair do espaço porque ela tá tomando conta do espaço. Tem que tirar ela daí porque ela tá querendo aparecer mais do que todo mundo." e não é cara. É porque eu tô fazendo as coisas.

JOYCE CURSINO

Sim.

URSULA BAHIA

E a pessoa ela não podia tá lá então ela achava que eu queria tomar conta.

JOYCE CURSINO

Sim.

URSULA BAHIA

Ela falou assim: "Tu toma cuidado porque senão

tu vais- - tu vai- - ela vai te tirar da tua casa”. Falou assim mesmo. Eu digo “Como é que eu vou tirar a mulher, dona da casa, mano”? É dela a casa. É dela, própria, entendeu? Como é que eu vou, ocupando o espaço, vou, ocupando o espaço, vou tirar a dona da casa? Mano mas enfim, enfim, enfim.

URSULA E JOYCE riem

URSULA BAHIA

É isso... É as nossas...É as nossas batalhas. continua...

JOYCE CURSINO

São espaços que não estão preparadas para nos receber- - Para nos acolher.

URSULA BAHIA

São pessoas que não estão preparadas para nos acolher.

JOYCE CURSINO

A gente vai e ocupa e transforma.

URSULA BAHIA

Transforma. Transforma. É. E falando aqui de ti, é... Qual é esse- - Quais são esses teus- -Quais são os princípios éticos e políticos que esses espaços trouxeram para ti, para comunidade, para essas pessoas que se envolveram dentro desses espaços?

JOYCE CURSINO

É... Acho que tem uma coisa da rede que é muito importante, do fortalecimento em rede, da gente se entender em rede, sab? Se entender como a comunidade, se perceber como comunidade. Isso é muito interessante porque é isso e, tipo, é realmente trabalhando em comunidade ali, né? Então a gente aprende muito sobre a vida também, né? As vezes não tem nem a ver com trabalho, mas sobre conviver com pessoas deferentes, né? Então eu acho que é esse ensinamento, esse aprendizado, essa troca, né?

URSULA BAHIA

Uhum!

JOYCE CURSINO

É uma coisa muito importante. Não pode alguém dar demais ou só receber. Tem que ter essa... essa troca, sabe? Ser esse fortalecimento mútuo e essa questão do aquilombamento principalmente, né? De estar junto né? De realmente procurar um refúgio para fazer a nossa arte, assim, do jeito como a gente quer, é onde a gente consiga também expressar o nosso sonho
continua...

né? E encontrar pessoas para isso, espaços para isso, também. Eu acho que é por aí.

URSULA BAHIA

Tá certo, tá certo! E esse pensamento, é... Dessa contribuição no pensamento feminino, né? Dentro desses espaços, né? Como a casa Samaúma, com o Negritar, qual é... que tipo de colaboração poderia- - pode ter?

JOYCE CURSINO

Eu acho que a mulher é isso mesmo. Ela está sempre olhando pro todo. Ela tem se instinto maternal dela está sempre olhando pra... né? Nessa coisa do acolhimento de todo mundo, vendo se tá todo mundo ali. Às vezes a gente até no ciúme, né?

URSULA BAHIA

É!

URSULA E JOYCE riem.

URSULA BAHIA

Ciúme dos amigos!

JOYCE CURSINO

Ciúme do - -

URSULA BAHIA

Do [inaudível], das pessoas, é! Isso é verdade.

JOYCE CURSINO

Então eu acho que a gente tem esse espírito maternal e a gente imprime muito isso, é... nesse pensamento coletivo, né? Como é que a gente faz? Porque a gente na periferia, muito nova, já tem que cuidar dos primos, da avó, da família, né? Tipo, assim na televisão eu comecei a trabalhar com 15, mas na vida com 12, como compradora de van, aqui nesse bairro, né? Então eu fui fazer a rifa e sempre trabalhei assim de uma forma de ajudar a minha família, né? Hoje o que eu estou falando é que tenha espaço culturais onde as continua...

crianças, os jovens tenham o tempo livre deles para eles brincarem, né? Pra eles fazerem outras essas coisas, pra terem contato com as arte, etc. É... mas a minha realidade vem dessa. Então quando a gente assume responsabilidade muito cedo, nem sempre a gente consegue tá brincando, né? É... A gente entende o nível da nossa região- -

URSULA BAHIA

Da responsabilidade cedo, né?

JOYCE

CURSINO

- -Até hoje, sabe? Firme e forte. A minha tia, é... E assim a gente vai indo, né?

URSULA BAHIA

É as mães são nosso apoio eu faço isso também com a minha mãe! Ontem mesmo eu falei para ela: “Mãe, eu vou precisar da senhora semana que vem”!

JOYCE CURSINO

É, já vai se apumando!

URSULA BAHIA

É! Já vai botando a agenda! “Ai, minha folha, eu acho que eu vou precisar- - o seu irmão pediu pra eu... vir aqui de novo”. Aí eu falei “Mãe, dispensa ele! Eu vou precisar da senhora”! Aí eu falei “Mãe, manda vir outra pessoa que organiza tudo aqui em casa e aí a senhora vai comigo”! Pronto!

JOYCE CURSINO

É uma segurança, né?

URSULA BAHIA É!

JOYCE CURSINO

A gente quer ter uma segurança também.

URSULA BAHIA É.

JOYCE CURSINO

Isso é muito importante.

URSULA BAHIA

É!

JOYCE CURSINO

Essa companhia.

URSULA BAHIA

É, verdade. E no caso, assim, dos espaços? Qual essa importância política pro público, pro teu bairro? Que tu acha que esses espaços que tu tiveste, que tu tens, né, trouxeram? Ou independente, assim? Que a Casa Samaúma, ela tinha essa rotatividade dos eventos, né, é...

JOYCE CURSINO

Funcionava com escritório, né?

URSULA BAHIA

Funcionava como escritório, né? É... Trazia esses debates, né? Então, aí vinha esse público para dentro do espaço. Aqui, como é que está funcionando aqui?

JOYCE CURSINO

Sim, a gente tem é... um espaço de educação, cultura e meio ambiente, né? Então a gente - tudo que a gente faz tem esse pilar, né? Então a gente trabalha com... Já teve oficina de ritmos [inaudível] igarapé, aí ele planta a cuieira aqui -

URSULA BAHIA

Ai, que legal!

JOYCE CURSINO

- - Fez uma oficina de ritmo, já teve boi bumbá lá com a Associação da Terra Firme, então com as crianças e a gente vai ter a horta comunitária, a gente já fez uma oficina de saneamento ecológico, né? Onde a gente inaugurou a primeira infância ecológica do Jurunas. É... Então eu acho que nesses espaços sempre tô muito conectada
continua...

também a essa questão da natureza, né? Como é que a gente se integra mesmo no contexto urbano a essa natureza, esse chão, essa luz da nossa história e aí como um processo de retomada mesmo da nossa memória, das nossas infâncias. Então o espaço EcoAmazôniaS, por exemplo, todo mundo que vem aqui, que são de outra geração, “parece a minha casa, minha avó no interior e isso e esse quintal”, né? Então começa a se ter essa relação de afeto mesmo, né? E de conexão com a terra.

URSULA BAHIA

Uhum!

JOYCE CURSINO

Então esse espaço é que eu, mais ou menos, pra mim, também tem essa conexão muito espiritual com a mata, com a aterra, com as coisas que a gente está mexendo aqui, principalmente nesse contexto de tantas mudanças climáticas que estão afetando essas plantas também, estão afetando, então é um espaço também de preservação ambiental, né?

Onde a nossa cultura, a nossas arte ela também precisa desse combustível, né? Então não só a mata, mas o rio, né? Então toda essa relação assim, como a natureza mesmo.

URSULA BAHIA

Então tem essa, vamos dizer assim, a Samaúma foi essa consciência que essa colaboração, né? É que a gente pode se unir, não é? Pra tentar dar certo, para fazer, para mostrar que a gente é capaz, né? O Negritar, é essa junção da pele negra para mostrar que tem capacidade dentro do audiovisual, dentro das artes visuais, né? E a casa e o espaço EcoAmazôniaS, né? E de mostrar que ainda é possível esse resgate, é... dentro de um bairro, dentro de periferia, né? De que você pode viver bem, que você pode ter o seu quintalzinho ou ter o seu espaço, mesmo pequeno que seja, né? Mesmo que seja dentro de um apartamento, continua...

né? Mas que você possa trabalhar essa ecologia, né? Tanto dentro de casa como fora de casa.

JOYCE CURSINO

Exatamente. É porque aqui são protótipos, né? Como se fosse um laboratório. Então a galera que vem “Eu quero fazer uma fossa lá no interior da minha tia”. Ou então “lá na minha casa”. Então quando ele vem para cá ele já quer realmente multiplicar isso aonde ele tá, né? Então essa rede também de pessoas que, se fosse fazer um curso de bioconstrução ou de saneamento ecológico, como fazia no Fossa Ecológica, é... Isso é muito caro, isso é muito inacessível, né?

URSULA BAHIA

Além de ser caro, até saber aonde tem, principalmente aqui em Belém...

JOYCE CURSINO

Exatamente. E aí tem uma coisa que que é esse ambiente; a metodologia dele é permacultura popular, então não tem uma tem uma visão de projeto, né? De como é que as coisas vão ser construídas, gerenciadas, etc e tal/ Mas o dia-a-dia, a prática que as pessoas, cada uma vem e planta uma coisa e vem cuidar dentro do seu tempo. É... A comunidade vem construindo isso também, então a gente já tem uma proposta de ter uma biblioteca comunitária aqui, É... A gente tem esses muros que são artistas que se juntam e precisam de muro, que precisa de material, aí a gente vê o material com alguém; juntar com eventos e já faz o muro. As pessoas precisam trabalhar na terra que já faz a hirta e, assim, já era muito diferente aqui. Tipo, a gente realmente foi nas entranhas da terra sim, para tirar resíduos sólidos e muitos se transformaram em bancos que hoje a gente senta pra reaproveitar, né? De ter isso não só da boca pra fora num discurso, mas continua...

no cotidiano, sabe? Então quero falar, quando eu falar, nas minhas experiências é... dentro da floresta, seja ela um plano rural, quero fazer meses vivenciais. Então hoje eu sei, aqui, formas de plantar como capinar, quanto que quanto que pesa carregar entulho. Eu sinto todos essas pessoas, mas isso tudo são aprendizados que hoje eu posso chegar com alguém e dizer assim “vamos fazer uma bioconstrução?”, que é projeto daqui também, né? “Da gente fazer de levantar um espaço com garrafas pet, eco tijolos a partir dos resíduos que a gente for consumindo aí ao longo do tempo”. Claro que é um grande desafio porque eu não sou dessa área. É a prima cultura acontecendo, sabe? Entrando na veia e você se relacionando com isso então é muito incrível. Assim, todos os dias aprender um pouco sobre como regar, como colher; Se tu olhar para cima aqui a gente tem vários cachos de açaí então a gente vai ter um retoque que é o dia de tomar o açaí a gente apanha- - JOYCE ri.

URSULA BAHIA

Já tá convidado?

JOYCE CURSINO

Já tá convidado. Conseguir hoje alguém pra apanhar já pode ser que a gente... Mas tá tarde, já.

URSULA BAHIA

Começar a aprender a... —

JOYCE CURSINO

A subir!

URSULA BAHIA

É! Isso!

JOYCE CURSINO

Fazer a peconha. URSULA BAHIA continua...

Fazer a peconha e bora fazer exercício, mano. Apesar que tá baixinho ainda, hein? E fácil.

JOYCE CURSINO

É fácil! E ai o espaço convida as pessoas para além de estar numa roda, de tal de diálogo, de meter a mão na terra, de dizer “Tá, bora entender aqui esse solo, essa coisa, como é que funciona? Como é? Sabe? Sentir também o que a gente está vivendo. Acho que é isso.

URSULA BAHIA

Legal. E pra finalizar: É... Como é que tu vê esse sistema da arte aqui em Belém e principalmente no país? Principal-- e-- esse geral, mas como tu, como mulher, tu vê sistema, né? Se existe esse grande diferencial pra ti como mulher, com mulher preta...

JOYCE CURSINO

Sim.

URSULA BAHIA

Né? É... Como é que está essa transformação? Como é que-- Como é que está essa

transformação também dentro dos espaços?

JOYCE CURSINO

O sistema de artes--

A entrevista é subitamente interrompida.

URSULA BAHIA

Ih, já tem tudo isso?

URSULA E JOYCE riem.

JOYCE CURSINO

Nem parece!

URSULA BAHIA

Nem parece!

continua...

JOYCE CURSINO

Foi rápido.

URSULA BAHIA

É!

JOYCE CURSINO

Faltou o cafezinho aqui, só pra gente ficar bem...

URSULA BAHIA

Né? Pra semana, é isso aí. Então, voltando. É... Como é que tu vê esse sistema, né? Essa utopia desse sistema de arte dentro de Belém e no país e principalmente nessa visão feminina, né? Como uma gestora, né? Como mulher, como mulher negra.

JOYCE CURSINO

O sistema da arte é branco. Ele é predominantemente branco, é... No Brasil, no mundo, a gente ainda tem muito, é... esse sistema operando. A gente não cria sistema, a gente é contra o sistema, né? Então a gente cria várias formas de sobreviver, de aquilombar, de fazer a nossa arte, é. Muitas das vezes sem dinheiro sem recursos--

URSULA BAHIA

Ui! E como!

JOYCE CURSINO

--porque a gente acredita nisso. As pessoas brancas ela tem um sistema a favor delas que vai garantir que elas acessem as coisas. A gente precisa criar os espaços.

U

URSULA BAHIA

É.

JOYCE CURSINO

Então a gente cria ecossistemas, né? Que sejam sustentáveis para gente, que a gente consiga se manter vivas, porque além das questões emocionais que atravessam o nosso corpo por estar na frente, por estar, mas é... Nesse cargo de gestão, a gente tem todo o sistema operando contra, né? Como se a gente tivesse realmente nadando ali contra a maré. Então ser um corpo negro, mulher, periférico, amazônico, nortista dentro desse sistema que é branco é ser... é está sim é... Eu sinto também que nos anos para cá

continua...

a gente, com a internet, sabe? Com a possibilidade de ver outras referências, outras mulheres, em outros lugares, fazendo outras coisas, isso abriu muito a nossa mente, né? De ter referência. Porque antes esses espaços eram ocupados por homens e pessoas brancas.

URSULA BAHIA

Uhum.

JOYCE CURSINO

E hoje cada uma que sobe ela puxa a outra nesse sentido de... Ela também se torna um espelho-

URSULA BAHIA

Uhum!

JOYCE CURSINO

--pra quem está vindo depois, que para quem precisa é alimentar a sua arte. Então eu creio que é... a gente encontra o sistema. A gente cria os nossos espaços, né? É... E ao mesmo tempo isso é muito complexo, porque a gente vive numa região, num país, num mundo que é multicultural. Quando eu falo da branquitude, eu não estou falando exatamente das pessoas brancas—

URSULA BAHIA

Uhum!

JOYCE CURSINO

--mas do sistema da branquitude—

URSULA BAHIA

Uhum!

JOYCE CURSINO

--né? Que eles forem para um espaço colaborativo, não vai ser — isso quando vão, né? Mas não vão ser por sobrevivência,--

URSULA BAHIA

Uhum.

JOYCE CURSINO

--vai ser para fazer investimento,--

URSULA BAHIA

Uhum.

JOYCE CURSINO

-- vai ser [inaudível], e a gente precisa pensar antes na gente, nas nossas famílias, nas nossas comunidades, naquela comunidade, né? Então... É isso... Acho que a gente é contra o sistema!

URSULA e JOYCE riem.

URSULA BAHIA

Contramão do mundo.

JOYCE CURSINO
É.

URSULA BAHIA
É isso.

JOYCE CURSINO

E tá mudando esse cenário né? A gente tem bastante mulheres, bastante pessoas negras na televisão, em --

URSULA BAHIA
É.

JOYCE CURSINO
--lugares de destaque, assumindo seus próprios... Mas a gente não pode recuar porque isso daí não foi dado do nada e nem agora. Isso é fruto de muita luta de muito tempo e daqui a gente precisa —

URSULA BAHIA

Mas tu achas que esse sistema é, vamos dizer assim, como tu achastes de dizer, já tem — já aumentou esse número de participação de continua...

pessoas negras em tudo, né? Dentro do é ... Das TVs, dentro das novelas, das séries, do cinema. Mas tu acha que esse sistema ele tá fazendo isso, eu não, eu não queria usar essa palavra mas eu vou usar, pela cota?

JOYCE CURSINO

A maioria da população aí, a gente movimenta a maior parte dos recursos desse país. Então eles não têm mais audiência. A gente não se vê mais

representada naquelas mulheres que estão lá sempre loiras de olhos azuis protagonizando os filmes porque a gente quer ver os nossos onde a gente estava, onde estejam pessoas parecidas com as pessoas da nossa família, da nossa comunidade, seja narrativas que façam parte do nosso universo, né? Então a gente tem poder.

URSULA BAHIA

Ocupar nosso lugar de direito.

JOYCE CURSINO

É. Então para eles interessa até essas pessoas... Eu acho que a gente teve essa fase, que também foi uma conquista “precisamos ter pessoas negras, não sei o que, não sei o que mas hoje eles buscam essas pessoas porque eles realmente precisam fazer essa roda girar. Quem faz essa roda girar é a gente e aí o dia que a gente ia entender isso, acabou.

URSULA BAHIA

A gente ocupa, literalmente!

JOYCE CURSINO

Só que realmente nós não somos um povo que culturalmente está interessado e a gente não está acostumado a lidar com herança, divisões de coisas, a gente, principalmente nós aqui da Amazônia, pergunto qual é o sonho da pessoa e a pessoa “Ah, morar na praia, ir pro interior. ”.

URSULA BAHIA

“Ter minha casa lá no Combu!”continua...

JOYCE CURSINO

“Uma vida tranquila”! A gente geralmente não sonha em ter muitas coisas, mansões, carros, isso e aquilo, porque a gente já experimentou o melhor da vida que é tá perto da natureza, das pessoas que a gente ama e a gente está tentando não deixar as pessoas que a gente ama e a gente está tentando não deixar as pessoas tirarem isso da gente, né? Com milhares de propostas. É... E não que eu não acho que a

gente não precisa ter abundância e dignidade para fazer tudo que a gente quer e realizar nossos sonhos, sabe? Mas -- é -- o sistema ele não repara para isso, né? Ele coopera sempre para morte da nossa identidade, né? Então só o fato gente está aqui, nós dias conversando com as nossas coisas que gosta, como a gente é, isso já é assim, uma afronta.

URSULA e JOYCE

riem.

JOYCE CURSINO

E o mesmo tempo esperando para que outras gerações com mais... com outras questões pra resolver, que não vão ser as nossas, né? Já vão poder ocupar outros lugares e fazer outras movimentações, né? E assim a gente nasce em milhares dos nossos cada vez que um nosso cai.

URSULA BAHIA

Verdade. Agora, derradeira: Como é que tu te vê, Joyce, né? Futuramente nesses espaços, como é que tu queres o teu futuro nisso?

JOYCE CURSINO

Olha eu...

URSULA BAHIA

O que tu pensa, assim, que tu ainda queres mais?

JOYCE CURSINO

Mais?! [inaudível]. Mais amor, mais paz, amis felicidade, mais pessoas confiáveis, sabe? Ë, mais saúde, é. Mas assim, de movimentação, continua...

acho que teve um tempo ali que foi de tirar os entulhos, teve um tempo que foi de, é... preparar esse terreno e ter um tempo que foi plantar e hoje eu me sinto é plantando e colhendo ao mesmo tempo, né? E eu pretendo continuar esse fluxo assim, é... nesse processo.

Quero muito também poder alcançar novos voos como atriz porque, para sobreviver nessa selva de pedras, muitas vezes fui abdicando dessa minha faceta, dessa minha artista interior pra poder dar conta de todas essas coisas, né? Eu quero ter um tempo mais livre também para me dedicar na minha autoexpressão, Mas assim, hoje eu me sinto bem feliz assim, bem orgulhosa, claro, que os desafios são imensos. Não dá para romantizar a vida dizer assim “Ai, faz tudo com facilidade”.

Não. Tem dias e dias: tem dias de choro, tem dias de estresse, sabe, tipo de poder trabalhar com tranquilidade, né? E com pessoas confiáveis, assim. Com pessoas que eu que, eu sei, que eu sei que eu posso contar. Né? Porque todo mundo tem o seu- - sua – suas – fragilidades, suas vulnerabilidades, seus defeitos. Ninguém é perfeito. Mas quando você tem pessoas que você tem pessoas que vocês podem confiar você vai ser acolhida, né? Você vai ser fortalecida, não rechaçada, e não atirada numa fogueira ou...

URSULA BAHIA

Então como é que tu vê, Joyce, daqui no futuro, não é? Um, dois três, quatro, cinco, dez anos, né? Joyce, Joyce. Pessoa, mulher e também os [inaudível], os ecológicos, como é que tu vê isso futuramente?

JOYCE CURSINO

Olha...

URSULA BAHIA

Qual teu desejo pra ti?

JOYCE CURSINO

A Joyce...
continua...

Joyce ri.

JOYCE CURSINO

Eu quero fazer umas coisas como atriz, né?

Como realizadora também, eu gosto muito de dirigir, etc e tal, então penso muito também de tá é... fazendo também oficinas de arte nesses espaços, né? Também podendo exercer essa troca com a comunidade, é ... e podendo ir trabalhando mais também nessa perspectiva que foi uma coisa que eu abdiquei um acerta parte da minhas vida, né? Pra conseguir estruturar outras coisas e pros espaços cada vez mais independentes, mais autonomia, mais dignidade, né? Até hoje é um projeto independente a produtora porque a gente nunca recebeu um patrocínio, né? Então sempre foi uma seleção, uma qualificação, um projeto que tem que entregar alguma coisa assim. Mas esse apoio, esse patrocínio direito é muito importante, né Pra manter os nossos sonhos vivos, dar próximos passos, expandir.

URSULA BAHIA

Pagar as contas...

JOYCE CURSINO

Pagar as contas. É... Sem saúde financeira também a gente não consegue ter saúde.

URSULA BAHIA

Psicológica pra isso.

J

JOYCE
CURSINO É.

JOYCE ri.

URSULA BAHIA

A cobrança da família

vem... JOYCE CURSINO

continua...

Exatamente. Então assim hoje busca esse bem viver sabe é umas coisas, parcerias, buscas, relações sólidas e espero que esses espaços se

tornem cada vez mais independentes e mais autônomos né? Que a gente consiga ter mais gente, a gente consiga ter uma estrutura para eles se mantenham aí por muito tempo.

URSULA BAHIA

A Negritar na Netflix... na Paramount... em Hollywood...

JOYCE CURSINO

Ê! Estaremos lá!
URSULA E JOYCE riem.
URSULA BAHIA
E para a Joyce?

JOYCE CURSINO

Pois é, eu penso muito também de circular mais nessa de abraçar esses outros personagens como atriz mesmo, né? De... esse ano eu fiz uma peça dirigida pela Célia Maracajá, foi da Cabanagem, né? E eu atuei e tal e aquilo acendeu uma coisa em mim assim, sabe? Amei entregar nessas vivências e tudo então eu espero também conseguir, é... trilhar assim, esse caminho, né? Conseguir manter pra mim também.

URSULA BAHIA

Uhum, tá bom! Obrigada!! MUITÍSSIMO obrigada por abrir esse espaço.

JOYCE CURSINO

Quero ter filho, também! Quero ter neto! Quero ter um monte de coisa assim, sabe?
URSULA ri.

JOYCE

CURSINO

Já tem um galo aí, já tem uma tartaruga...

continua...

URSULA E JOYCE riem.

JOYCE CURSINO

E é isso.

URSULA BAHIA

Que bom! Que bom! Que bom! Obrigada, que seja sucesso, né? Cada vez mais. Que venha Hollywood.

URSULA E JOYCE riem

URSULA BAHIA

Contratos, editais sendo aprovados, patrocínios, né? Que essa COP30 traga realmente coisas pra gente, que... a gente colabore realmente pra gente, né? E que você seja uma dessas contempladas, né? E que a sorte venha sempre pra gente!

JOYCE CURSINO

Axé!

Risos

JOYCE CURSINO

Pra nós. Pra você também, tudo em dobro!

URSULA BAHIA

Obrigadão!

JOYCE CURSINO

Obrigada!

URSULA BAHIA

Te Lovis!

URSULA ri.

JOYCE

CURSINO

Foi?

FIM

TRANSCRIÇÃO DA GRAVAÇÃO COM URSULA BAHIA PARA O DOCUMENTÁRIO

**“MULHERES ATIVADORAS - E OS PROCESSOS DE ATUAÇÃO FEMININA NA
CENA CULTURAL DE BELÉM”**

Por

Ursula Celeste Tavares Bahia de Jesus

Transcrição Alexandre Marinho Matos

Direitos Autorais de Ursula Celeste Tavares Bahia De Jesus, 2024 Todos os direitos reservados	Ursula Celeste Tavares Bahia De Jesus photoub@gmail.com +55 91 98916-0763
--	--

Belém- PA- Brasil
2025

URSULA

Bom, dissertação de mestrado em arte, gravação 1, pergunta 1.

Gostaria que você se apresentasse e falasse como se deu a sua aproximação com a arte e a cultura.

URSULA RESPOSTA

Bom, eu iniciei a minha carreira e minha aproximação com a arte a cultura quando eu me interessei em aprender fotografia. Aos meus 15 anos, quando eu ia completar meus 15 anos, eu pedi pro meu pai uma câmera fotográfica por que eu não queria festa. E ai então, eu acabei ganhando essa câmera e comecei a aprender fotografia. O meu primeiro instrutor foi o fotografo da minha festa de aniversário que eu acabei tendo, e ai foi o senhor Celso Lobo que me ensinou por um mês mais ou menos a base da fotografia e depois eu fui para a fotoativa que ainda era ali na Batista Campos onde é a praça conhecida como Praça do Gomar, então lá eu aprendi um pouco mais aprofundado com Miguel Chikaoka o que era a fotografia, né? E aprender um pouco mais sensorialmente não só a questão técnica da fotografia.

Mas a minha aproximação com arte se deu desde pequena meus pais sempre nos levava a mim e meu irmão a museus e teatros, então sempre tivemos essa aproximação com a cultura. Todo final de semana era os nossos passeios. Então, a gente sempre teve essa possibilidade cultural e esse aprendizado com a arte. E aí, numa exposição de fotografia do professor Arthur Leandro, no Teodoro Braga, eu me interessei pela fotografia e disse para o meu pai que eu queria aprender aquilo, que eu queria fotografar.c

ontinua...

Toda vez que a gente viajava, também, ele pedia emprestado de um amigo uma câmera

fotográfica. E as fotos que prestavam da viagem eram as fotos que eu fazia. As fotos que a minha mãe e ele faziam nunca davam certo, sempre saíam cortadas. E as fotos das nossas viagens eram quando eu pegava a câmera que dava certo. E aí, com a exposição do Arthur, eu tive esse interesse. E foi quando eu pedi a câmera, ganhei e, conseqüentemente, foi passo a passo. Teve o aprendizado com o Seu Celso, depois com o Miguel.

Seguidamente, eu já fui para o Curro Velho, também aprendendo lá com outros fotógrafos, o Wagner Santana, a Paula Morim, o Alexandre Siqueira, que eram professores, instrutores de lá do Curro Velho na época. E palestras, também, da Paula. O Eduardo Kallif também era outro professor que dava oficina lá no Curro Velho, na minha época. E eu nunca parei. Então, todos os anos, seguidamente, abria a oficina no Curro Velho e eu estava lá. Abria a oficina na Fotoativa e eu estava lá.

E aí, conseqüentemente, eu também fui, achei um jornal ecumênico na portaria do meu colégio, que era o Carmo, e aí eu passei, vi um anúncio de fotografia e me interessei. Já tinha feito bastante curso. Já tinha, pelo menos, um ano e meio de curso e aí eu mostrei pra minha mãe disse pra ela que tava interessada, isso eu devia estar no primeiro, tava no primeiro ano, né, e ela disse que não era ainda pra eu ver aquilo que era pra esperar entrar na faculdade, pra fazer estágio da faculdade que era primeiro pra me concentrar na finalização do meu segundo grau, né, mas fiquei com aquilo.

Depois de dois meses o jornal de novo tava lá na portaria do colégio, olhei folheei de novo, tava lá o anúncio e aí imediatamente eu fui no orelhão do colégio, liguei pra redação e perguntei se ainda tinha vaga e eles me disseram que sim, eu continua...

marquei pro dia seguinte pra ir lá, escondida dos meus pais, então no dia seguinte, depois que eu

saí do colégio o meu pai, o escritório do meu pai era na Praça do Carmo, de frente pro colégio do Carmo.

Aí eu falei pro meu pai que eu ia na casa de uma colega e depois de lá eu já iria pro salão da minha mãe que era ali na Cidade Velha também e de lá eu já ia direto pro salão que era o nosso porto, assim, né, que todo mundo a gente almoçava lá e depois tinha que voltar pro colégio de tarde ou pra aula particular ou pro inglês, alguma coisa assim, era onde a gente passava praticamente a semana só voltava pra casa à noite.

Cheguei na redação, né, ainda com o uniforme do colégio e a minha mochila cheia de álbuns daqueles 10x15 e me apresentei, falei que eu tava ali pelo anúncio de fotógrafa e que eu queria, eu fui lá ser entrevistada pra pro trabalho. O pessoal da redação achou estranho porque eu era uma menina né, que tava de uniforme e me chamaram o redator e aí ele percebeu, né, a minha inocência e foi engraçado porque ele pegou o jornal e ele foi falando se eu sabia fotografar pelos modos técnicos, então ele perguntava: ah, você sabe fazer boneco? Aí ele me mostrava a imagem que tava no jornal, aí eu peguei meus albinhos que eu tinha fotografado nesse percurso de oficinas, praticava bastante no colégio gastava minha mesada toda com filme, revelação das coisas que eu fazia no colégio e aí eu fui mostrando pra ele aí, ele foi falando a parte técnica: você sabe fazer boneco? Você sabe fazer plano americano? Você sabe fazer várias outras formas da fotografia, né?

E aí eu fui mostrando pra ele. Ele viu que eu tinha a prática mas eu não sabia o nome técnico né, e aí ele conversando comigo, aí ele perguntou: olha, a gente não tem uma frequência que seja todos os dias, é muito mais pelas pautas, normalmente é pela parte da tarde. E aí, eu vejo que você ainda está estudando, então como é continua...

que seria isso? Aí eu falei, não, é tranquilo, porque eu também, eu estudo, meu período de aula é pela manhã, e à tarde eu tenho algumas outras atividades. E aí a gente pode estar intercalando com esse meu tempo, né?

E aí nessa história eu acabei trabalhando no jornal por dois anos, escondida dos meus pais. Eles achavam que eu ia para aula, para o vôlei, para qualquer outra atividade, para casa de colega para estudar, mas eu estava trabalhando dentro de um jornal. E aí, quando eu completei 18 anos... que já houve a necessidade do jornal de fazer viagens, de fazer pautas viajando, foi que eu falei para minha mãe, que eu estava nesse trabalho e que eu teria que viajar para fazer as reportagens. E foi aí que se deu muito mais essa aproximação com a arte e com a cultura, porque justamente a fotografia me levou a conhecer esses artistas, os fotógrafos.

O Paulo Amorim foi um grande apoiador nesse meu início. Ele que acabou me levando para o sindicato. Ele me acompanhou literalmente para ir no sindicato de jornalista, para tirar minha carteira como fotojornalista. Então, foi assim. Um grande amigo, um grande padrinho. E depois que eu voltei de São Paulo, que eu terminei minha graduação, e aí eu fui fazer a pós em jornalismo em Belo Horizonte, fiquei dois anos em Belo Horizonte, depois eu fui para São Paulo fazer a pós em fotografia. E em São Paulo eu já fiquei por dez anos. E nesse meu retorno, sempre trabalhei lá como fotojornalista, fiz “frila” para o Estadão, para a Folha, para o Brasil de Fato, para a Veja São Paulo e para algumas agências também. E aí depois, nesse meu retorno para Belém, em 2015, não consegui um trabalho dentro do fotojornalismo aqui. E aí foi que eu conheci o Gui Veloso. E, sem saber muito o que fazer, eu encontrei, fui numa palestra dele, e ele justamente estava falando sobre o processo artístico dele, sobre os
continua...

trabalhos dele com os penitentes e com os terreiros. E aí me veio um déjà-vu, que foi justamente da história da exposição do Arthur. E eu disse para ele que, nesse tempo todo que eu trabalhei com o fotojornalismo, fui em várias religiões, em vários templos, celebrações, só que não tinha ido em terreiro.

E aí me veio na cabeça que, justamente, o jornal que eu comecei na minha carreira, que era colocado como ecumênico, não era tão ecumênico, porque, na verdade, as nossas pautas eram sobre as celebrações da Igreja Católica e das igrejas evangélicas. E não tinha de terreiro, não tinha de outros grupos religiosos. Então, aí... E também, quando eu estava em São Paulo, pelos outros jornais, também fiz matéria muito sobre religião, mas nunca tinha ido num terreiro. Hum, vamos dizer assim, o mais alternativo entre essas todas foi Daime, fui lá em São Paulo, mas foi uma exceção. Assim que eles estavam querendo fazer muito mais a questão do chá do que exatamente da religião ou da filosofia que era envolto do chá. E aí, eu peguei e falei isso para o Gui e disse para ele que eu tinha interesse de fotografar aquele tipo de celebração. E aí ele me convidou, né, ao sair de lá, eu...

Fui para a casa de uma amiga, conversei toda empolgada, dizendo que o Gui tinha me chamado para ir fotografar junto com ele, mas eu achava aquilo muito estranho, porque eu achava assim, como é que o Gui Veloso, o grande fotógrafo, vai dar bola para mim? Ele deve ter falado isso só da boca para fora. Aí ela, Úrsula, mas...

Tu queres mesmo fotografar? Eu falei, quero, mano, se tiver oportunidade, se ele realmente puder me levar, eu quero fazer esse tipo de fotografia. Quero embarcar nessa nova oportunidade de talvez tirar os meus projetos fotográficos do baú, autorais, e talvez ingressar nessa parte mais artística, documental, que é o

continua...

que eu gosto de fazer, porque eu vejo que o fotojornalismo é muito enraizado em mim, na minha forma de fotografar, na minha forma de abordar as pessoas. Então, eu vejo que essa parte artística, documental, ela é muito enraizada no meu perfil como profissional. E aí ela disse: olha, eu faço parte de um terreiro, e para a semana vai ter uma celebração na casa do meu avô de santo. Então, se você estiver interessada, eu posso conversar com a minha mãe de santo, talvez. Isso era numa sexta-feira, ela disse, no domingo, como vai ter circular, e tu vai estar aqui, né, conosco, então tu poderias conversar com ela, caso, até a hora que tu estiveres aqui, ela aparecer. E foi o que aconteceu. No domingo, já no final do circular, a mãe de santo dela apareceu, eu não sabia quem era, tocou a campainha, já tinha encerrado a programação dela, mas estávamos dentro da casa, né, onde era o espaço dela, e eu estava na sala da frente, e o restante do pessoal estava tudo no quintal.

E aí tocou a campainha, eu abri a porta, aí uma senhora estava lá, falando. Ah, eu gostaria de conversar com a Sílvia?, eu falei. Ah, pode entrar, ela está lá no quintal. Ela pegou, entrou, né, e eu continuei lá na frente. Aí de uns cinco minutos, chegou justamente essa minha amiga, a Sílvia. Ela falou, Úrsula, essa senhora que acabou de chegar é a minha mãe de santo, e ela quer conversar contigo. Eu falei: ah, tu já falou para ela? Ela disse: não, não falei nada. Aí tá. Aí ela veio, falou assim, ó, quando você abriu a porta, a minha entidade me disse que era para eu conversar com você, para saber o que você quer, porque o que você deseja, ela está te dando a permissão. Aí eu brincando, né?

Eu falei: ah, eu quero muita coisa. Quero ficar rica, quero muita... Aí ela, séria, né? Ela: o que você está querendo? Aí eu falei: eu conversei com a Sílvia, disse que tinha interesse de fazer

um trabalho fotográfico, documental sobre terreiros,
continua...

sobre as celebrações de terreiro. E ela me falou que vocês vão ter uma celebração no sábado que vem, e já que a senhora está aqui, pedir autorização. Porque eu participei de uma palestra na sexta e o palestrante me disse que eu tinha que pedir autorização da entidade, além do pai ou da mãe de santo. Só que eu não acreditei muito. Ela falou, seriamente, ela disse: mas é isso mesmo. E quando você abriu a porta para mim, a minha entidade falou para mim que era para eu deixar você fazer o que você quisesse na nossa casa, que você está sendo muito bem-vinda e que ela lhe apoia nisso. Eu falei, ah, então, muito obrigada, então, vamos lá. E aí, nessa história, eu acabei realmente fotografando, não liguei para o Gui, ele também não me ligou. E aí, conseqüentemente, conhecendo outros pais e mães de santos nas celebrações de terreiro, eu me senti muito bem. Em uma das celebrações que tiveram seguintes, numa dessa, a mãe Nangetu me convidou para uma celebração que ia acontecer em novembro, na casa dela, que é ali no Marco. Eu acabei encontrando com o Gui. E aí, nessa situação, o Gui me falou assim, até agora eu estou esperando você para a gente ir fotografar, você não me ligou, aí eu falei. Mas eu fiquei com vergonha. Aquela história de auto-sabotagem, achando que as pessoas são mais do que a gente e pode perder oportunidades por causa de bobagem.

Mas, enfim, nessa história, a gente acabou saindo juntos. Toda vez que ele tinha celebração, ele me convidava para ir. Acabamos trocando telefone. Ele falou: não, se você quer realmente, tu pode ir comigo, não tem problema. E aí, nessa história, ele acabou me levando nos terreiros que ele ia e nos terreiros que eu acabei conhecendo que ele não conhecia, ele também ia comigo. E nessa

história, eu acabei perguntando para ele como é que se tornava uma fotógrafa autoral, artística. Como eram esses procedimentos, quem é que eu deveria conhecer? Como é que fazia uma exposição? Como organizava tudo isso? E a cada saída, que a gente fazia, ele foi me continua...

ensinando o que ele sabia como artista e como produtor também, porque de certa forma um artista acaba participando Indiretamente de uma produção, de uma exposição ou qualquer outra coisa e aí ele foi me ensinando, fui tirando aquelas minhas dúvidas, parece criança mesmo.

O Projeto Circular foi o que realmente fez eu ter interesse de ter um espaço e aí eu já estava nessa minha volta. Já estava procurando um local que pudesse ter uma galeria de arte, o meu estúdio de fotografia e que eu morasse junto. Queria um espaço abrigando tudo isso e por causa do Circular, eu intensifiquei essa busca desse espaço dentro dos bairros históricos de Belém. Então foi o meu ponto motivacional, foi o projeto Circular e que me deu essa ênfase maior, de acabar aprendendo o que é ser uma artista autoral, o que é ser uma produtora cultural, o que é ser uma curadora, o que é ser uma cenógrafa e tudo mais e organizar principalmente um espaço, mas eu tive muito, muito, muito apoio dos meus amigos que me cercavam. O Gui foi essa base nessa história, dessa organização, o Faustino Castro também porque ele já vinha nessa organização do centro cultural lá do TRE, que fica ali na Cidade Velha e ele me deu muito esse apoio também na organização do espaço.

E o projeto Circular conseguiu uma casa na Gurupá em 2018, lá na Cidade Velha, e foi quando eu entrei no projeto circular. E aí na edição de abril, eu inaugurei o espaço oficialmente com uma exposição minha e do Faustino de fotografia e estou até hoje.

Atualmente o ateliê Jupati está itinerante, não estou com espaço físico, né? Ano passado, em 2024, eu ia participar somente de uma edição ou no máximo duas, que eu tava planejando que fosse de Junho e Outubro, mas devido ao projeto da dissertação, eu acabei participando de todas as edições e foram em locais diferentes e inusitados, tanto que na edição de abril e de junho foi no beco do Carmo,
continua...

no bar do Seu Bené, que é um bar de palafita que tem ali. Então, é um espaço que ele tá com uma pintura, foi feita uma votação na Bienal da Amazônia, e que houve uma intervenção artística de um artista peruano. Pintou todo o bar com o trabalho artístico dele e um amigo me chamou para participar de um fotovareal nesse bar, que eu não conhecia. E aí, eu me encantei pelo bar, e aí, eu falei pro pessoal do projeto se eu podia fazer minha programação lá.

E eles adoraram. Aí na edição de abril, eu fiz lá e o próprio projeto pediu pra eu continuar, se eu fizesse programação em junho para eu permanecer lá no Bené e fazer a minha programação de junho. Foi o que eu acabei fazendo. Na de junho, a professora lá do Fórum Landi, que é coordenadora, ela me chamou pra fazer a minha programação junto com o Fórum Landi na edição de agosto. E aí eu fui pra lá. Em outubro, já fui pro ICA tentando fazer uma junção do projeto com a pós-graduação, com os alunos e depois dezembro, também acabei voltando para o Fórum Landi. E este ano, vou fazer a de julho lá no Bené, novamente e vamos ver o que que tem aí no restante. Mas essa minha aproximação com a cultura, ela vem realmente desde a minha infância e por enquanto não tem período para acabar não.

OFF 2, DISSERTAÇÃO DE MESTRADO,
URSULA BAHIA.

URSULA

Fale um pouco sobre o espaço que você concebeu e como surgiu a ideia?

URSULA RESPOSTA

Bom, o Ateliê Jupati surgiu justamente pelo convite de umas amigas minhas que tinham o espaço Sinhá Pureza. E elas iam inaugurar em 2017, eu acho. Não, em 2015 mesmo. Em 2015, elas iam inaugurar na edição de outubro. E elas me chamaram, perguntaram para mim se eu tinha um trabalho fotográfico pronto que eu pudesse
continua...

expor lá no espaço delas. E participar do projeto junto com elas. E aí foi isso que aconteceu. Acabei descobrindo o projeto Circular. Me interessei bastante. Nesse meu retorno para Belém, eu fui em busca de um espaço para mim. E, em 2018, eu acabei encontrando um casarão lá na Cidade Velha, na Rua Gurupá. E é onde eu aluguei essa casa, onde eu acabei fazendo a parte da galeria lá. Seria uma galeria residência, porque também era o local onde eu ia morar e ter o estúdio de fotografia. E justamente para poder participar do projeto circular. O objetivo era participar do projeto circular. E, a partir disso, eu já conhecia as pessoas que eram coordenadoras de lá do projeto. Era a Tamara Saré, que é fotógrafa, fotojornalista também. E a Makiko Akao, que era coordenadora. Na verdade, a Tamara era coordenadora, mas a Makiko foi a idealizadora do projeto Circular. E, numa palestra que elas foram falar sobre o projeto, na Ná Figueiredo. Eu fui lá e disse para elas que eu tinha interesse de participar. Que eu já estava com o espaço, com a casa.

Era uma questão de elas me aceitarem dentro do projeto, de verificar se a casa também, o espaço, a ideia do espaço eram de acordo com o projeto. E a ideia do projeto é essa. Inicialmente era fazer uma galeria de fotografia, somente de fotografia, para... para... divulgar o

meu trabalho como fotógrafa e dos meus colegas que eu estava participando dentro do coletivo do Foto clube Grão-Pará e de outros grupos de fotografia que eu participava aqui.

Então, o meu interesse era muito mais divulgar o meu trabalho e o trabalho dos meus colegas. Só que quando iniciou o projeto, de eu participar das edições do Circular, já houve uma procura muito grande de outros artistas.

Amaram a casa. Então, eles se ofereceram a... querendo participar e expor os seus trabalhos lá. E foi isso que aconteceu, de eu abraçar, entender
continua...

também essa necessidade expositiva, de espaços expositivos independentes aqui em Belém e foi justamente isso. Acabei abrindo esse leque de exposições dentro do espaço e nessa história já este ano de 2025, o espaço completou sete anos em janeiro e estou aí mesmo itinerante, não com espaço mais físico mas eu estou produzindo e vou continuar a participar do projeto nessa pegada em espaços diferentes até talvez conseguir um outro espaço. Não sei o que o futuro me aguarda.

OFF 3, DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, URSULA BAHIA.

URSULA

Que contribuição você poderia pontuar de um espaço gerido por mulher?

URSULA RESPOSTA

Bom, essa minha trajetória dentro do ateliê Jupati, e principalmente por estar dentro de um projeto de cultura, de fomento de cultura, eu percebi que o espaço parceiro dentro do projeto circular teve um aumento bem grande de mulheres, de espaços e principalmente os espaços também sendo geridos por mulheres. E o que eu percebi nesse longo do tempo que eu

tenho... estado, é que esses espaços, eles são um pouco mais audaciosos com relação às mulheres, independente se vai ter algum recurso financeiro ou não, mas de arriscar um pouco mais, de poder tirar esse projeto, do papel e colocar na prática. O que também foi o meu caso. Eu nunca tive muitos recursos, eu tinha ideia, tinha local, e boa vontade de aprender e trabalhar. E foi assim que o ateliê acabou nascendo. E eu vi que as outras colegas, parceiras do projeto, faziam exatamente essa mesma situação. Então, eu vejo essa audácia, vamos dizer assim, esse arriscar um pouco maior por parte das mulheres. E a contribuição é justamente essa, de enfrentar as coisas. Com tantas adversidades, principalmente quando se volta para a cultura, a gente tem que ser...

continua...

mais batalhador ainda. Porque viver de cultura, viver de fazer arte, é muito uma paixão. É o amor por aquilo que você faz. Claro que a gente precisa de grana para pagar as contas, tudo, mas a gente não trabalha só para isso. A gente trabalha por um objetivo, por uma contribuição, porque a arte é isso. Ela contribui para muita coisa. Ela é uma terapia, ela é um amor, ela é um ódio também. Então, existem várias facetas que a arte e a cultura nos dão. Mas o prazer, a felicidade que é poder fazer um trabalho desse, vem crescendo cada vez mais. Então, eu vejo que esse diferencial, que tem um espaço que é gerido por mulheres, também tem essa questão de um espaço muito mais aconchegante, muito mais familiar, muito mais afetuoso. É claro, não vou dizer que homens façam isso, mas existem. Existem algumas coisas que são muito mais afetuosas, façam isso, fazem, claro. Tem homens que são mais sensíveis também, que tem essa percepção. Mas, no que eu tenho visto nesses últimos anos, dentro do ateliê e dentro do projeto, as outras colegas têm essa mesma sintonia nesses espaços independentes que têm ocorrido aqui em Belém e que também têm

participado do Circular conosco.

Então, eu vejo muito essa contribuição nesse sentido. No meu caso também, eu acabei abraçando uma outra geração, uma outra parte das artes visuais, que também precisava ser apoiada para mostrar os seus trabalhos a outros artistas, artistas novos ou artistas antigos que tinham parado, que estavam meio, vamos dizer assim, se aposentados, já estavam desgostosos, e que eu estava incentivando eles a voltarem à ativa, pelo menos fazer uma exposição, que nunca nem fizeram uma exposição dos seus trabalhos.

Então, eu vejo muito isso, dessa preocupação também que a gente tem enquanto mulher. continua...

OFF 4, DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, URSULA BAHIA.

URSULA

Como você vê o papel da mulher no atual circuito das artes?

URSULA RESPOSTA

Bom, é um papel ainda de luta, de se fazer presente, de mostrar capacidade. A gente ainda precisa mostrar muito serviço que a gente é capaz de fazer as coisas. Eu, por um lado, eu tive sorte de encontrar pessoas que me apoiaram, minha família me apoiou, os meus amigos que foram as pessoas que estão me ensinando nesse meu percurso todo. Então, é uma aprendizagem a cada momento. E essa questão dessa nossa atuação, ela ainda tem essa parte muito militante, sim. Eu não sou uma pessoa que milito tanto, mas eu me posiciono fazendo o meu trabalho, que eu acho que aí é que cabe muito com relação a mim. Eu participo de discussões, de reuniões, estou atualmente como conselheira estadual de cultura, no setorial de artes visuais. Então, eu acho que podendo participar disso, podendo estar

conversando dessas formações dentro da arte, dentro dos editais de cultura, tanto estadual quanto municipal, quanto nacional, estar participando dessas conversas, é fazer com que essa atuação seja muito mais presente.

Então, eu vejo que ainda existem algumas situações em que existe muito machismo, que existem homens que brincam, brincam, entre aspas, muito grande, de achar que mulher ainda não é capaz, não é capaz. Que talvez esse serviço seja um pouco mais braçal. Dentro do audiovisual, a gente vê isso, que a grande maioria ainda é formado por homens, a equipe, e a gente sente isso na pele. Então, é algo que a gente ainda precisa buscar esse nosso lugar ao sol. Mas é um lugar que ele já está se dando, já vem...
continua...

Já vem sendo aceito em alguns setores, outros ainda precisam de uma luta um pouco maior, mas é essa nossa vivência. E o meu papel nisso é justamente esse, que eu acho, que eu vejo que o meu trabalho, ele me faz fazer a minha presença, botar lá o meu presente na hora da chamada. Então, eu tento, no máximo, participar de muitas atividades, de muitas reuniões, de muitas palestras, e em praticamente todas as *vernissages* possíveis que se abrem aqui em Belém. Tenho contato com outros artistas, faço parte de um coletivo nacional de fotógrafos do Brasil, e de fotógrafas também, em grupos só de mulheres, então, eu também tenho feito essa minha presença fora do meu estado, de entrar em discussão, de fazer parte do grupo, de coordenação mesmo, tentar divulgar cada vez mais a nossa produção artística paraense, nacional e internacional, que eu acho que é isso que cabe para a gente também. E eu vejo que esse é o meu papel, como artista e como produtora cultural, é de incentivar cada vez mais essa nova geração de artistas, tanto de artes visuais quanto de audiovisual, quanto da música, de a gente

marcar a nossa presença. E eu acho que, como mulher, esse é o meu papel principal, de ser uma divulgadora do meu trabalho e do trabalho dos meus colegas.

OFF 5, DISSERTAÇÃO DE
MESTRADO URSULA, PERGUNTA 5.

URSULA BAHIA

Que princípios éticos e políticos norteiam o seu projeto de espaço de ativação cultural?

URSULA BAHIA

Bom, os meus princípios vão muito mais dessa parte de divulgar mesmo a arte. Eu me vejo como uma artista que divulga os trabalhos, o meu trabalho e o trabalho dos meus colegas. Então, eu tento abraçar o máximo possível todas essas vertentes que tem dentro da arte e da cultura dentro do meu espaço, tentando fazer com que as pessoas, o público, possam ter interesse, voltar a ter interesse maior pela arte, pela cultura, saber
continua...

discutir sobre isso ou aprender a discutir sobre isso. Porque a gente tem muito essa ênfase que artista é preguiçoso, artista é... é malandro, que não quer nada com nada, que não trabalha, que não faz nada, só sabe beber, fumar e cheirar. Então, tirar esses paradigmas e mostrar que a nossa realidade é uma realidade que é muito produtiva. É que a gente trabalha pra caramba, a gente faz muita coisa, a gente veste muita camisa, faz muita função de tudo, de tudo pra todos, né? Eu percebi isso dentro do espaço, do ateliê, porque eu não sabia o quanto eu precisava ser multitarefas pra poder fazer, entre aspas, uma simples exposição ou uma simples programação de um espaço, né? E eu vejo cada... cada vez mais eu dou valor aos meus colegas, às pessoas que estão nos bastidores da arte e da cultura, porque é essencial a presença de todas essas pessoas. O

audiovisual, as exposições são sempre envoltos de muitos técnicos, então eu vejo que isso é que me norteia muito, desse meu papel, né? De poder estar divulgando, né? De poder estar divulgando, de fazer esta política, fazer com que essa política pública nossa, ela possa se desenvolver mais. Então esse meu papel também como conselheira estadual, como uma representante do meu setorial, eu possa levar a voz desses meus colegas pra que cada vez mais o nosso poder público possa perceber quem somos nós, né? E como o meu espaço, ele também vem com essa voz, de poder divulgar cada vez mais pessoas héteros, negras, indígenas, PCDs, LGBTQIA+, sei lá quantas siglas, já me perdi nisso. Então.... É justamente isso. Fazer com que essas pessoas que não têm voz tenham um mínimo. Então é esse o Norte, né, dos meus princípios dentro do Ateliê Jupati.

OFF 6, PERGUNTA
6, DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
URSULA BAHIA.

continua...

URSULA BAHIA

Qual a contribuição do pensamento feminino nos espaços de ativação cultural no nosso país?

URSULA BAHIA

Bom, eu vejo que... Eu vejo que essa contribuição vem muito mais nesse afeto das mulheres terem essa sensibilidade de poder estar cada vez mais se fazendo presente, de poder chamar outras pessoas ou de perceber outras manifestações que... Muitas das vezes nem são tão divulgadas. Ou artistas que fazem arte e não se acham artistas. Só acham que é porque gostam de pintar, porque trabalham com pintura, porque trabalham com abridor de letas, mas não se sentem artistas. Então, talvez você lapidar algo que está lá, ainda intacto. Aí eu me vejo assim, né? Percebi isso nessa minha trajetória dentro do ateliê, de conhecer pessoas que produzem, mas não se veem como artistas.

E acabei incentivando essas pessoas. Então, eu vejo que... Essa foi a minha contribuição. Está sendo a minha contribuição. E eu vejo que tem muitas colegas pelo Brasil afora que também estão fazendo isso. Estão motivando outras pessoas. Então, eu vejo essa...

Essa contribuição muito mais nessa parte motivacional mesmo. Eu tenho participado de coletivos que a gente tem percebido isso. E tem pessoas que acabam nos descobrindo pelas redes sociais e vêm perguntar se podem conversar comigo. Como é que eu me tornei artista? Como é que eu fotografo? Como é que eu tenho um espaço desse? Como é que faz um espaço desse? Como é que a pessoa pode desenvolver lá na cidade dela, no local onde ela trabalha? Talvez tenha um... Talvez tenha um... Um espaço expositivo. Então, isso é que tem me incentivado bastante. E eu acho que isso que tem feito muito no meu caso, a minha parte dessa contribuição. E eu acho que isso tem muito no meu...
continua...

Nesse meu pensamento é justamente esse abraçar. Eu me sinto uma... Uma mãe, né? De vários colegas aí que eu tento divulgar o trabalho deles, incentivá-los a participar de editais, deles se valorizarem também. E eu acho que isso é importante. Eu tive essa autoestima por causa dos meus amigos, por causa dos meus familiares que sempre me apoiaram, mesmo nas minhas inseguranças. E eu me fortaleci, né? E eu quero fortalecer os meus... Os meus colegas, né? Com essa mesma força. E eu acho que isso é muito esse pensamento de... Que a mulher tem. De proteger, de ajudar, né? De incentivar, e eu acho que vai muito nesse sentido.

OFF 7, DISSERTAÇÃO DE
MESTRADO, URSULA. PERGUNTA 7.

URSULA BAHIA

Qual o papel de espaços de ativação cultural geridos por mulheres na formulação de políticas públicas na área da cultura?

URSULA RESPOSTA

Como eu falei ainda há pouco, a luta da mulher ainda é muito nessa questão, a questão de se colocar ao sol. Então, eu vejo esses espaços que são geridos por mulheres também essa porta que se abre para que haja essa divulgação. Fazer com que as pessoas, hoje em dia, como houve muitas situações, de gestões anteriores na nossa política, que houve um desvio muito grande dos editais de cultura para pessoas que usufruíram de forma errada os nossos editais. Hoje em dia, os espaços independentes vêm muito para esse debate, de como a gente pode fazer cultura de uma forma independente, mas que também a gente ainda precisa do papel público desses editais, desses incentivos econômicos para a gente produzir os nossos trabalhos, para produzir audiovisual, para produzir música, para produzir teatro, discutir como está sendo usufruído, usado o dinheiro público dentro da cultura. Eu vejo que tem essa base, eu acho. Eu tenho percebido muito isso, esse diálogo.
continua...

O papel do ateliê Jupati é justamente esse, ser um espaço que a gente possa estar discutindo sobre política, sobre violência, sobre discriminação racial, de gênero e de tudo mais que possa ter relevância, para que as pessoas descubram, também possam mudar suas cabeças, sua mentalidade. Eu vejo muito esse princípio, fazer com que o público que consome cultura, que consome arte, eles também saibam pensar, saibam dar opiniões, não só ir assistir um cinema, mas saber discutir sobre aquele filme, de ir em uma exposição e saber discutir sobre aquele trabalho, o trabalho que está sendo exposto, de assistir uma peça teatral, e entender também o quão é importante esse incentivo cultural, financeiro, que o poder

público nos dá, para nós que produzimos arte. O quanto é importante a gente pegar esse dinheiro que é de um edital e mostrar, fazer um filme que vá falar sobre sequestros, de pessoas que trabalham de formas irregulares em fazendas, em minério, ou então de falar sobre uma religião ou uma manifestação cultural dentro do Nordeste, que fala sobre uma dor, um flagelo, e que isso precisa ser mostrado sobre a nossa cultura.

Algo que, muitas das vezes, teve uma base dos nossos colonizadores, mas que, quando veio ao Brasil, teve uma outra roupagem, uma outra ênfase, uma brasilidade, e é isso que a gente precisa mostrar. Então, eu vejo que esse é o grande ponto, e ter a liberdade também de falar sobre isso, tem muito aquele melindre de talvez você estar dentro de um espaço público, de um espaço que seja do governo, da prefeitura ou da federação, e que a gente tem que ser muito melindroso para falar algumas coisas. E, nesses espaços independentes, a gente tem essa liberdade de falar o que pensa, falar das pessoas, sem estar... Ah, eu não posso, porque eu tenho protocolos para... Para ser colocados. Então, eu acho que o grande papel desses espaços, e continua...

desses espaços também, no meu caso, que é gerido por mulheres, é esse, é de ter essa liberdade de poder falar sobre o que é nosso, para os nossos, para o nosso público.

OFF 8, DISSERTAÇÃO DE
MESTRADO URSULA, PERGUNTA 8.

URSULA BAHIA

Qual a sua utopia de sistema de arte e cultura em Belém e no país?

URSULA RESPOSTA

A minha grande utopia é que todos os artistas possam produzir e mostrar o seu trabalho, vender o seu trabalho, viver do seu trabalho confortavelmente, que a gente possa ser valorizado cada vez mais e que a gente também se apoie. Como toda grande família, existem aqueles que apoiam, aqueles que não apoiam, existem aqueles que vão estar te motivando e eu quero que isso cada vez cresça, essa motivação, que essa nova geração que está vindo aí, eles possam perceber que a arte ainda é valiosa e que o público perceba que a arte ainda é valiosa. Nós tivemos isso, uma demonstração muito grande, em 2020, na pandemia da Covid. O quão importante a arte é para a gente. O quanto o trabalho de um músico, de um teatro, de um cinema, foi importante, mesmo que virtualmente, para fazer essa distração desse período tão... frustrante, polêmico, doloroso, que nós tivemos em 2020. 2020 e 2021, né? Então, ter esse valor do nosso trabalho, que as políticas públicas realmente possam alcançar, pagar os nossos trabalhos, as nossas produções, que a gente também tenha conforto de produzir, que mais espaços sejam abertos, não só espaços... independentes, como os espaços dessas grandes empresas, elas possam abrir cada vez mais espaços dentro dos 27 estados, né? Então, que isso possa crescer cada vez mais, que o mundo possa perceber que a arte, ela é importante. Ela não é só uma terapia, ela não é só uma distração, mas que ela é algo que possa ser muito mais. E que os artistas, eles possam ter esse valor.

continua...

OFF 9, APRESENTAÇÃO. ÚRSULA BAHIA

Off 9, apresentação da trajetória e criação de processos de atuação feminina na cena cultural de Belém, uma criação poética e documentária. Por mim, Úrsula Bahia é um projeto de dissertação de mestrado em arte. Pelo PPGARTES da UFPA.

URSULA BAHIA

A ideia é um documentário falando sobre essa produção artística de quatro personagens, mulheres, e os seus espaços de cultura. Que é Makiko Akao, dentro da Kamara Kó Galeria de Arte. Heldilene Reale, do Espaço Cultural Candeeiro Galeria. O Eco Espaço Amazonas e a produtora Negritar, da Joyce Cursino. E o Ateliê Jupati, Galeria de Arte Multicultural. Comigo, Úrsula Bahia. É um projeto de dissertação de processo. Bom, e do Ateliê Jupati, Galeria de Arte Multicultural, feito por mim e Úrsula Bahia. É um projeto artístico, é um processo artístico de atuação desses espaços, que é um documentário que tem a entrevista dessas mulheres falando desses seus processos, de como elas se veem como artistas, como produtoras culturais, como curadoras, como mulheres da arte, como incentivadoras. E o papel desses espaços independentes dentro da cena cultural de Belém.

E essa importância dessa criação, desses espaços dentro dessa cena em Belém, não só como artistas, mas principalmente como fomentadoras da cultura e da arte. Então, qual é o papel dessa mulher dentro dessa cena, como está se dando essa cena cultural em Belém? Esse valor, se existe essa valorização ou não, quais são as dificuldades que elas têm dentro desse complexo que é a cultura, do que é a arte, de como é você talvez ser artista e ser uma produtora, ou você ser uma produtora, e gerir um espaço, gerir a carreira de outros artistas, de ir em busca de incentivos, de fazer esse papel de uma produtora cultural, para divulgar aquele espaço, para divulgar um trabalho que você queira produzir como artista, divulgando o trabalho talvez de outros artistas também.
continua...

Então, o objetivo desse projeto é esse, é fazer com que também essa cena cultural possa perceber esse crescimento desse papel feminino, dessa responsabilidade com que

essas mulheres vem criando esses espaços, mantendo esses espaços, fazendo com que esses espaços tenham cada vez mais uma visibilidade para o nosso público, e também para que os artistas possam divulgar os seus trabalhos. Esse é o grande objetivo desse documentário, fazer com que também esses novos artistas que estão aí na faculdade, ou que estão aprendendo por si só, ou fazendo cursos, eles possam ter locais onde eles possam fazer cursos, eles possam ter locais onde eles possam fazer cursos, onde eles possam mostrar o que eles estão produzindo.

FIM.

ESPAÇOS CULTURAIS INDEPENDENTES**PATROCÍNIO**

BOLSA CAPES GOV.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Finance Code 001.



APOIO INSTITUCIONAL:
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ



ICA-INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE-UFGA



PPGARTES-PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES-UFGA



FAV-FACULDADE DE ARTES VISUAIS-UFGA



FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO-UFGA



FÓRUM LANDI-UFGA

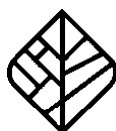


APOIO

PROJETO CIRCULAR CAMPINA CIDADE VELHA



PANIFICADORA VILPAN



na
figueredo
NÁ FIGUEREDO